PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lucilene Santos Silva Fonseca

O USO DO *BLOG* NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: UMA INVESTIGAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MESTRADO EM LIGUÍSTICA APLICADA

E ESTUDOS DA LINGUAGEM

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Lucilene Santos Silva Fonseca

O USO DO *BLOG* NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: UMA INVESTIGAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

Dissertação apresentada à banca examinadora de qualificação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Heloisa Collins.

SÃO PAULO

2009

Errata

- Pág.47

Nesta pesquisa, tais fases ficam evidentes. Primeiramente delimitou-se o campo de ação: cinco classes do EJA – 2º e 3º EM; depois, definiu-se quais dados levantar e como se daria a sua coleta: notas da professora, comentários e avaliações dos alunos que, por fim, foram usados com a autorização dos participantes (entregues ao Comitê de Ética da PUC-SP) para a análise e discussão dos resultados.

PDF Create! 3 Trial
www.scansoft.com

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Heloisa Collins

Profa. Dra. Leila Bárbara

Profa. Dra. Betina von Staa

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data:_____, ___/___/2009.

Agradeço a Deus

por manter-me com:

saúde, fé e determinação

para lutar incansavelmente...

Agradecimentos

CAPES,
pelo apoio financeiro.

Heloisa Collins,
por ter confiado em mim e depois,
compreendido minha luta, indicado o caminho...

Professoras,
Antonieta A. Celani, um exemplo para sempre!
Maria Cecília Magalhães, Maximina Freire,
Sumiko Ikeda, Tony Berber-Sardinha.
Betina von Staa e Solange Gervai,
pelas contribuições na qualificação.

Alunos, Diretoria e Corpo Docente do E.E. Lasar Segall.

Aos colegas do LAEL, especialmente:
Ana Silvia Montrezol, Andréa Marques, Bélia Bonini, Ediléa Correa,
Eliana Burian, Erisana, Liliane Silva, Maria Paula Wadt, Paulo Oliveira.

Apoio incontestável,
Márcia e Maria Lúcia (LAEL).

Meu pai, pelo exemplo de humildade, paciência, honestidade...
Minha mãe que sempre lutou para que eu chegasse até aqui.

Em especial,
gostaria de agradecer a Maria do Carmo Dias Batista,
que durante anos me acompanhou,ouviu, compreendeu, ajudou e incentivou.

Meus queridos amigos,
que me incentivaram, compreenderam minha ausência,
meu momento de vida e que de alguma forma
colaboraram para que este mestrado finalizasse.

Ser mestre

Tarefa tão difícil mas não impossível,
tarefa que pede sacrifício incrível,
tarefa que exige abnegação,
tarefa que é feita com o coração

Nos dias cansados, nas noites de angústia,
nas horas de fardo, da tamanha luta,
chegamos até a nos questionar,
será, Deus, que vale a pena ensinar?

Mas bem lá dentro responde uma voz
a que nos entende e fala por nós,
a voz da nossa alma, a voz do nosso eu.

Vale sim, coragem!

Você ensinando aprende também,
Você ensinando faz bem a alguém,
e vai semeando, nos alunos seus,
um pouco de paz e um tanto de Deus.

(Autor desconhecido)

RESUMO

Atuar como professora no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola pública motivou-me a criar e a implantar um *blog* para complementar as aulas de Língua Portuguesa. O uso desse recurso buscou compor um banco de materiais e atividades e envolver os alunos no contexto digital.

Esta pesquisa objetivou, portanto, descrever e analisar a experiência da professora com esse recurso nas aulas de língua portuguesa nas turmas de Ensino Médio do EJA, a partir das notas de campo da docente, bem como identificar e avaliar a receptividade dos alunos com a implantação e o uso do *blog*, a partir de comentários registrados nele e questionários.

A fundamentação teórica da investigação está centrada na Teoria Sócio-Histórica-Cultural (Vygotsky, 1934/1998), na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994/2000) e na noção de Avaliatividade (Martin, 2003, 2005), bem como no conceito de reflexão crítica (Schön, 2000).

Desenvolvida dentro do paradigma da pesquisa qualitativa (Flink, 2004), esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso (Lüdke, 1986; Ventura, 2007).

Ao final do trabalho, ficou evidenciado que ele trouxe contribuições para a área de novas tecnologias aplicadas à educação, especificamente em cursos de EJA, já que, como resultado do processo gerado por meio da implementação de um *blog*, mostro como é possível aos alunos desses cursos conceber o computador e seus múltiplos recursos como uma alternativa eficiente para aprofundarem seus conhecimentos.

Palavras-chave: *blog*, ensino de língua portuguesa, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

ABSTRACT

Working as a teacher in Education of Young People and Adults in a public school motivated me to create and use a blog to complement the Portuguese lessons. The use of this resource not only aimed at building a bank of materials and activities but also sought to insert students in the digital context.

Therefore this research had as objectives to describe and analyze the teacher's experience regarding this resource in Portuguese lessons in groups of young people and adults from the teacher's field notes as well as to identify and evaluate the receptivity of the students in relation to the introduction and use of the blog from the comments in it and questionnaires.

The theoretical basis of this research are centered on Social-Historical- Cultural Theory (Vygotsky, 1934/1998), on Systemic Functional Linguistics (Halliday, 1994/2000) and on the notion of Appraisal (Martin, 2003, 2005) as well as on the concept of Critical Reflection (Schön, 2000).

This research was developed based on the qualitative research paradigm (Flink, 2004) and it is characterized as a case study (Lüdke, 1986; Ventura, 2007).

At the end of this work, its contributions to the area of new technologies applied to education became evident, specifically in the courses for young people and adults, since as a result of the process generated by means of the blog implementation, I show that it is possible for the students view the computer and its multiple resources as an efficient alternative to deepen their knowledge.

Key words: blog, Portuguese teaching, Education of young people and adults

LISTAS

Tabelas

Tabela 1 - Número de matrículas na Educação Básica por localização e dependência administrativa, segundo a região geográfica e a Unidade da Federação, em 30/5/2007.....17
Tabela 2 - Número de matrículas em EJA nos cursos presenciais por faixa etária, no Estado de São Paulo, em 30/5/2007. 18
Tabela 3 – Distribuição classes/alunos. 71
Tabela 4 – Distribuição classes/alunos/questionários respondidos 78
Tabela 5 – Avaliação do uso do *blog* pelos alunos. 79
Tabela 6 - Avaliação das orientações para uso do *blog*. 80
Tabela 7 – Sugestões de melhorias. 81
Tabela 8 – Experiência didática prévia com recursos tecnológicos. 81
Tabela 9 – Avaliação da viabilidade do uso do *blog*. 82
Tabela 10 – Preferências por tipos de recursos disponibilizados no *blog*. 83
Tabela 11 – Preferência ou não pelo ambiente *on-line* para aprendizagem. 84
Tabela 12 – Iniciação. 96
Tabela 13 – Metafunção interpessoal. 97
Tabela 14 – Exemplo de iniciação. 98
Tabela 15 – Comentário de aluno. – Processos. 98
Tabela 16 – Comentário de aluno. – Modalizadores. 100
Tabela 17 - Comentário de aluno. – Modalizadores 100
Tabela 18 - Comentário de aluno. – Modalizadores 100
Tabela 19 – Comentário de aluno.. 101
Tabela 20 – Comentário de aluno. 101
Tabela 21 – Comentário de aluno. 101
Tabela 22 – Comentário de aluno. – Modalizadores. 102
Tabela 23 – Comentário de aluno. – Modalizadores, ...102
Tabela 24 – Comentário de aluno. – Modalizadores. 102
Tabela 25 – Comentário de aluno. – Modalizadores. 103
Tabela 26 - Comentário de aluno. – Modalizadores. 103
Tabela 27 – Comentário de aluno. – Atitude. 105
Tabela 28 – Comentário de aluno – Atitude. 106
Tabela 29 – Comentário de aluno. - Atitude. 107
Tabela 30 – Comentário de aluno. - Atitude. 107
Tabela 31 – Comentário de aluno. – Atitude. 108
Tabela 32 – Comentário de aluno. – Atitude. 108
Tabela 33 – Comentário de aluno. – Atitude. 109
Tabela 34 – Comentário de aluno. – Atitude 109
Tabela 35 - Comentário de aluno. – Atitude 109
Tabela 36 - Comentário de aluno. – Atitude 110
Tabela 37 – Comentário de aluno. – Atitude 111
Tabela 38 - Comentário de aluno. – Atitude 111
Tabela 39 - Comentário de aluno. – Atitude 112
Tabela 40 - Comentário de aluno. – Atitude 112
Tabela 41 - Comentário de aluno. – Atitude 113

Esquemas

Esquema 1 – Corrente de ações e reflexões recíprocas. 30
Esquema 2 – Corrente de ações e reflexões recíprocas. 31
Esquema 3 – Metafunções e variáveis de registro. 36

Quadros

Quadro 1 – Metafunções e seus reflexos na gramática (Vian Júnior, 1997). 37
Quadro 2 – Funções de fala (Vian Júnior & Ikeda, 2007). 39
Quadro 3 - Objetivos, questões da pesquisa, ações, instrumentos. 48

Figuras

Figura 1 – Página de entrada de um *blog*. 51
Figura 2 – Página inicial do passo a passo da criação de um *blog* no *Blogger*. 52
Figura 3 – Página de *login* do *Uol Blog*. 55
Figura 4 – Página inicial do *blog Minhas Aulas*. 58
Figura 5 – Exemplo de publicação no *blog Minhas Aulas*. 61
Figura 6 – Página da Escola à qual o *blog Minhas Aulas* estava *linkado*. 62
Figura 7 – Página para publicação de comentários no *blog Minhas Aulas*. 64
Figura 8 - Texto da professora orientando a participação dos alunos. 95
Figura 9 – Comentário de um aluno. 97

Gráficos

Gráfico 1 – Avaliação do uso do uso do *blog* pelos alunos. 79
Gráfico 2 – Avaliação das orientações para o uso do *blog*. 80
Gráfico 3 – Sugestões de melhorias. 81
Gráfico 4 – Experiência didática prévia com recursos tecnológicos. 82
Gráfico 5 – Avaliação da viabilidade do uso do *blog*. 83
Gráfico 6 – Preferências por tipos de recursos disponibilizados no *blog*,. 84
Gráfico 7 – Preferência ou não pelo ambiente *on-line* para aprendizagem. 84
Gráfico 8 – Experiência do semestre na visão de alguns alunos. 93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1 22
Fundamentação teórica 22
1. A Teoria Sócio-Histórica-Cultural 22
1.2. A Reflexão Crítica 27
1.3. A Linguística Sistêmico-Funcional 33
1.3.1. A metafunção interpessoal 37
1.3.2. Avaliatividade 39

CAPÍTULO 2 42
Metodologia 42
2.1. A natureza, a abordagem e o tipo da pesquisa 42
2.2. Objetivos e perguntas de pesquisa 47
2.3. Contexto da pesquisa 48
2.3.1 Instituição e participantes da pesquisa 48
2.4 Objeto da pesquisa 49
2.4.1. O *blog* 49
2.4.1.1 *Blog*: uma ferramenta 54
2.4.1.2. *Blog*: um espaço de comunicação 56
2.4.1.3. *Blog:* um gênero digital 57
2.4.2. O *blog* Minhas Aulas 59
2.4.2.1. *Blog*: um recurso didático 62
2.4.2.2 Como o blog foi usado durante as aulas 65
2.5. *Corpus* 65
2.5.1 Procedimentos de coleta 66
2.5.1.1. Planejamento e criação do *Minhas Aulas* 66

CAPÍTULO 3 68
Análise e discussão dos resultados 68
3.1 A experiência com o *blog* sob o ponto de vista da professora e dos alunos 68
3.1.1 A percepção da professora durante a experiência 69
3.1.2 A receptividade dos alunos expressa nos questionários 78
3.2 A troca comunicativa no *Minhas Aulas* 94
3.3 As atitudes dos alunos expressas no *Minhas Aulas* 104
3.3.1 O julgamento 105
3.2.2 A apreciação 106
3.3.3 O afeto 110
3.4 Síntese da análise 113

CONSIDERAÇÕES FINAIS 115

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 117

ANEXOS 124
Anexo 1 – Tutorial – *Blog* Minhas Aulas 125
Anexo 2 - Notas\ de campo\ do professor \ 129
Anexo 3- Comentáriosfeitos pelos alunos no *blog* 139
Anexo 4- Questionário de avaliação do uso do *blog* 142
Anexo 5 - Conteúdo temático do *blog* Minhas Aulas 143

INTRODUÇÃO

Trabalhar como professora substituta de Língua Portuguesa em uma Escola Estadual com Ensino de Jovens e Adultos (EJA), durante o 2.º semestre de 2007, despertou meu desejo de buscar alternativas para impulsionar a aprendizagem e promover a interação entre os alunos, o professor e os conteúdos didáticos, bem como a reflexão crítica dos envolvidos.

Esta investigação, desenvolvida no âmbito da Linguística Aplicada (LA), portanto, resulta da experiência profissional durante a minha trajetória nesse semestre com a proposta de implementar um *blog* que pudesse disponibilizar conteúdos para meus alunos do EJA, que teriam ali um espaço não só de consulta, mas de interação tanto com os colegas quanto com a professora.

Conforme a *Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos*[1],

> Educação básica para todos significa dar às pessoas, independentemente da idade, a oportunidade de desenvolver seu potencial, coletiva ou individualmente. Não é apenas um direito, mas também um dever e uma responsabilidade para com os outros e com toda a sociedade. É fundamental que o reconhecimento do direito à educação continuada durante a vida seja acompanhado de medidas que garantam as condições necessárias para o exercício desse direito.

Assim, reunidas sob a rubrica EJA encontram-se a educação formal e permanente, a educação não-formal e "toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes em uma sociedade educativa e multicultural"[2].

Retomando historicamente a Educação de Adultos no Brasil, Rocha (2002: 5) identifica, no final dos anos 50, duas tendências: aquela entendida como uma educação libertadora (conscientizadora), defendida por Paulo Freire, e a entendida como educação

[1] Documento resultante da *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos* (Hamburgo,1997) que norteia as bases para EJA no mundo desde então. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/Onu/Educacao/texto/hamburgo.html. Acesso em: 28 mar. 2009.
[2] *Op. cit*.

funcional (profissional). Na década de 70, essas duas correntes continuaram a ser entendidas como educação não-formal e como suplência da mesma.

Com a Lei n.º 5692/71, os Conselhos Estaduais de Educação passaram a ter flexibilidade e autonomia para normatizar o tipo de oferta de cursos supletivos nos Estados, o que gerou grande disparidade nas modalidades implantadas. Em 1975, para implementar o fixado pela legislação, a Secretaria Estadual da Educação criou o departamento de Ensino Supletivo (DESU) em reconhecimento à importância crescente que essa modalidade de ensino vinha assumindo.

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu que a educação é "direito de todos e dever do Estado e da família"[3] e ainda, que o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito seja oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, constam, no Título V, Capítulo II, Seção V, dois Artigos relacionados, especificamente, à Educação de Jovens e Adultos:

> Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
>
> § 1.º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.
> § 2.º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.
>
> Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.
>
> § 1.º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:
> I. no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;
> II. no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.
> § 2.º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Os atuais objetivos e prioridades do EJA são apresentados no Plano Nacional de Educação:

> Garantia de ensino fundamental a todos os que não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. A erradicação do analfabetismo faz parte dessa prioridade, considerando-se a alfabetização de jovens e adultos como ponto de partida e intrínseca desse nível de ensino. A alfabetização dessa população é

[3] BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil - 1988.* Art. 205. Disponível em: <http://www.trt02.gov.br/geral/Tribunal2/Legis/CF88/CF88_Ind.html>. Acesso em: 12 mar. 2008.

> entendida no sentido amplo de domínio dos instrumentos básicos da cultura letrada, das operações matemáticas elementares, da evolução histórica da sociedade humana, da diversidade do espaço físico e político mundial da constituição brasileira. Envolve, ainda, a formação do cidadão responsável e consciente de seus direitos.[4]

Há uma preocupação crescente com o EJA, e registro nesse sentido já se faz presente no Parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação[5], que aborda a questão da denominação "Educação de Jovens e Adultos" e "Ensino Supletivo", define os limites de idade fixados para que jovens e adultos se submetam a exames supletivos, atribui as competências dos sistemas de ensino e explicita as possibilidades de certificação.

As *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos*, entretanto, definem-se com a Resolução CNE/CEB n. 1, de 5 de julho de 2000:

> Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:
>
> I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;
>
> II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;
>
> III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica.[6]

No âmbito da implementação das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*, criaram-se algumas frentes de trabalho específicas:

---

[4] BRASIL. *Plano Nacional de Educação* - introdução: objetivos e prioridades dois. MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em 12 mar. 2009.

[5] BRASIL. *Parecer 05/97 do Conselho Nacional de Educação.* CNE, MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&task=view&id=361&Itemid=409>. Acesso em 12 mar. 2009.

[6] BRASIL. Resolução *do Conselho Nacional de Educação.* CNE, MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em 12 mar. 2009.

- **Programa Fazendo Escola**, que congrega informações sobre o Programa de Apoio à Educação de Jovens e Adultos;
- **Proposta Curricular**, que reúne os subsídios à elaboração de projetos e propostas curriculares para o 1.º Segmento e do 2.º Segmento do Ensino Fundamental, produzidos pelo MEC;
- **Material Didático,** disponibilizado pela *Coordenação-Geral de Educação de Jovens e Adultos* (COEJA);
- **Legislação**, que define os dispositivos legais de âmbito federal que dão respaldo à Educação de Jovens e Adultos.

É importante ressaltar que a *Coleção Cadernos do EJA* foi elaborada para o Ensino Fundamental (EF), não contemplando, porém, o Ensino Médio (EM) e Profissional (EP).

De acordo com os dados apresentados no *Censo Escolar de Educação Básica* de 2007[7], a distribuição da matrícula na modalidade de ensino EJA está nas escolas das redes estaduais (58,3%) e municipais (38,8%), sendo menor nas privadas (2,8%) e rede federal (0,1%). O *Censo Escolar de 2007* inclui os cursos profissionais de EM. Na *Tabela 1*, vê-se, em números absolutos, a distribuição de matrículas na rede pública e privada tanto no Brasil, quanto no Estado de São Paulo, que abriga a cidade onde se desenvolveu esta investigação.

Unidade da Federação	Matrículas na Educação Básica									
	Localização / Dependência Administrativa									
	Total	Total				Urbana				
		Federal	Estadual	Municipal	Privada	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
Brasil	53.028.928	185.095	21.927.300	24.531.011	6.385.522	46.031.609	155.894	21.021.716	18.538.399	6.315.600
São Paulo	10.634.855	4.346	5.077.518	3.868.825	1.684.166	10.462.208	4.346	5.002.195	3.777.209	1.678.458

Tabela 1 - Número de matrículas na Educação Básica por localização e dependência administrativa, segundo a região geográfica e a Unidade da Federação, em 30/5/2007.[8]

É no Estado de São Paulo que se encontra a maior concentração de matrículas nessa modalidade de ensino, que responde por 33,2% do total do País. Na capital, São Paulo, o

[7] O *Censo Escolar da Educação Básica* é uma pesquisa realizada anualmente junto a todos os estabelecimentos de ensino público e privado do país pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), por intermédio da Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED). Periodicamente a coleta adotada no Censo, sistema informatizado de levantamento de informações estatístico-educacionais sobre as diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, oferece um cadastro de alunos e docentes.

[8] Fonte: *Censo Escolar da Educação Básica 2007*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>. Acesso em: 12 mar. 2009.

maior número de alunos está nas faixas etárias de 18 a 24 anos e de mais de 39 anos, de acordo com os dados apresentados pelo mesmo *Censo*, como se pode comprovar na *Tabela 2*.

Unidade da Federação	Faixa Etária								
	Total	0 a 14 anos	15 a 17 anos	18 e 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	Mais de 39 anos
SP	754.076	1.707	64.769	117.655	144.703	103.587	96.307	82.237	143.111

Tabela 2 - Número de matrículas em EJA nos cursos presenciais por faixa etária, no Estado de São Paulo, em 30/5/2007.[9]

Quase todo o público da EJA encontra-se no primeiro segmento do EF. A quase totalidade dos alunos desses programas, incluindo os adolescentes, é de trabalhadores que, com sacrifício, dispõem-se a frequentar cursos noturnos, na perspectiva de melhorar suas condições de vida. A maioria nutre a expectativa de continuar os estudos: concluir o ensino fundamental, ter acesso a outros graus de ensino e habilitações profissionais, uma vez que crescem as exigências educativas na sociedade contemporânea. Essas exigências estão relacionadas a diferentes aspectos da vida das pessoas como o trabalho, a participação política, a vida familiar e comunitária, as oportunidades de lazer e o desenvolvimento cultural.

Segundo Rocha (2002: 10), é necessário que o educador de jovens e adultos conheça a realidade dos educandos, já que ele tem como promover a motivação necessária à aprendizagem, despertar neles interesses e entusiasmos, abrir-lhes um maior campo para que atinjam o conhecimento desejado.

O jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatar a sua autoestima, pois sua "ignorância" lhes trará ansiedade, angústia e "complexo de inferioridade". Eles são tão capazes como uma criança, mas têm um nível de subjetividade e uma realidade cultural bastante diferentes em relação a ela; por esse motivo principalmente é preciso que as metodologias empregadas nessa modalidade de ensino sejam adequadas, exigindo artifícios eficientes.

Paralelamente à evolução do EJA nas últimas décadas, tivemos o surgimento e a evolução das novas tecnologias e da Internet como aliadas à educação, ampliando as

[9] Fonte: *Censo Escolar da Educação Básica 2007*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>. Acesso em: 12 mar. 2009.

possibilidades de buscas de informações e pesquisas, bem como de interação. Moran (s.d.) ressalta que:

> *A Internet está se tornando uma mídia fundamental para a pesquisa. O acesso instantâneo a portais de busca, a disponibilização de artigos ordenados por palavras-chave facilitaram em muito o acesso às informações necessárias. Nunca como até agora professores, alunos e todos os cidadãos possuíram a riqueza, variedade e acessibilidade de milhões de páginas WEB de qualquer lugar, a qualquer momento e, em geral, de forma gratuita.*

É consenso atualmente que o uso da tecnologia é fundamental nos mais diversificados contextos. As escolas precisam acompanhar e inserir as novas tecnologias em seu programa educacional para não correrem o risco de caírem no atraso funcional do ensino obsoleto, e o fato de os alunos do EJA do EM já estarem, na grande maioria, inseridos no mercado de trabalho, que já incorporou as ferramentas digitais, é mais um argumento a favor do uso das novas tecnologias também nesse contexto. Bovo (2001) defende a utilização de novas tecnologias na EJA, justamente porque o computador e o mundo digital fazem parte do cotidiano tanto do trabalho como da sala de aula, podendo atuar como instrumentos facilitadores e motivadores da aprendizagem. Uma das ferramentas digitais que fazem parte desse conjunto de possíveis facilitadores e motivadores da aprendizagem é o *blog*.

Jorn Barger, reconhecido como autor de um dos primeiros FAQ - *Frequently Asked Questions* - da história da Internet em meados de 1997, foi, segundo Novaes (2007-2008), pioneiro em desenvolver um sistema no qual uma pessoa poderia relatar tudo o que achasse realmente interessante na Internet. Para nomear esse sistema ele utilizou o termo *weblog*. Muitas pessoas pronunciavam essa palavra da forma que achavam mais conveniente, até que Peter Merholz a pronunciou como se a estivesse dividindo em duas partes - *wee-blog* -, a um passo do que se consolidou - simplesmente *blog*.

Novaes (2007-2008, s.p.) afirma que:

> A moda dos *Blog*s começou mesmo no ano de 1999, quando muitos *blogueiros* começaram a construir *blog*s para tratar sobre diversos assuntos, alguns para fazer um "diário virtual", outros para fazer humor, política, e assim por diante; mesmo com conhecimentos intermediários em linguagens de programação e design, os *blogueiros* se sentiam importantes com seus *blog*s, eles o tratavam como jóias raras e mostravam para todo mundo como se os assuntos apresentados ali fossem algo do interesse de todos.

Uma das primeiras empresas a desenvolver um sistema para automatizar a publicação de *blog*s foi a *Blogger*, que soube como facilitar a publicação de artigos com uma interface simples, cujo uso estava ao alcance de qualquer leigo – adolescentes de 12 anos já

conseguiam facilmente criar o seu próprio *blog*. Como o custo de criação, edição e atualização era zero, o sistema de *blogs* se popularizou rapidamente.

O autor aponta, ainda, para o fato de que "em 1999 o número de *blog*s não passava de 50; já no ano de 2001 eram contabilizados milhares de *blog*s e em 2003 eles atingiram a assombrosa média de 3 milhões de *blog*s". Graças a esse crescimento, muitas empresas decidiram traduzir seus sistemas de *blog*s para a língua portuguesa, para oferecer no Brasil todas as ferramentas originais. Hoje há mais de 50 milhões de *blog*s espalhados pela rede, conforme relata o autor.

Usar um *blog* é como mandar uma mensagem instantânea para toda a web: você escreve sempre que tiver vontade e todos têm acesso ao que você escreveu. Os *blogs* também são uma excelente forma de comunicação entre familiares, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. O *blog* é considerado por Paz (2003: 1) um fenômeno integrador e reprodutor de relações sociais. Importante no contexto da Internet, segundo a autora, tem um papel cultural.

Em termos educacionais, Von Staa (s.d.) ressalta que, por meio do *blog*, o professor tem um recurso, um espaço enorme para explorar uma nova maneira de se comunicar com os seus alunos.

O *blog* também pode ser utilizado, no campo educacional, como uma ferramenta pedagógica, consolidando-se como ambientes de construção cooperativa de conhecimento, facilitando a aprendizagem colaborativa e sendo utilizado em projetos educacionais.

Muitos são os projetos educacionais desenvolvidos sobre o ensino e aprendizagem em contextos educacionais, tanto presenciais como virtuais, pelos grupos de pesquisa vinculados às instituições de ensino superior. Esta investigação, especificamente, encontra-se no âmbito do *Edulang*, grupo de pesquisa do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, diretamente ligado à linha de pesquisa *Linguagem, Tecnologia e Educação* na interface com *Linguagem e Educação e Linguagem e Trabalho*.

Neste trabalho, relata-se a experiência de uma docente de EJA que cria um recurso virtual, o *blog Minhas Aulas*, para articulá-lo às aulas de língua portuguesa de uma escola pública da cidade de São Paulo.

Os objetivos da pesquisa, dentro desse contexto, são descrever e analisar a receptividade dos alunos com a implantação e uso do *blog*, a partir de questionários e comentários registrados nele, bem como a experiência da professora com esse uso nas aulas de língua portuguesa – EJA, a partir das notas de campo da docente.

As perguntas norteadoras do trabalho são:

- Como os alunos se relacionam com o uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa?
- Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pela professora durante as aulas com o uso do *blog* na escola pública?

Para a análise, baseio-me, em relação à concepção de ensino-aprendizagem, na Teoria Sócio-Histórica-Cultural; na parte linguística, uso o conceito de *avaliatividade*, fundado na Linguística Sistêmico-Funcional.

Para apresentar a pesquisa desenvolvida, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, apresento as teorias em que fundamento a pesquisa: a Teoria Sócio-Histórica-Cultural (Vygotsky, 1934/1998), a Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994/2000) e a noção de Avaliatividade (Martin, 2003, 2005), bem como o conceito de reflexão crítica (Schön, 2000).

No segundo, explico a natureza, a abordagem e o tipo da pesquisa, detalho a metodologia, o contexto e o objeto da investigação – o *blog Minhas aulas* -, bem como apresento o *corpus* levantado e as categorias utilizadas para a análise.

No terceiro, parto para a análise e discussão dos dados, e, finalmente, nas *Considerações finais*, concluo o trabalho buscando contribuir para outras pesquisas sobre novas tecnologias aplicadas à educação, especificamente em cursos de EJA.

CAPÍTULO 1
Fundamentação teórica

Ao trabalhar no contexto escolar com um *blog* no EJA, para complementar minhas aulas de Língua Portuguesa (leitura, interpretação de textos e imagens, produção textual e atividades diversas), pude aplicar os principais referenciais teóricos estudados durante o mestrado.

Neste capítulo apresento as teorias que considero fundantes para embasar os assuntos centrais deste trabalho de pesquisa: a Teoria Sócio-Histórica-Cultural de Vygotsky (1934/ 1998), a Reflexão Crítica de Schön (2000) e a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994/2000) e Martin (2003, 2005). Fundamentando-me nelas, responderei as questões desta pesquisa.

1. A Teoria Sócio-Histórica-Cultural

Inicio meu trabalho contemplando a Teoria Sócio-Histórica-Cultural, cuja origem se deve a Lev Semenovich Vygotsky (1934/1998), que vem sendo revisitada por muitos pesquisadores, tais como: Almeida (1997), Daniels (2002), Duarte (2001, 2005), Freitas (2006), Magalhães (s.d.), Newman & Holzman (2002), Oliveira (1998) e John-Steiner (2000).

Vygotsky propôs uma abordagem de base sócio-histórico-cultural da aprendizagem, com foco na origem social da inteligência. Ao estudar as relações trocadas entre os participantes desta pesquisa, é inegável a importância desse autor, que aqui é usado para parametrizar a investigação de como o aluno se relaciona com o *blog* nas aulas de Língua

Portuguesa, analisar as participações no *blog* e as reflexões da professora nas suas notas de campo.

Esta pesquisa focaliza uma experiência sociopedagógica vivida durante três meses por mim, professora de língua portuguesa, em um contexto escolar em que pude utilizar a linguagem para promover a interação e facilitar o ensino-aprendizagem.

Como a interação é a base do processo educacional, busquei em Vygotsky (1988) a base teórica adequada, que propiciasse a observação do processo interacional em um *blog*. O conceito para definir o padrão relacional, comunicação mediada por computador, está na base da teoria sócio-histórica preconizada por Vygotsky (1934/1998), que enfatiza que a consciência é construída a partir das relações do homem com o meio ambiente. Sua teoria baseia-se no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, nas relações travadas no social, em contextos particulares e historicamente considerados. É uma teoria que ressalta a importância do papel da linguagem como mediadora na aprendizagem.

Nos estudos vygotskyanos, a questão central é a produção de conhecimentos pela interação com o outro, em que mediado pela linguagem, o sujeito (re)cria e (re)interpreta informações, conceitos e significações, pensando, falando e usando a linguagem socialmente. Para Vygotsky, "a relação pensamento-linguagem é a chave para a compreensão da natureza humana" (Freitas, 2006: 98).

Nessa direção, Franco (2005: 5) comenta que "para Vygotsky (1988), os processos psicológicos superiores, tais como a representação simbólica, são processos de natureza dialógica, cuja construção se dá através do jogo de relações semióticas propiciado pelos agentes da cultura e pelos produtos culturais, em particular, a linguagem".

É um fato, e os estudos de Vygotsky assim evidenciam: no contexto social e de maneira colaborativa, as relações podem ser construídas e mudadas de tal modo que, o que o aluno faz hoje com ajuda de "outro", amanhã será capaz de fazer sozinho. Daniels (2002: 8) ressalta que as ferramentas utilizadas no dia a dia "não podem desempenhar nenhum papel na ação humana se não forem apropriadas por indivíduos concretos agindo em contextos específicos".

No contexto desta pesquisa, todos puderam interagir e produzir novos conhecimentos ao compartilharem suas descobertas e usarem a linguagem num ambiente sócio-cultural.

Nesse meio educacional, em uma situação concreta de aula, o professor "trabalha com o aluno, explica, dá informações, questiona, corrige, leva o aluno a demonstrar, até que este consiga internalizar o conteúdo em foco, agindo por fim independentemente" (Freitas, 2006: 103), para que aprendizagem e desenvolvimento ocorram.

A **e**scola de Vygotsky atribui grande importância **"**à apropriação, pelo indivíduo, da experiência histórico-social, dos conhecimentos produzidos historicamente e já existentes objetivamente no mundo no qual o indivíduo vive" (Duarte, 2005: 12). Valoriza o fazer junto, a interação situada, as ferramentas e objetos culturais, até os conhecimentos historicamente produzidos, acumulados e transmitidos.

Criei e usei o *blog* para possibilitar o acesso a materiais envolvidos na aprendizagem da língua portuguesa a jovens e adultos, disponibilizando a todos um arquivo virtual com o conteúdo das aulas, criando oportunidades para incentivar a leitura, interpretação e produção textual, a pesquisa e o letramento digital. Para Almeida (1997: 1), o computador é um instrumento de cultura e pode ser usado como tal, já que auxilia o professor a promover o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, da criticidade e da autoestima positiva do aluno. Por intermédio desse recurso,

> [...] propicia-se o 'pensar-com' e o 'pensar-sobre-o-pensar'", favorecendo ao professor identificar o nível de desenvolvimento do aluno e seu estilo de pensamento ao mesmo tempo que o educador é constantemente um aprendiz realizando uma 'leitura' e uma reflexão sobre sua própria prática, depurando-a e depurando seu conhecimento.

Sob essa perspectiva, o aluno, antes considerado receptor de informações, transforma-se no responsável pela construção de seu conhecimento, "usando o computador para buscar, selecionar e inter-relacionar informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias ideias segundo seu estilo de pensamento". Quanto à sequência dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento, a autora afirma que a aprendizagem é que gera o desenvolvimento, o conhecimento.

Na mesma direção, Duarte (2005) assegura que a teoria vygotskyana defende a ideia de que não é o professor que ensina, mas sim o aluno que aprende, ao construir o conhecimento por meio de relações socioculturais, colaborativo-críticas. A aprendizagem é

propiciada pelo contexto social e pela ação do próprio aluno que está presente no ambiente escolar. Nesse contexto histórico e cultural dos processos de aprendizagem em desenvolvimento, o aluno percebe ser necessário "ter a iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com os demais elementos do contexto histórico no qual está inserido" (Duarte, 2005: 6).

É certo que, no ambiente sócio-histórico, o computador, utilizado como uma ferramenta a mais, propicia que o aluno desenvolva sua potencialidade para aprender novos modos de agir. Para Vygotsky (1934/1998: 112), pode-se diminuir

> [...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes,

para se favorecer a aprendizagem. Esse processo define o que Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Um "espaço" colaborativo criado na interação para provocar, induzir os alunos a avançar nos estudos, torna-se possível com a interferência na ZDP, "o meio pelo qual as funções psicológicas superiores são produzidas socialmente", conforme relatam Newman & Holzman (2002: 39), para efetivar e promover novas aprendizagens. Esses autores consideram a ZPD uma "tática-para-si-mesma", não usada para um determinado fim. O ensino necessita incidir sobre a ZDP, ser direcionado para estimular os processos e servir de base para a aprendizagem, que traz à tona o desenvolvimento.

Com base nessas evidências, Magalhães (no prelo) faz uso do conceito de Newman & Holzman (2002: 46), para quem a ZPD é a relação entre "ser e tornar-se". Essa pesquisadora ressalta que

> [...] o conceito de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD) é central para a criação de espaços colaborativos de reflexão crítica no contexto escolar, compreendidos como práxis, isto é, como *atividade prático-crítica*. As ações como práxis propiciam um quadro teórico-metodológico para a reflexão sobre o objeto em questão com base no materialismo-histórico-dialético: 'criar atividades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os participantes, em pesquisas conduzidas no contexto escolar'.

Oliveira (1998: 2) assinala que um ambiente virtual, embasado no construtivismo dialético vygotskyano, favorece a troca de informações e de ideias. Com o uso do *blog*, há possibilidade de a produção do conhecimento no *ciberspace* ocorrer sem fronteiras, o sujeito-

aprendiz conseguir edificar o saber em tempo real e o professor, como parceiro, ter a oportunidade de construir o saber junto com o aluno. Trata-se de um recurso oferecido pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), que se beneficia desses fundamentos teóricos. O "emprego das NTIC na educação possibilita a criação de ambientes novos com estruturas flexíveis, abertas, integrando várias mídias e possibilitando a interação entre os participantes do processo" (Oliveira*, op.cit.*: 2), tais como o *blog*.

No *blog Minhas Aulas* há estruturas de interação entre alunos, professor e ambiente computacional, que favorecem as relações sociais e o aprendizado.

Como aponta Lopes (2002: 7) o "uso da Internet nas escolas está delimitado, em sua maioria na pesquisa de informação. As pessoas esquecem que o grande potencial da Internet é a comunicação". Normalmente, em um primeiro momento, a Internet é usada como ferramenta e o acesso à informação é sua característica mais marcante. Implantar o *blog* como um arquivo virtual do conteúdo das aulas buscou favorecer o trabalho do professor e propiciar ao aluno a construção e reconstrução do conhecimento.

Os estudos de Vygotsky ressaltam o papel da escola na transmissão do conhecimento, que é diferente dos aprendidos na vida cotidiana. A interação que ocorre entre o sujeito-aprendiz, o computador, o professor-educador e o conteúdo (objeto de estudo) é fundamental para se integrar, ultrapassar limites e procurar desenvolver o letramento digital, a cognição, por meio da construção de diversas relações nos diferentes contextos sociais. Almeida (1997: 1) ressalta que o professor deve se preparar para situações de aprendizagem que lhe convidem a atuar como

> [...] mediador e promotor do processo de aprendizagem segundo a zona proximal de desenvolvimento ZPD, de Vygotsky, promovendo a reflexão, a depuração e a construção do conhecimento, em um ambiente onde o aluno é o sujeito da aprendizagem significativa, porque lhe é dada a liberdade de trabalhar o conhecimento que esteja em sintonia com os seus interesses e necessidades.

Almeida (2005: 24) adverte:

> [...] cabe aos formadores a criação de situações que permitam o desenvolvimento de processos dialógicos e reflexivos sobre as dinâmicas das atividades em desenvolvimento e a mediação pedagógica, as novas descobertas, produções, dificuldades e estratégias, respeitando os momentos de apropriação, internalização e produção individual, conforme as preferências de aprendizagem explicitadas nas intervenções e nos espaços de comunicação da plataforma tecnológica de suporte às atividades.

Um ambiente escolar colaborativo é considerado por John-Steiner (1998: 1) um "contexto emocional intenso", no qual se toma a fala de alguém para pensar, expandir, refletir etc. Trata-se de uma ZPD mútua, um lugar do vir-a-ser, criado na interação, que propicia que as pessoas aprendam a desenvolver conhecimento. John-Steiner (2000: 187) afirma:

> The collaboration provides a mutual zone of proximal development where participants can increase their repertory of cognitive and emotional expression.[10]

A escola pode ser esse contexto colaborativo no qual as interações acontecem, desde que se promovam ações. Ela faz parte do cotidiano das sociedades, conta com ferramentas e profissionais responsáveis pelo aprendizado, que têm a preocupação de formar cidadãos críticos e reflexivos.

1.2. A Reflexão Crítica

Para analisar as reflexões advindas desta pesquisa, baseio minhas considerações em Freire (1987), Kemmis (1987), Liberali (2006), Magalhães (2004), Schön (2000), Smyth (1992), Zacharias (2007). Almeida (1997: 1) afirma que:

> [...] para olhar para a transformação na atuação do professor é preciso que ele vivencie situações onde possa analisar a sua prática e a de outros professores, estabelecer relações entre elas e as teorias de desenvolvimento subjacentes, participar e promover reflexões coletivas sobre as mesmas, discutir suas perspectivas com os colegas e buscar novas orientações.

Não há dúvida de que no ambiente escolar as pessoas têm a oportunidade de agir, comunicar-se, conviver com a linguagem e a educação. Como professora do EJA, procurei ações que promovessem a reflexão-na-ação recíproca (Schön, 2000: 86), o ensinar de modo reflexivo. Dialogar, olhar os valores e as ações que embasaram a reflexão no dia a dia, o que se deve e pode trabalhar na classe para avançar no aprendizado.

A reflexão está no repensar crítico dessas ações diárias: explorar, analisar, duvidar, conjecturar, interpretar etc. Pratica-se, discute-se e questiona-se para se refletir sobre um tema, uma atividade, um contexto, para entender, compreender uma situação, levantar

[10] *A colaboração promove uma zona de desenvolvimento proximal mútua, na qual os participantes podem imcrementar seu repertório de expressão cognitiva e emoxional,* (Trad. da pesquisadora.)

hipóteses e elaborar um plano de ação, o que, na prática, foi ofertado por meio do *blog Minhas Aulas*. Uma prática que remete ao conceito central do pensamento de John Dewey, conforme relata Zacharias (2007), é a experiência, que consiste por um lado, em experimentar e, por outro, em provar.

Zacharias (2007: 1) aponta que, para Dewey, a ação do ensino-aprendizagem reflete em:

> - uma compreensão de que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, distante da previsibilidade das idéias anteriores;
>
> - alunos e professor detentores de experiências próprias, que são aproveitadas no processo. O professor possui uma visão sintética dos conteúdos, os alunos uma visão sincrética, o que torna a experiência um ponto central na formação do conhecimento, mais do que os conteúdos formais;
>
> - uma aprendizagem essencialmente coletiva, assim como é coletiva a produção do conhecimento.

Vale lembrar que "para Dewey, *o conhecimento é uma atividade dirigida que não tem um fim em si mesmo***,** mas está dirigido para a experiência. As idéias são hipóteses de ação e são verdadeiras quando funcionam como orientadoras dessa ação" (Zacharias, 2007: 1).

Zacharias exalta o estudo de John Dewey, que divide a ação em "rotineira" e "reflexiva":

- **ação rotineira:** toma por certa a definição de realidade social e os objetivos para os quais a ação é direcionada da forma como são estabelecidos, enquanto permite variações nos meios pelos quais tais objetivos poderiam ser alcançados;
- **ação reflexiva:** supõe uma consideração ativa, persistente e cuidadosa de qualquer crença ou suposta forma de conhecimento à luz das bases que a apóiam e das consequências mais profundas para as quais ela conduz.

Smyth (1992: 268), após Dewey ter feito essa distinção entre ação rotineira e reflexiva crítica, defende que, no final, o que importa é agir para inovar na prática.

A ação reflexiva crítica deve ser investigada e analisada para ser comprovada. É necessário examinar, analisar, investigar, levantar os fatos, dados; conhecer a prática para descrever; entender e refletir; questionar-se para conhecer o outro. Além disso, é necessário

também praticar ações que permitam confrontos, questionamentos e argumentos para se dominarem competências para a construção social, isto é, que possibilitem construir e reconstruir ZPDs, um processo de reflexão do micro ao macrocontexto social.

A possibilidade do ensino reflexivo é questionada por Smyth (1992: 270), como também a ação do professor que é guiado e controlado por um poder central, recebe e cumpre ordens, vive de maneira conservadora. Há um paradoxo, já que se forma um professor que não tem autonomia para transgredir as regras impostas. Tudo permanece igual, nada é alterado. Há reformas, mas elas são embasadas pelos que detêm o poder, de maneira hierárquica.

Fato é que, na opinião de Smyth (1992: 275), a aproximação reflexiva não avançou e o estudo de Donald Schön acabou por confirmar, legitimar o pensamento de Dewey. Smyth (1992: 288) defende a prática schöniana, que operacionaliza os estudos de Dewey ao apontar que, para se formar um bom profissional, é necessário haver a colaboração, a prática na e sobre a ação. Essa noção se combina com o trabalho de Paulo Freire (1987), pois propõe as ações de descrever, informar, confrontar e reconstruir com foco na ação com função social.

Para Freire (1987) "não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico". Freire (1987: 46) considera que, "através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem histórico-sociais".

Schön (2000), porém, concentrou-se no aprendizado organizacional e na eficácia profissional. Discutiu o conceito de reflexão-na-ação e os processos componentes de dizer e ouvir, demonstrar e imitar, presentes no diálogo entre instrutor e estudante. Quando dizer/ouvir e demonstrar/imitar são combinados, oferecem uma grande variedade de objetos e modos de reflexão possíveis: perguntar, responder, aconselhar, demonstrar, observar, imitar, criticar – todos conectados de tal maneira que uma intervenção ou resposta pode desencadear ou construir outra.

Há ação nas aulas analisadas: o agir que leva à reflexão durante a ação. Há um momento posterior à aula (um segundo momento), que faz refletir sobre uma outra ação que já aconteceu durante a aula. É necessário que o pesquisador reflita na/durante sua prática, esteja envolvido no meio social da pesquisa, na escola, na sala de aula. Trata-se de um processo semelhante ao que ocorreu durante a experiência com o *blog*, já que ele entrelaça

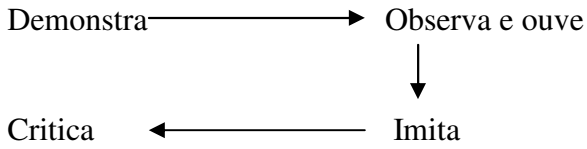
esses tipos de aprendizagem. O estudante "aprende a reconhecer e a apreciar as qualidades do bom projeto e da atividade competente" (Schön, 2000: 86), quando instruído de maneira completa.

O professor-educador precisa conhecer o conteúdo para que elabore as atividades de tal modo que reproduza, demonstre, instrua, observe o processo, reflita na ação. O educador e o aluno precisam fazer um trabalho cognitivo para adquirirem competências, dialogarem, construírem, aprenderem e interagirem, mudarem, crescerem, aprimorarem-se e refletirem-na-ação (Schön, 2000: 86). Durante a reflexão, a ação muda, pois é trazida para ser aperfeiçoada, para se pensar sobre ela. Há o pensar sobre, resolver o problema da prática. Não se separa o pensar do agir. Refletir na prática, sobre a prática para conseguir alterá-la, é um compromisso com o social.

As instruções dadas para a execução das atividades inseridas e ofertadas no *Minhas Aulas,* que foram elaboradas com textos autênticos por meio da Linguística de Corpus, precisaram ser cuidadosamente formuladas. Tal procedimento remete à afirmação de que "toda tentativa de produzir uma instrução é um experimento que testa tanto a reflexão do instrutor sobre seu próprio ato de *conhecer-na-ação* como sua compreensão das dificuldades dos estudantes" (Schön, 2000: 88)

Schön (2000: 95) apresenta a corrente de ações e reflexões recíprocas, supostamente causais, por meio dos seguintes exemplos:

1. **Instrutor** **Estudante**



Esquema 1 – Corrente de ações e reflexões recíprocas.

No *Esquema 1*, as setas indicam ligações supostamente causais entre elementos da sequência. Numa dimensão vertical de análise, níveis mais altos de atividade são a meta para os mais baixos. Assim, "subir" é mover-se de uma atividade para a reflexão *sobre* aquela atividade e "descer" é mover-se da reflexão para a atividade que permite vivenciar a reflexão.

Já o *Esquema 2*, apresentado por Schön (2000: 95), mostra que ações ocorrem quando a ação de uma parte desencadeia a reflexão da outra, ou quando a reflexão de uma desencadeia a ação de outra.

2. **Instrutor** **Estudante**

Demonstra ⟶ Observa e ouve

ou

Critica o desempenho do estudante ⟶ Refaz

Esquema 2 – Corrente de ações e reflexões recíprocas.

Quando a ação não vai na direção desejada, não se consegue compreendê-la e ir adiante na atividade proposta. Nesse caso, é necessário ir a outro "degrau na escada da reflexão, comunicar-se sobre o impasse ou mal-entendido que a pessoa experimentou" (Schön, 2000: 96). A interação ocorre por meio de "um diálogo bem-sucedido" se as partes envolvidas refletirem sobre o próprio diálogo na tentativa colaborativa. Entretanto, isso não é fácil. Schön (2000: 189) registra que, entre os anos de 1974 e 1978, trabalhou com Chris Argyris, quando construíra sua teoria de que "os seres humanos, em sua interação com o outro, constroem um *design* de seu comportamento e dispõem de teorias para fazê-lo". Schön (2000: 86) contribuiu para a compreensão do processo reflexivo ao enfocar as teorias de ação, que se constituem por valores, estratégias e pressupostos básicos que explicam os padrões de comportamento interpessoal dos indivíduos. Essas teorias operam em dois níveis:

- **na ação** - explicam / justificam nosso comportamento; e
- **sobre a ação** – embasam nossos padrões de comportamentos espontâneos com os outros.

Para descrever o comportamento interpessoal, especialmente em situações de dificuldade ou estresse, Schön (2000) cria um modelo bastante geral que chama de *Modelo I*. Nele a aprendizagem tende a um "circuito único". É limitada, uma vez que motiva o comportamento e leva a "aprender sobre estratégias e táticas para conquistar os próprios objetivos" (p. 190). Neste modelo, a interação baseia-se na derrota ou vitória e há um controlador do processo que, no contexto escolar, normalmente, é o professor.

Schön e Argyris examinaram o padrão interacional do *Modelo I* e construíram o *Modelo II*, que "destina[va]-se a criar um universo comportamental", entender e repensar o

problema no qual as pessoas pudessem colaborar e intercambiar informações válidas, mesmo a respeito de questões sensíveis e difíceis, sujeitar dilemas privados à investigação comum e fazer testes públicos de atribuições negativas que o *Modelo I* manté[tinha] privadas e inacessíveis à discussão" (Schön, 2000: 191)**.**

Desde o início da década de 1970, os autores têm trabalhado com pessoas interessadas em examinar suas teorias em uso real e explorar a transição de um comportamento de *Modelo I* para um de *Modelo II*. Schön e Argyris afirmam que, no *Modelo II*, a "aprendizagem não deve limitar-se a uma aprendizagem de circuito único, mas incluir aprendizagem sobre as variáveis dominantes que estão por trás das estratégias dominantes" (Schön, 2000: 191).

Tais considerações nos remetem à reflexão quanto à experiência desta pesquisa, uma vez que durante as aulas nas quais o *blog* foi trabalhado, os alunos puderam, com liberdade de expressão e disposição para correr riscos, discutir, fazer experimentações de alta relevância pessoal, viver relações interpessoais. A aprendizagem foi orientada por meio de testes teóricos e práticos, propiciando seu "circuito duplo", por meio de atividades feitas em grupo, processos testáveis e avaliativos para levar a pensar e refletir. Essa experiência de ensino prático reflexiva facilitou para que o professor pudesse refletir, "aprender sobre sua própria experiência acumulada" (Schön, 2000: 192).

Essa experiência é importante para a Linguística Aplicada (LA), em que o pesquisador "é parte do universo pesquisado e pode construir; experienciar para ver, derivar e modificar o modo de agir e ser acadêmico" (Cavalcanti, 2004). É necessário estudar e pesquisar para buscar entender tanto o indivíduo como o ambiente sociocultural em que atua para transformá-lo usando a linguagem.

Durante a experiência deste trabalho, foi fundamental utilizar "a linguagem, um *instrumento de transformação* da atividade mental de pensar sobre o fazer" (Liberali, 2006) junto aos alunos da EJA. Viver a experiência como educadora no EJA favoreceu a condição de oportunizar a reflexão crítica de todos os envolvidos com o contexto da pesquisa. É importante lembrar que, para Almeida (2005: 24), em situação de educação, é necessário desenvolver a

> [...] autonomia para a busca e seleção de informações, na produção colaborativa de conhecimento, na reflexão na e sobre a ação, na compreensão de que a aprendizagem decorre da interação entre o sujeito e o meio, conforme o esforço

> individual de cada participante para estabelecer o diálogo com as informações, tecnologias e com o meio social [...].

Para Liberali (2006: 11), a formação crítica dentro da visão da LA vale-se da linguagem como um instrumento vygotskyano de transformação da atividade mental de pensar sobre o fazer, que facilita a formação de ideias e construção de propostas concretas para a reconstrução das próprias ações, o que a torna um "objeto a ser construído para criar espaços para a participação maior dos professores nas discussões sobre sua prática".

Uma linguagem que permita, não só ao professor, mas aos participantes, "a análise das práticas discursivas da e sobre a sala de aula" (Magalhães, 2004: 73), utilizada durante a experiência objeto desta pesquisa.

Na próxima seção, apresento a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday,com foco na Metafunção interpessoal e na Avaliatividade, que utilizarei para compor o diagnóstico linguístico-reflexivo que será feito mais adiante.

1.3. A Linguística Sistêmico-Funcional

Fundamento esta etapa dentro do arcabouço teórico da LSF. Eu a utilizo por haver no seu âmbito uma grande preocupação em compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras desvinculadas de seu contexto de uso.

Considera-se a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) uma teoria de linguagem que busca olhar para a língua como ação social, um caminho que pode descrever os padrões linguísticos utilizados no contexto sócio-histórico-cultural detalhadamente.

Conforme afirma Vian Júnior (1997: 28), o maior responsável pelo estudo e desenvolvimento dessa gramática é o linguista inglês

> [...] Michael Halliday, cujo trabalho foi influenciado pelos trabalhos do antropólogo Malinowski, que cunhou o termo contexto da situação, o qual, mais tarde, exerceu importante papel no pensamento de Firth e, posteriormente, nos trabalhos do próprio Halliday.

A GSF de Halliday (1994/2000) difere de outros tipos de gramática por ser dirigida para o significado e uso da língua como um fenômeno social, não individual. Ela tem como objetivo a análise de textos escritos e falados em uso. A visão da GSF é um recurso para se entender o significado das escolhas feitas no uso da língua usada socialmente no dia a dia.

Motta-Roth & Heberle (2005: 13) ressaltam que Halliday ao elaborar a LSF denomina-a "*sistêmica* por se referir à linguagem como redes de escolhas (Eggins, 1994), relacionadas a variáveis de registro e de macro e microestruturas, e de *funcional* por sua relação com a atividade social".

O autor considera que:

> Every text – that is, everythig that is said or written - unfolds in some context of use; furthermore, it is the uses of language that, over tens of thousands of generations, have shaped the system. Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs – it is not arbitrary. A functional grammar is essentially a 'natural' grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used.[11]

Nos diversos contextos sociais, inclusive no escolar, comunicamo-nos porque desejamos estabelecer relações, expressar idéias e organizar isso de alguma forma. Há duas dimensões que permitem caracterizar o contexto social das escolhas linguísticas de um determinado texto, segundo a teoria hallidyana: o contexto de situação e o contexto de cultura.

Como relatam Halliday & Hasan (1989: 7), o conceito de contexto de situação foi cunhado por Malinowski em um artigo de 1923, para designar a situação de produção de um texto, considerando que, para a compreensão desse texto, o conhecimento do ambiente de criação, da situação em que foi pronunciado, era essencial.

Firth, o primeiro professor de lingüística geral da British University , colega de Malinowski, também acreditava que o significado de um texto decorria do contexto em que era produzido. Entretanto, Firth considerava a noção de Malinowski pouco adequada para uma teoria lingüística, dado que era pouco abrangente, voltada para textos específicos. Para Firth, conforme registram Hallyday & Hasan (1989: 8), o contexto da situação abarca:

---

[11] *Todo texto – considerado como tudo o que é dito ou escrito - manifesta-se em algum contexto de uso; além do mais, foi o uso da linguagem que, durante inúmeras gerações, configurou o sistema. A linguagem se desenvolveu para satisfazer necessidades humanas; e o modo como se organiza é funcional em respeito a essas necessidades – não é arbitrário. Uma gramática funcional é essencialmente uma gramática 'natural', no sentido de que tudo pode ser explicado, em última análise, pela referência a como a linguagem é usada.* (Trad. da pesquisadora.)

- os participantes da situação de produção, considerados em relação aos seus papéis sociais;
- a ação verbal e não-verbal dos participantes em relação ao que estão fazendo;
- outros aspectos relevantes da situação, que têm alguma influência na produção do texto (escrito ou oral);
- os efeitos da ação verbal, em outras palavras, as alterações decorrentes da fala (ou escrita) dos participantes.

Esse contexto, portanto, trata da gama dos elementos considerados relevantes à articulação da língua perante uma situação da vida, consequência de um processo simultaneamente individual, pelo pensamento, e coletivo, pela interação. Logo, "o contexto da situação se constitui em uma 'força dinâmica' na criação e na interpretação do texto" (Motta-Roth & Heberle, 2005: 15).

Por sua vez, o contexto de cultura refere-se a um conjunto de valores compartilhados por uma comunidade, um *background* abrangente que contribui igualmente para a interpretação de um texto. Enquanto o contexto de situação refere-se ao momento mais imediato de cada situação de produção, o contexto de cultura constitui-se pelos conhecimentos construídos coletivamente e compartilhados por comunidades culturais específicas.

De acordo com Halliday & Hasan (1989: 55), os significados, portanto, provêm da relação entre texto e contexto, o que implica que "o ambiente no qual qualquer texto é produzido também se configura a partir de uma série de textos prévios, os quais são reconhecidos e incorporados na compreensão do evento linguístico, e relacionados ao fator cultural".

Segundo Halliday (1994/2000), todo uso da linguagem serve a propósitos sociofuncionais, ou seja, a língua é sempre utilizada para alcançarmos objetivos socialmente estabelecidos. Ele determina essa funcionalidade com base na estreita relação entre a interpretação do texto, o sistema linguístico e os elementos nos quais ele é estruturado. A Sistêmico-Funcional amplia, portanto, a dimensão da compreensão do fenômeno lingüístico, considerando seu papel como promotor das relações sociais.

Logo, o contexto da situação é marcado pelas variáveis de registro, isto é, o que se fala, a relação entre os participantes da interação e o papel da linguagem em um dado contexto. A teoria de registro tem por função descrever o impacto das dimensões do contexto imediato da situação de um evento no modo como a linguagem é usada (Eggins, 1994: 9).

Para Halliday (1994/2000), assim, o contexto de situação se define por três variáveis de registro:

- **o campo** - a natureza da prática social;
- **os participantes** - a natureza da conexão entre os participantes da situação; essa variável refere-se à composição dos mesmos enquanto seres que assumem papéis sociais; e
- **o modo** - a natureza do meio de transmissão da mensagem; indica como a linguagem está sendo configurada em função da situação; ou seja, qual seria sua organização simbólica, seu *status*, sua função no contexto, incluindo o canal, a forma retórica (tal como forma de persuasão, exposição, didática, dentre outros)..

Usamos as variáveis para interpretar o contexto social do texto e a maneira pela qual os significados são trocados. O texto é definido como a 'instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto de situação" (Halliday, 1989: 10), materializa-se por meio da gramática, mas é perpassado por características dos contextos de situação e de cultura nos quais é produzido socialmente.

O registro é definido por três níveis de produção de significado no texto, chamados de *metafunções*: *experiencial* (campo), *interpessoal* (participantes) e *textual* (modo), conforme ilustrado pelo *Esquema 3:*

Metafunções	⇔	**Variáveis de registro**
Experiencial	⇔	Campo
Interpessoal	⇔	Participantes
Textual	⇔	Modo

Esquema 3 – Metafunções e variáveis de registro.

O primeiro nível, também chamado de *ideacional*, define o conteúdo propriamente dito do texto - trata-se daquilo sobre o que se fala ou se escreve; o nível *interpessoal* define como o conteúdo é apresentado, dependendo da relação de poder, do contato e do

envolvimento afetivo dos participantes da interação; já o nível *textual* relaciona-se com o modo em que as idéias se organizam para compor o texto como um todo (Thompson, 1996/2004).

Para melhor compreensão desses conceitos, no *Quadro 1* reproduzo a sistematização das metafunções e seus reflexos na gramática, conforme proposto por Orlando Vian (1997: 30):

Metafunção - Definição	Status correspondente na oração
Experiencial - explicita um modelo de experiência	Oração como representação
Interpessoal – desempenha relações sociais	Oração como troca
Textual – cria relevância para o contexto	Oração como mensagem

Quadro 1 – Metafunções e seus reflexos na gramática (Vian Júnior, 1997).

A oração é a realização de três significados no texto: *conteúdo* (representação), *troca* (forma de ação) e *mensagem* (como relevância para o contexto). Na LSF, ela é a unidade básica para a análise léxico-gramatical.

Conforme Caldeira (2005: 6), a "visão hallidyana de gramática evidencia o caráter dialético entre situação (o fazer) e sua materialização no léxico, na gramática e em todos os níveis de significação da linguagem (o dizer)" presentes na comunicação. A língua, ao ser estudada sob a perspectiva da LSF, permite que a gramática seja surpreendida em seu funcionamento, evidenciando que ela é a própria língua em uso.

Na próxima seção, aprofundo a noção de *metafunção interpessoal*, considerando que será uma das categorias de análise que auxiliarão na análise dos dados levantados por esta pesquisa.

1.3.1. A metafunção interpessoal

Volto-me agora para a metafunção interpessoal da linguagem, uma vez que ela oferece subsídios para estabelecer no contexto estudado os papéis assumidos pelos participantes da experiência com o *blog*. No discurso, os participantes fazem escolhas lingüísticas - elas não são aleatórias. Quanto mais consciência se tem disso, mais bem sucedidos poderemos ser nas diversas ações ou interações sociais discursivas.

A metafunção interpessoal é aquela que foca o relacionamento entre os participantes de um ato interativo (falante/ouvinte; escritor/leitor), identificando suas atitudes. É definida como o sistema que estabelece os papéis de fala, em que oferecer implica receber, e ordenar, dar algo em resposta nos atos interativos (Halliday, 1994/2000). Constitui-se, portanto, na interação social e trata das questões relativas às trocas entre os participantes de um ato comunicativo, reveladas por meio do discurso.

Para Halliday (1994/2000), em termos gramaticais, a metafunção interpessoal se realiza pelos sistemas de modo e de modalidade (respectivamente, aquele que estabelece as relações de papéis entre os participantes, e aquele que carrega a avaliação de cada um em relação à verdade e ao grau de responsabilidade assumido). Assim, os participantes adotam papéis conforme sua posição nas trocas, lançando mão de padrões linguísticos concretizados léxico-gramaticalmente.

É importante ressaltar que o tipo de papel social desempenhado em uma situação causa um efeito no modo como usamos a linguagem. Na função mais básica da língua, dizem-se coisas com o objetivo de influenciar atitudes e comportamentos. O mundo é representado por meio da da linguagem. Os interlocutores interagem com outros, trocam significados, representam são-lhes atribuídos papéis, ou seja, funções sociais específicas que lhes dão uma determinada significância naquele contexto. A língua oferece vários mecanismos, movimentos que possibilitam que o participante aja sobre seu interlocutor, modificando seu comportamento, mudando sua opinião, convencendo-o.

Esses movimentos interativos podem determinar as quatro funções de fala, como começamos a comentar no segundo parágrafo desta seção: oferecimento, ordem (para bens e serviços); declaração, interrogação (para informação). Elas implicam as seguintes respostas: aceitar ou recusar a oferta, cumprir ou rejeitar a ordem, concordar ou discordar da declaração e responder ou não à pergunta. Segundo Vian Júnior & Ikeda, (2006: 7) “um 'ato' de fala é algo que poderia ser mais apropriadamente chamado de uma 'interação': é uma permuta, na qual dar implica receber e pedir implica dar em resposta”.

A interação, não se pode esquecer, ocorre na ação. Quando estabelecemos relações sociais, desempenhamos papéis de fala com o objetivo de trocar informações e/ou bens e serviços, bem como expressarmos nossas atitudes em relação àquilo que enunciamos. As “relações entre os interactantes os levam a optar por diferentes escolhas linguísticas, definidas

de acordo com o grau de envolvimento, proximidade social e afeto entre eles" (Vian Junior & Ikeda, 2006: 15).

Eggins (1994: 149) afirma que durante a interação há trocas de informações e ações, comandos. Para melhor ilustrar tais afirmações, insiro o quadro a seguir:

	INICIAÇÃO	***RESPOSTA À INICIAÇÃO***
DAR INFORMAÇÃO	**Declaração**	**Reconhecimento (ou não aceitação)**
PEDIR INFORMAÇÃO	**Pergunta**	**Resposta**
OFERECER SERVIÇOS	**Oferta**	**Aceitação (ou não)**
PEDIR SERVIÇOS	**Comando**	**Execução (ou não)**

Quadro 2 – Funções de fala (Vian Júnior & Ikeda, 2007).

.

De acordo com Halliday (1978), os fatores sociais envolvidos nas interações são determinantes para antecipar informações sobre o texto e facilitar sua análise e avaliação.

A "avaliação é um de três recursos semânticos do discurso principal que interpretam o significado interpessoal (ao lado da participação e da negociação" (Martin & Rose, 2003: 34-5).

Na próxima seção, passo a expor as noções de avaliatividade e das atitudes de afeto, julgamento e apreciação presentes nos textos.

1.3.2. Avaliatividade

Como teoria específica, centro este estudo no sistema de avaliatividade (*appraisal*) ressaltado por Martin & Rose (2003) e Martin & White (2005).

Para Martin & Rose (2003: 26), a avaliatividade é entendida na LSF como um sistema de significados interpessoais, que se realiza em três subsistemas: engajamento, gradação e atitude. Neste trabalho, foco mais especificamente no subsistema de atitude, por ele facilitar a

análise que farei dos textos inseridos nos comentários feitos pelos alunos participantes da experiência com o *blog* no EJA.

Basicamente a avaliatividade proposta por Martin & Rose (2003:26) trata das atitudes (*attitudes*), volume/amplificação (*amplification*) e participantes/fonte (*source*) da comunicação travada no social.

As atitudes avaliam coisas, caracteres, sentimentos e podem ser negociadas por meio do/no texto. Essa negociação pode ser feita para avaliar o valor das coisas, a personalidade das pessoas e os sentimentos advindos das trocas nas relações sociais.

A atitude, que é considerada um subsistema do sistema da avaliatividade, é graduável, pode aumentar ou diminuir dependendo da intensidade dos sentimentos. É também responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas abrangendo:

AFETO (expressar emoção, sentimento)
JULGAMENTO (avaliar caráter) e
APRECIAÇÃO (atribuir valor)

Para Martin & Rose (2003), o subsistema de atitude se volta para a avaliação que o falante faz das coisas, do caráter do indivíduo e dos seus sentimentos. Esse subsistema tanto pode ser atribuído ao próprio falante quanto a outros participantes do discurso para avaliar coisas e fenômenos. Nesta pesquisa o discurso envolveu a professora e os alunos que utilizaram o *blog*.

A avaliatividade é utilizada nesta pesquisa para considerar de que forma a implantação do *blog* pôde contribuir para o desenvolvimento dos participantes, alunos do EJA, e para verificar, por meio da análise linguística dos textos dos alunos, se houve maior participação por parte deles ao usar esse meio durante as aulas de Língua Portuguesa. Isso porque o sistema de avaliatividade relaciona-se ao modo como as pessoas expressam seus sentimentos com relação aos eventos, às pessoas e às suas próprias emoções.

Estudo a avaliatividade (*appraisal*) e seus recursos, que se ajustam às relações sociais; as atitudes negociadas (*attitudes*); a amplificação (*amplification*) e as suas fontes/participantes (*source*) para analisar os eventos linguísticos presentes nos questionários dos alunos. Ela se ajusta à intensidade dos sentimentos envolvidos, às maneiras como os valores são mostrados e

os participantes estão alinhados nos textos. As atitudes podem expressar: emoção, sentimentos (*affect*), julgamento de caráter (*judgment*), atribuição de valor (*value*) (Martin & Rose, 2003: 29).

É importante esclarecer que esses três subsistemas estão relacionados entre si, uma vez que um sustenta e explica o outro; isto é, a atitude abrange as avaliações, o engajamento contempla as fontes ou as origens da atitude; e a gradação focaliza a intensificação para mais ou para menos das avaliações.

No sistema da avaliatividade, há dois tipos principais de posicionamentos avaliativos: atitudinal e dialógico. O primeiro corresponde às avaliações positivas ou negativas sobre determinada pessoa, assunto, objeto e situações, externadas por outros três subtipos de posicionamentos: emocional, ético e estético. O segundo entende a comunicação verbal como um processo de interação, no qual os enunciados estão sempre condicionados a algum tipo de troca entre os participantes: dar e receber, ação e reação. Em outras palavras, há uma postura que, ao ser adotada, gera uma resposta. No posicionamento intertextual, os falantes/escritores podem adotar posições avaliativas do ponto de vista de outros sujeitos, um posicionamento dialógico. Uma forma comum de atribuir sentimentos é criar uma outra voz na história, usando-se tanto o discurso direto como o indireto.

Nós podemos encontrar a avaliação como um sistema interpessoal na semântica do discurso. Na visão de Martin (2000), a avaliatividade é vista como um sistema que explora, descreve e explica a forma pela qual a linguagem é utilizada para avaliar. Assim sendo, ela está diretamente centrada no falante/escritor, o qual possui o papel de avaliador. Martin (2000: 145) ressalta que a avaliatividade é um sistema de significados interpessoais; um recurso semântico usado para negociar emoções, julgamentos e avaliações. Neste trabalho levanto e analiso adiante os processos; verbos, ações praticadas junto às atitudes avaliativas dos participantes das aulas de Língua Portuguesa em que o *blog* foi utilizado.

No capítulo que se segue apresento a metodologia utilizada durante essa experiência.

CAPÍTULO 2
Metodologia

Para tratar das muitas variáveis identificadas durante esta experiência, exponho neste capítulo a trajetória que segui para desenvolver a pesquisa. Inicio caracterizando a natureza, a abordagem e o tipo da pesquisa; depois, relato o modo como esse estudo se realizou, descrevo os passos, os sujeitos e os instrumentos que delimitaram meu campo de ação.

2.1. A natureza, a abordagem e o tipo da pesquisa

A partir do momento em que passei a me envolver com a linguagem e a educação, iniciei meu contato com a área da linguística. Muitos ainda chamam de Linguística Aplicada à área do conhecimento que trata do ensino, da aprendizagem e do uso da língua, mas ela é bem mais abrangente, pois dialoga com diversos campos do saber.

É necessário esclarecer nesta etapa que a Linguística é chamada de Aplicada, conforme menciona Liberali (2006), por estudar "a ação humana em contextos variados através de diferentes áreas do conhecimento para observação de como a linguagem realiza/medeia tais ações (Bygate, 2005) ".

A Linguística Aplicada estabelece uma relação dialética entre a teoria e a prática; há uma reflexão contínua do sujeito sobre si mesmo, uma heterogeneidade do sujeito e uma subjetividade do pesquisador, que "é parte do universo pesquisado e pode construir; experienciar para ver, derivar e modificar o modo de agir e ser acadêmico" (Cavalcanti, 2004).

A "LA caracteriza-se pela expansão dos dados que estuda, das disciplinas-fontes e das metodologias, em função da necessidade de entendimento dos problemas sociais de comunicação em contextos específicos (o seu objeto) que procura resolver (o seu objetivo)" (Kleiman, 1998: 55).

Como mestranda da área da Linguística Aplicada, passei a me preocupar em viabilizar condições para formar, no contexto sociocultural escolar, alunos críticos, questionadores, reflexivos e busquei desenvolver uma pesquisa de LA "que revisa, repensa e relativiza ideias pré-estabelecidas; desperta para a reflexão; observa. Um trabalho de pesquisa que leva em conta os interesses de participantes" (Cavalcanti, 2004), o grupo pesquisado. Viso praticar a LA por meio do uso da linguagem com outras áreas na construção da vida social e pessoal para transformá-las. A linguagem é "uma definição dos seres humanos no mundo", nessa pesquisa, usada, através de um recurso virtual, para complementar o ensino da Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual.

Moita Lopes (2006: 17) aponta que "uma das características da LA contemporânea é o envolvimento em uma reflexão contínua sobre si mesma: um campo que se repensa insistentemente (Pennycook, 2001: 171)".

Como pesquisadora, preocupei-me em motivar os aprendizes à reflexão. Procurei oferecer um ambiente colaborativo em contexto virtual por meio da criação e uso de um *blog*, no qual a linguagem pode propiciar aos envolvidos uma maneira diferente de aprender – por meio de um recurso tecnológico.

Considero-me uma linguista aplicada e como tal pude atuar de modo transdisciplinar. Em uma pesquisa em Linguística Aplicada pode-se assumir uma postura transdisciplinar em relação ao estudo/pesquisa, em qualquer domínio do saber.

Em geral, um trabalho de pesquisa procura respostas para determinadas questões e para tal deve contar com o material recolhido pelo pesquisador durante sua realização. Nesta pesquisa foram colhidos questionários e comentários dos alunos e as notas de campo da professora, textos dos participantes da experiência.

Os dados colhidos necessitavam da interpretação da pesquisadora. Segundo Flink (2004: 22) "as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo" de uma pesquisa de cunho qualitativo.

A abordagem qualitativa é usada neste trabalho por ser orientada para a análise de um caso concreto em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus próprios contextos. Flink (2004: 20) ressalta que em uma pesquisa qualitativa há aspectos essenciais, que consistem na

> escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

É importante ressaltar que uma pesquisa qualitativa não pode ser reduzida à formulação de critérios e de pontos de referência para determinar o bom e o mau emprego dos métodos. O ponto de vista dos sujeitos, a elaboração e a composição das realidades sociais devem estar cuidadosamente relacionados com as posturas teóricas, métodos de coleta e interpretação de dados.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, já que há contato direto tanto com o ambiente como com a situação investigada. A coleta de dados é feita por meio de diferentes técnicas de pesquisa para que as informações desejadas sobre o campo de interesse possam ser levantadas. Essa documentação pode ser colhida de maneira direta ou indireta, dependendo da maneira como é coletada.

Os textos escritos nos comentários e questionários aplicados junto aos alunos participantes da pesquisa são considerados por Lakatos (2003: 201) medidas de opinião e atitudes, documentos de observação direta extensiva.

Os comentários, solicitados pela pesquisadora, foram inseridos pelos alunos de forma direta no próprio *blog* por meio de um formulário disponibilizado pelo *Blogger* (ferramenta que sediou o *blog Minhas Aulas*).

O questionário, segundo Lakatos (2003: 201), é um instrumento "constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito". Para ele ser eficaz deve ser cuidadosamente elaborado. Suas perguntas podem ser abertas ou fechadas, de acordo com o tipo de dados desejados.

De acordo com Lakatos (2003: 201), como toda técnica de coleta de dados, os questionários oferecem vantagens e desvantagens:

Vantagens:

- Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.
- Atinge maior número de pessoas simultaneamente.
- Abrange uma área geográfica mais ampla.
- Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo.
- Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.
- Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.
- Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.
- Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.
- Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.
- Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do documento.
- Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Desvantagens:

- Percentagem pequena dos questionários que voltam.
- Grande número de perguntas e respostas.
- Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas.
- Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas.
- A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente.
- Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra.
- A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.
- O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação.
- Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões.
- Exige um universo mais homogêneo.

Ao final da experiência com o uso do *blog,* a pesquisadora solicitou que os alunos participantes respondessem as oito questões preparadas para o questionário: *Avaliação do uso do blog nas aulas de Língua Portuguesa – 2.º Sem/07*[12]. Ele fora preparado por ela com alternativas livres e fixas com foco nas informações sobre o *blog* e sobre a experiência com ele. O questionário foi explicado e aplicado durante a aula presencial com os participantes

[12] Anexo 4.

presentes. As possíveis desvantagens foram minimizadas: problema geográfico, incompreensão, devolução tardia etc.

As notas de campo, neste trabalho, compostas pelas anotações feitas pela professora-pesquisadora durante a experiência, são consideradas "um método clássico de coleta de documentação da pesquisa qualitativa" (Flink, 2004: 181). Por meio de anotações, diversos campos do conhecimento são invocados, transpassados. Elas contêm respostas dos participantes e informações sobre o andamento da pesquisa, como também problemas e soluções selecionadas pela pesquisadora.

Uma vez que nesta pesquisa estudo algo singular, de interesse único, utilizo o estudo de caso, que é "sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo" (Lüdke, 1986: 17). Trata-se de um tipo de pesquisa qualitativa, usada neste trabalho por

> visar uma descoberta, enfatizar a interpretação em contexto, buscar retratar a realidade de forma completa e profunda, usar uma variedade grande de fontes de informação, revelar experiência vicária e permitir generalização naturalística, representar diferentes pontos de vista presentes em uma situação social, utilizar uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa'. (Lüdke, 1986: 18)

Na posição de Lüdke (1986: 17), o estudo de caso como estratégia de pesquisa "é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato". Pode ser semelhante a outros, mas "é também distinto, pois tem um interesse próprio, único", particular e representa um potencial na educação.

Tal estudo representa uma modalidade de pesquisa que tem como característica o objetivo de retratar a realidade de maneira completa: a pesquisadora procura mostrar a variedade de fatos que a envolvem e determinam.

É importante registrar que a investigação com o uso do *blog* deu-se dentro de um contexto real no qual pôde-se contar com diversas fontes de evidências, colhidas pela pesquisadora para validar os resultados. Os questionários e comentários dos alunos foram preparados para a investigadora, não para os alunos-respondentes, como também as notas de campo da professora, que são fontes de evidência que refletem os objetivos da pesquisa. Ventura (2007: 384) apoia-se em Yin, para quem "o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados".

De acordo com Ventura (2007: 384),

> tendo em conta as posições dos autores apresentados, o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.

O estudo de caso tem sido muito utilizado na área educacional por constituir um tipo de investigação que trata de uma situação específica, em que se procura descobrir o que há de característico nela, tal qual o que ocorre com a investigação que esta pesquisa visa: o uso do *blog* junto às aulas de língua portuguesa.

Normalmente exploratório, descritivo, é um método que abarca as pesquisas que têm questões formuladas com "como" e "por que", que buscam compreender um fenômeno social complexo de interesse público.

Ao contar com uma teoria fundamentada que orienta a investigação, o estudo de caso facilita a formulação das questões, a escolha dos instrumentos de coleta de dados e norteia a análise dos resultados. Desenvolve-se em algumas fases (Lüdke, 1986: 15): exploratória, decisória - coleta de dados - e descoberta, por meio da análise e interpretação dos dados.

Nesta pesquisa, tais fases ficam evidentes. Primeiramente delimitou-se o campo de ação: cinco classes do EJA – EM; depois, definiu-se quais dados levantar e como se daria a sua coleta: notas da professora, comentários e avaliações dos alunos que, por fim, foram usados para a análise e discussão dos resultados.

2.2. Objetivos e perguntas de pesquisa

Abaixo apresento o *Quadro 3* elaborado para melhor visualização do *diálogo* entre os objetivos, as perguntas de pesquisa, as ações, os referenciais teóricos e as categorias desta pesquisa:

OBJETIVOS DA PESQUISA	QUESTÕES DA PESQUISA	AÇÕES DE PESQUISA/ INSTRUMENTOS
Descrever e analisar a experiência da professora com o uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa – EJA.	Quais as maiores dificuldades enfrentadas pela professora durante o uso do *blog* na escola pública?	Documentar as etapas desenvolvidas por meio das anotações feitas pela professora.
Descrever e analisar a receptividade dos alunos com a implantação e uso do *blog*.	Como os alunos se relacionam com o uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa?	Sistematizar e analisar os textos dos alunos registrados no *blog* e as respostas aos questionários aplicados.

Quadro 3 – Objetivos, questões da pesquisa, ações, instrumentos.

Os objetivos e questionamentos promoveram uma experiência para todos os envolvidos em que a linguagem e a tecnologia foram utilizadas articuladamente para organizar o pensamento, comunicar, descrever, informar, confrontar e reconstruir experiências, idéias e mensagens em um determinado contexto para interagir, construir o saber.

2.3. Contexto da pesquisa

Nesta etapa apresento as variáveis que definem o contexto da situação em que ocorreu a experiência objeto desta pesquisa. Retomando a noção de variáveis de registro (Hallyday, 1978), temos assim delimitados nesta pesquisa:

- **Campo**: aula de Língua Portuguesa com o uso do *blog*.
- **Participantes:** professor – aluno.
- **Modo**: sala de aula/*blog*.

É a metafunção interpessoal que possibilita representar ações sobre os outros dentro de uma realidade social, melhor detalhada na próxima etapa.

2.3.1 Instituição e participantes da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Estadual de São Paulo pertencente à Diretoria de Ensino Centro–Sul, que atende alunos de 6.º a 9.º anos - Ensino Fundamental; Ensino de Jovens e Adultos (EJA); Ensino Médio; Telecentro: Ensino Fundamental e Ensino Médio; Sala de Recursos para Deficientes Auditivos; Sala de Recursos para Deficientes Visuais. A investigação focou as aulas de Língua Portuguesa com o uso do *blog* - Ensino Médio: Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atende alunos com idade entre dezoito e oitenta anos.

Selecionei para compor parte do *corpus* de análise em relação aos textos dos alunos:

- a avaliação do uso do *blog* nas aulas de Língua Portuguesa revelada pela aplicação de um questionário ao final da experiência e que retrata as relações interativas;
- os comentários (Anexo 3) disponíveis no próprio *blog*, inseridos no ambiente pelos participantes, que podem descrever a expressão dos alunos em um momento que estavam em contato direto com o *blog*.

A escola é bem ampla e possui vários recursos didáticos, tais como auditório, biblioteca, sala de informática etc., na maioria, pouco utilizados. No momento da aplicação da experiência com o *blog*, a sala de informática não dispunha de um professor-orientador, especializado. Havia vários computadores, mas somente quatro funcionavam e três tinham acesso à Internet. Para as aulas com o uso do *blog* foi necessário formar grupos de estudo, uma vez que os alunos contavam com três (03) computadores que poderiam acessar o *Minhas Aulas*.

A sala de informática era composta por treze monitores; onze CPU´s (duas desmontadas); um *scanner*; duas mesas para reunião; vinte e seis cadeiras; uma televisão e um armário.

A coleta dos comentários aconteceu entre 03 de setembro e 01 de dezembro de 2007 e o questionário foi aplicado ao final do semestre.

2.4 Objeto da pesquisa

2.4.1. O blog

Para iniciar este item, busquei o significado tanto de *blog* quanto *weblog* em alguns dicionários (português e inglês), nos quais encontrei apenas palavras que remetem ao seu significado: *web, web page, website*. Caiado (2005: 3) ressalta que o conceito de *weblog* é "um jargão derivado da união das palavras inglesas *web*, que significa rede (de computadores) e *log*, que significa registro, diário de navegação (de bordo)", por ser semelhante a uma espécie de diário usado pelos navegadores que anotavam diariamente suas posições.

De acordo com Gomes (2005), *blog* é a abreviatura do termo original da língua inglesa *weblog,* uma página na *web* que pode ser atualizada com grande frequência através da inserção de mensagens (*posts*). São páginas constituídas por

> imagens e/ou textos de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo *links* para *sites* de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes apresentadas em primeiro lugar. A estrutura natural de um *blog* segue, portanto, uma linha cronológica ascendente. (Gomes, 2005: 1).

Essa linha cronológica facilita para que o *blog* seja usado como um diário virtual, com observações diárias ou não, agendas, anotações. É um conjunto de *links,* textos, imagens; mensagens para o mundo, pois qualquer um que desejar pode acessá-lo.

Komesu (2004: 111) afirma que:

> No Brasil, estimativa divulgada pela grande imprensa em agosto de 2002 apontava para a cifra de 170.000 escreventes de *blog*s, considerando-se apenas os usuários que têm seus arquivos hospedados em dois sites brasileiros que oferecem o serviço (Oliveira, 2002). Em entrevista veiculada pela Internet, Willians, um dos criadores do *Blogger*, afirmou que a cada dia há a inscrição média de dois mil novos usuários (Cashel, 2002). No mundo todo, acredita-se que já exista um milhão de escreventes de *blogs*.

Muito fácil de ser criado, o *blog* pode ter a forma que seu criador desejar. Sua estrutura varia de acordo com o que o *blogueiro* deseja, tem enorme apelo pessoal, não exige nenhum *download* de programa ou conhecimento especializado da linguagem HTML, necessária para se construir um *site*.

Atualmente são inúmeros os *software* disponíveis na *web* para se fazer um *blog*, tais como o Uol *Blog* da *Figura 1:*

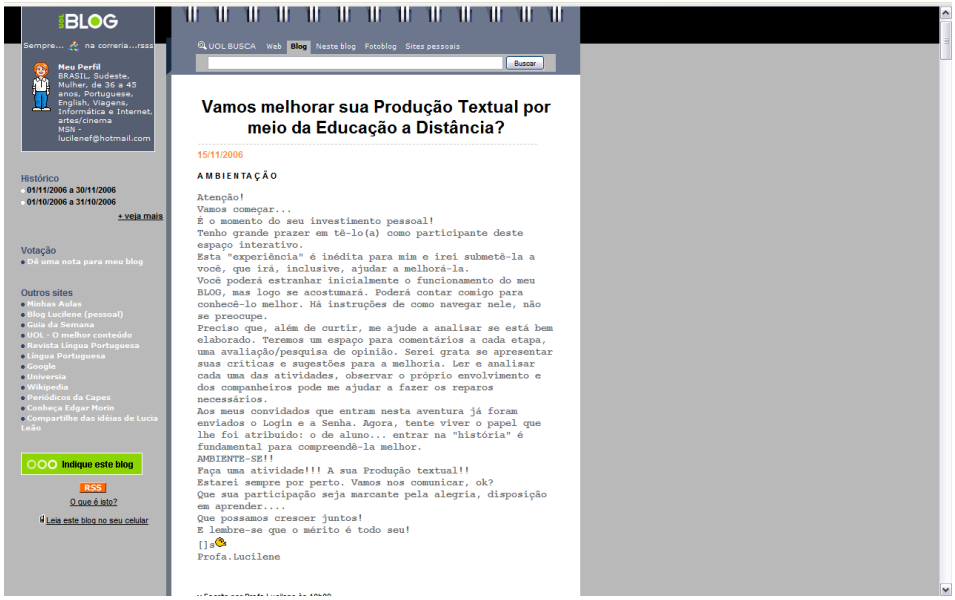


Figura 1 – Página de entrada de um *blog*.

Há outros *software*[13] de *Blog* na internet, tais como:

1. We*Blogger* (em português)
2. BliG (em português)
3. Pop *Blog* (em português)
4. *Blog*-se (em português)
5. *Blogger*.com.br (em português)
6. My 1 *blog* (em português)
7. Pitas (em inglês)
8. Diaryland (em inglês)
9. LiveJournal (em inglês)
10. The Open Diary (em inglês)
11. Xanga.com (em inglês)
12. *Blog*-City (em inglês)
13. *Blog* Studio (em inglês)
14. WebCrimson (em inglês)
15. *Blog*some (em inglês)
16. WordPress (em inglês)

Escolhido para a criação do *Minhas Aulas* por ser considerado o mais simples e, por esse motivo, o mais popular, o *Blogger* é um *software* que pertence ao Google. Segundo

[13] Listagem disponível em: <http://www.interney.net/*blog*faq.php?p=6490966>. Acesso em:13 mar. 2009.

Komesu (2004: 111), o *Blogger* foi o pioneiro, tendo início em 1999 e tendo sido concebido como um *software* como alternativa popular para publicação de textos *on-line*, uma vez que dispensava um conhecimento especializado em computação.

Figura 2 – Página inicial do passo a passo da criação de um *blog* no *Blogger*.

O *Blogger* oferece uma página didática na qual se encontra um passo a passo para a criação de um *blog*, ainda que na Internet encontremos vários materiais de ajuda para compreensão do que é um *blog* e de como ele pode ser criado. Dentre os disponíveis, há o "Faça o seu próprio *Blog*", um *link* da revista digital *Macmania*[14] que oferece instruções que valem para usuários de qualquer computador e de qualquer sistema operacional.

Um conceito importante na construção de um *blog* é o de *template*. Sua compreensão precisa ser garantida, motivo pelo qual os próprios construtores de *blog* trazem definições bem detalhadas, conforme as registradas no *site Interney:*

> 1. Template principal é o template do seu *blog*, a página principal que todo mundo visita quando entra no seu *blog*. Você acessa o template principal através do botão Template na área de edição.
> 2. Template de arquivos é o template da página que tem os links para as páginas do seu *blog* onde estão os posts antigos. Você acessa o template de arquivos através do botão Archive na área de edição e depois clicando em archive template. Essa página pode estar separada ou inserida na página principal. [15]

[14] Disponível em: <http://www.terra.com.br/macmania/macmania/workshop/workshops_*Blogger*.htm>. Acesso em: 13 mar. 2009.
[15] Disponível em: http://www.interney.net/*blog*faq.php?p=6491149. Acesso em: 13 mar. 2009.

Também são comuns as dicas para o trabalho de *design* nesses *templates*:

> O *Blogger* só utiliza para si mesmo alguns JavaScripts que aparecem no começo da página e o código especial que fica entre os tags. Todo o resto pode ser mexido. Copie o código, edite-o à parte, teste-o no browser e copie-o de volta para a janela de edição. Clique em "Save Changes" e depois em "Publish", e o seu *blog* reaparecerá de cara nova. Para voltar à template original caso alguma coisa tenha saído errada, clique em "Choose A New Template" e escolha-a novamente![16]

> Um cuidado importante na criação do endereço do seu *blog*: Não utilize os caracteres [,], _, +, &. Apesar de serem aceitos em alguns sistemas no momento do cadastro, eles podem não funcionar nos browsers de alguns usuários: já vi vários casos de *blog*s do tipo '*blog*_fulano.*blog*.com.br' onde alguns acessam e outros não acessam, o problema é o símbolo '_' no endereço. [17]

Diferentemente de um *site* ou de uma página pessoal, o "*blog* pode ser atualizado diariamente, de forma datada e apresentar registros de situações diárias de quem o escreve" (Marcuschi, 2004: 61). É necessário esclarecer neste trabalho que o *blog* também pode ser gerenciado por meio da inserção de diferentes datas, que podem ser postadas de acordo com a necessidade do autor que, caso deseje que um arquivo venha antes de outro, pode alterar sua ordem sequencial.

Um *blog* pode ser acessado a todo o momento e de qualquer computador: basta digitar seu login e senha, escrever o que quer publicar e clicar num botão. Se contar com conhecimento da HTML e outras ferramentas de web, o *blog* poderá ser incrementado, ter um aspecto mais profissional. O *blogueiro* pode também encaixar seu *blog* dentro de um *site*, transformando algumas seções em *blog*s. De uma certa forma, os *blog*s são CMS's (Content Management System) mais simples.

Os *blog*s podem ser coletivos ou não e ter inúmeras aplicações: pode-se organizar um projeto conjunto, um fã-clube, um grupo de estudos, um fórum, um diário individual, um meio de reunir notícias, textos didáticos, *links*, idéias para compartilhar, ou o que desejar para quantos leitores quiser:

> Os Perfis do *Blogger* permitem que você localize pessoas e *blog*s com interesses iguais aos seus. O Perfil do *Blogger* - onde você pode listar seus *blog*s, interesses e outros detalhes - permite que você seja localizado (mas só se você quiser ser localizado). [18]

---

[16] Disponível em: < http://www.terra.com.br/macmania/macmania/workshop/workshops_blogger.htm>. Acesso em: 13 mar. 2009.
[17] Disponível em: < http://www.interney.net/*blog*faq.php?p=6490966>.Acesso em: 13 mar. 2009.
[18] Disponível em: http://www.*Blogger*.com/tour_con.g> . Acesso em: 13 mar. 2009.

> Para compartilhar o *blog*, clique em Team (Equipe). Clique em Add Team Member (Adicionar Membro à Equipe) e escreva o nome, sobrenome e o email do seu amigo (ou amiga). Por fim, clique em New. Depois, mande um convite (Send Invite) via email perguntando se a pessoa está disposta a participar da brincadeira. Para remover alguém, basta clicar no botão Remove (o vermelho). [19]

Ganhão (2004: 1) ressalta que "o conteúdo e tema dos *blog*s abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, piadas, links, notícias, poesia, idéias, fotografias, enfim, tudo que a imaginação do autor permitir. É disto que vem o seu dinamismo" e lugar de destaque como uma demonstração de cultura disponível na Internet.

2.4.1.1 Blog: uma ferramenta

Na definição de *blog* oferecida pelo *site* do Google afirma-se que "desde o lançamento do *Blogger*, em 1999, os *blog*s redesenharam a *web*, dinamizaram a política, sacudiram a imprensa e deram voz a milhões de pessoas" [20].

O sucesso dos *blog*s está muito provavelmente associado ao fato de constituírem espaços de publicação na *web*, facilmente utilizáveis por internautas sem conhecimentos de construção de *websites*, e frequentemente sem custos para os seus criadores (há sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de we*blog*s).

Komesu (2004: 111) afirma que

> [...] a facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foram – e são – os principais atributos para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de autoexpressão. A ferramenta permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente).

O *blog* é considerado por muitos uma ferramenta interativa com peculiaridades técnicas consideradas pedagógicas devido a poder facilitar o letramento digital. Suas características criam um excelente contexto de comunicação mediada por computador (CMC) para expressão individual e interações colaborativas no formato de narrativas e diálogos, atividades humanas ligadas ao uso social da linguagem.

---

[19] Disponível em: <http://www.terra.com.br/macmania/macmania/workshop/workshops_*Blogger*.htm >. Acesso em: 13 mar. 2009.
[20] Disponível em: <http://www.*Blogger*.com/tour_start.g>. Acesso em: 13 mar. 2009.

Sua criação é muito simples. Depois de escolhido o *site* que dispõe o software para a construção do *blog*, basta preencher um cadastro de informações, fazer a inscrição, escolher um nome, formato etc. e em seguida iniciar seu uso, inserção do conteúdo:

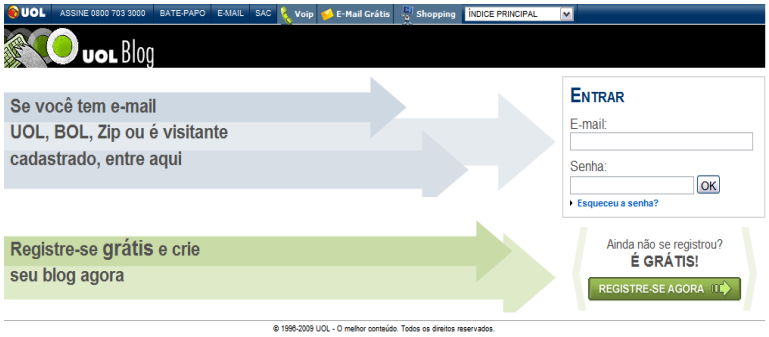


Figura 3 – Página de *login* do *Uol Blog*.

Em virtude da facilidade de criá-los e pela curiosidade dos *blogueiros*, essas ferramentas para diários virtuais estão não só se multiplicando como criando possibilidades de serem exploradas. Na Educação tornam-se acessíveis para alunos e professores, dado sua facilidade de uso, criando uma grande perspectiva de interação e possibilitando construção de conhecimento de maneira prazerosa.

Segundo Franco, um dos programas "mundialmente mais conhecidos é o http://www.*blog*spot.com[21]" (Franco, 2005: 3), que foi utilizado para a criação do *Minhas Aulas,* sediado em: <http://profalufonseca.*blog*spot.com/>.

Nos programas específicos para criação dos *blog*s, há ferramentas que, apesar de fazerem parte da estrutura técnica, podem ser consideradas pedagógicas, se devidamente utilizadas num *blog* que se proponha a trabalhar com aspectos educacionais. São ferramentas de interação com o público.

Por meio do *blog*, de acordo com Franco (2005: 4), há como se proporcionar oportunidades para ler e debater "temas de sala de aula, complementando-os, pensando sobre o assunto, e respondendo, o que induz uma maior participação de todos os estudantes". As ferramentas de interação disponíveis em um *weblog* e as possibilidades de interação pela linguagem presentes remetem à base da Teoria Vygotskyana, apontada na Fundamentação teórica desta dissertação.

[21] *Blogspot* e *Blogger* são nomes diferentes para o mesmo programa. Ao entrar no site mencionado, chega-se à *homepage* do *Blogger* e, ao fim do cadastro d e um *blog* pessoal, blogspot fará parte do endereço, como no caso do *Minhas Aulas.*

2.4.1.2. Blog: um espaço de comunicação

O *blog* tem como característica técnica

> a possibilidade de publicação instantânea, em entradas cronologicamente inversas, permitindo a divulgação de textos, imagens, músicas, a capacidade de arquivamento de mensagens anteriores, disponível ao leitor, além de hiperlinks, que tanto podem, complementar o assunto em debate, quanto relacionar um *blog* a outros *blog*s. (Franco, 2005: 03).

Segundo Ganhão (2004: 1), "sob o ângulo da sua funcionalidade, o *blog* diferencia-se de todas as outras formas de relacionamento virtual (e-mail, chats, instant messages, listas de discussão, etc.) justamente pela sua dinâmica e interação possibilitadas pela facilidade de acesso e de atualização" a qualquer momento. Cada uma dessas formas de interação virtual tem sua dinamicidade, uma complementa a outra. Por este motivo, o *blog* é considerado por muitos uma ferramenta de comunicação digital, um meio de difusão disponível na Internet que facilita a comunicação, veiculação de serviços e/ou informações.

Os *blogs*, então, "abrem mais uma possibilidade de articulação entre as linguagens oral e escrita, fortalecem as trocas dialógicas entre os sujeitos que navegam em situação de interlocução on-line" (Caiado, 2005: 37). Seu usuário conta com a alternativa de inserir textos, comentar etc., o que o transformou em uma ferramenta que tem sido utilizada para o ensino-aprendizagem, um veículo de divulgação de diferentes temas e assuntos.

A comunicação nessa ferramenta ocorre pela linguagem escrita, de forma assíncrona, por meio de um computador com acesso à Internet. Jonassen (1996: 218) classifica o aprendizado por meio do uso da tecnologia da seguinte maneira:

> Aprender a partir da tecnologia (*learning from*), em que a tecnologia apresenta o conhecimento, e o papel do aluno é receber esse conhecimento, como se ele fosse apresentado pelo próprio professor.
>
> Aprender acerca da tecnologia (*learning about*), em que a própria tecnologia é objeto de aprendizagem.
>
> Aprender através da tecnologia (*learning by*), em que o aluno aprende ensinando o computador (programando o computador através de linguagens como BASIC ou o LOGO).
>
> Aprender com a tecnologia (*learning with*), em que o aluno aprende usando as tecnologias como ferramentas que o apóiam no processo de reflexão e de construção do conhecimento (ferramentas cognitivas). Nesse caso a questão

> determinante não é a tecnologia em si mesma, mas a forma de encarar essa mesma tecnologia, usando-a sobretudo, como estratégia cognitiva de aprendizagem.

No caso do *blog Minhas Aulas,* buscou-se levar o aluno a aprender a partir da tecnologia (já que constituiu um banco de materiais) e acerca da tecnologia (na medida que para acessar esse banco era necessário saber mexer com a ferramenta, com a Internet, com o computador).

No *site* do *Blogger*[22]*,* afirma-se que "*Blog*ar é muito mais do que colocar os seus pensamentos na web. É se conectar com e saber mais sobre quem que lê o seu trabalho e comenta sobre ele." No *Blogger*, você controla quem pode ler e escrever no seu *blog* via controle de acessos.

Para Franco (2005: 09), um we*blog* educacional pode ser uma oportunidade de vivenciar situações reais de leitura e escrita com o uso do computador, uma oportunidade para averiguação do processo de compreensão textual, de análise das estratégias linguísticas e cognitivas utilizadas por alunos na construção de um texto, em diferentes níveis. Além disto, a oportunidade de viver situações de escrita colaborativa, sugerir situações a serem vivenciadas, apresentar propostas, discutir com o autor dos *posts*, possibilita que o aluno não utilize apenas estratégias comuns nas atividades escolares, tais como a repetição ou parafraseamento, que podem facilitar uma aprendizagem real da língua escrita.

2.4.1.3. Blog: um gênero digital

Na área da Linguística Aplicada são muitos os trabalhos que dão importância ao conceito de gênero que envolve, além da sua própria análise, o ensino e a aprendizagem. Martin (1992: 560) aponta que uma grande preocupação dos linguistas sistêmicos tem sido estudar a constituição dos gêneros. Segundo Marcuschi (2004: 15), a mídia digital permitiu o aparecimento do que o autor denomina gêneros emergentes: aqueles que "trabalham com o discurso eletrônico" Marcuschi (2004: 60) considera os we*blogs* (*blogs*) um desses gêneros textuais emergentes, porque "têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam".

[22] Disponível em: <http://www.*Blogger*.com/tour_con.g>. Acesso em 13 mar. 2009.

O *blog Minhas Aulas* pode, portanto, ser considerado como um exemplar de um gênero que tem como suporte a Internet e que foi trabalhado no âmbito escolar, no EJA. Para comprovar tal afirmação apoio meu olhar nesta etapa da pesquisa na teoria de gêneros de Swales (1990) e em alguns pesquisadores que a estudam: Silva (2005) e Vian Júnior (1997).

Swales (1990: 30) passou a usar *gênero* para referir-se a qualquer tipo de categoria de discurso, falado ou escrito, que se manifesta para um determinado fim dentro de uma comunidade.

Biasi-Rodrigues & Hemais (2005: 109) afirmam que

> Swales se mantém fiel a uma abordagem que se apóia em uma análise linguística que revela muito da construção do texto e das práticas sociais (acadêmicas e profissionais) que determinam as escolhas linguísticas que configuram o texto.

Assim que abrimos o *blog* podemos visualizar elementos que constituem um gênero de acordo com a concepção de Swales (1990), conforme se pode visualizar na *Figura 4*.

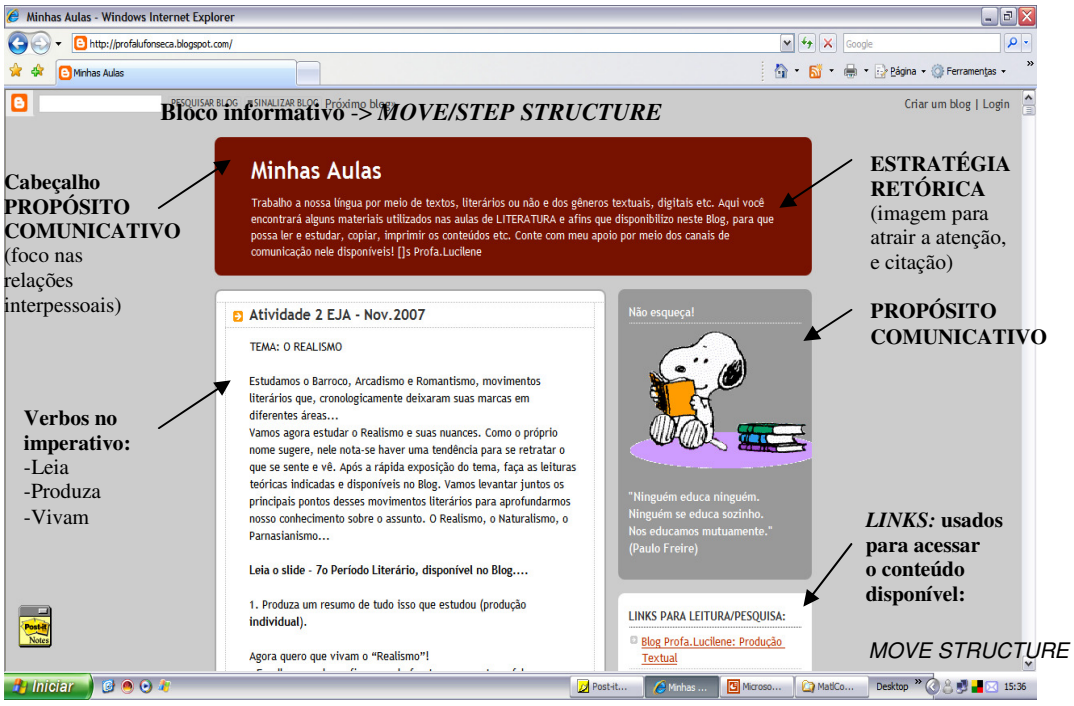


Figura 4 – Página inicial do *blog Minhas Aulas*.[23]

[23] Disponível em: <http://profalufonseca.*blog*spot.com/>.

Por esses motivos, considero o *blog* uma entidade comunicativa, "que se adequa à concepção de'comunidade virtual', que surgiu a partir dos gêneros emergentes ligados às novas tecnologias digitais" (Silva, 2005: 7). As comunidades virtuais reúnem pessoas com interesses comuns, que se comunicam por um meio eletrônico, no caso, o *blog*. Trata-se de um meio tecnológico que tem propósitos específicos e serve como instrumento comunicativo.

2.4.2. O blog *Minhas Aulas*

O *blog Minhas Aulas*, objeto desta pesquisa, foi criado no software *Blogger* por uma professora de língua portuguesa (a pesquisadora) com um propósito comunicativo: suprir necessidades dos aprendizes em relação a materiais e referências para estudo no contexto escolar.

Foi utilizado, para a criação do *blog*, o passo a passo disponível no *Blogger* por ele oferecer facilidade e rapidez para ser executado. Foi escolhido um *design* que o personalizou de acordo com as necessidades da professora e dos alunos. O cabeçalho foi usado para inserir o título do *Blog* e explicar aos alunos seu objetivo didático-pedagógico:

> ***Minhas Aulas***
>
> *Trabalho a nossa língua por meio de textos, literários ou não e dos gêneros textuais, digitais etc. Aqui você encontrará alguns materiais utilizados nas aulas de LITERATURA e afins que disponibilizo neste Blog, para que possa ler e estudar, copiar, imprimir os conteúdos etc. Conte com meu apoio por meio dos canais de comunicação nele disponíveis! []s Profa.Lucilene*

E no rodapé a professora inseriu com letras maiúsculas uma justificativa sobre o uso de textos citados[24]:

> ***IMPORTANTE!!***
>
> *ESTE BLOG É EDUCACIONAL. SEU CONTEÚDO É DE DIFERENTES AUTORIAS, QUE NORMALMENTE ESTÃO INSERIDAS JUNTO AOS TEXTOS. ELE É OBJETO DE PESQUISA NA ÁREA DE LINGUISTICA APLICADA E ESTUDOS DE LINGUAGEM, CURSO DE MESTRADO QUE REALIZO NA PUC-SP. NÃO TEM FINS LUCRATIVOS. OBRIGADA!*
> *PROFA. LUCILENE FONSECA*

[24] Em função da Lei de Direitos Autorais (N. 9.610, de 19 fev. 1998), que regula o uso de textos autorais por terceiros, esse tipo de justificativa, que classifica o *blog* como educacional e sem fins lucrativos, é imprescindível no sentido de resguardar o *blogueiro* de eventuais processos por uso indevido.

O conteúdo temático do *blog Minhas Aulas* (Anexo 5) foi cuidadosamente selecionado na internet e inserido pela professora.

Na lateral da página do *blog* a professora insere:

> ***LINKS PARA LEITURA/PESQUISA:***
>
> - *Blog Profa.Lucilene: Produção Textual*
> - *Cursos Básicos Grátis de Informática*
> - *DICIONÁRIOS*
> - *Domínio Público*
> - *Google*
> - *Guia da Semana*
> - *Letras de Músicas*
> - *Lista de Filmes nacionais (wikipedia)*
> - *Livros Clássicos indicados para leitura*
> - *Minhas Apresentações/Slides preferidos*
> - *Periodicos da Capes*
> - *Revista Língua Portuguesa*
> - *Universia*
> - *Vestibular*
> - *Wikipedia*
> - *You Tube*

Há um chamado para destacar algumas observações importantes sobre o trabalho com e no *blog*:

> ***A T E N Ç Ã O !!***
>
> ***- 2os. anos: Arcadismo, Romantismo, Realismo, Parnasianismo...***
>
> ***- 3os. anos: Modernismo, Pós-Modernismo, Contemporaneidade...***
>
> ***Atividades fixas:***
>
> *- Leitura da teoria e da biografia dos escritores do momento literário que vai estudar.*
>
> ***Lembre-se!***
>
> *Faremos atividades em classe ou a distância.*
>
> *Você utilizará nessas atividades tudo que foi lido aqui e/ou em outras fontes (livros, biblioteca etc.).*
>
> *Estude como preferir, ok?*
>
> *Obrigada!!*

[]s

Profa.Lucilene

Fica disponibilizado também um conjunto de pastas com conteúdos do *blog*:

Arquivo do blog

- ▼ *2007 (69)*
- ► *Novembro (11)*
- ► *Outubro (17)*
- ► *Setembro (41)*

Nesse item *Arquivo do blog* há o registro do momento que foi criado e a quantidade de inserções realizadas, articulado ao registro do conteúdo temático.

Paz (2003: 68) afirma que

> o grau de complexidade e especificidade de conteúdos e de sofisticação técnica do *blog* depende do *site* e do conhecimento técnico do usuário. Assim, os visitantes e leitores de um *blog* podem se mostrar neste espaço através de comentários sobre os conteúdos dos posts publicados.

Em relação aos blocos comunicativos construídos e usados no *Minhas Aulas*, há interesses e práticas comuns: a disponibilização de materiais para ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Figura 5 – Exemplo de publicação no *blog Minhas Aulas*.

Ligados a cada *post*, há *links* para os alunos e mesmo a professora fazerem comentários sobre o que está publicado ou questões relacionadas aos materiais e ao uso do *blog* e para mandarem a publicação por *e-mail* para quem quisessem.

O *link* para acesso da comunidade escolar e dos alunos ao *Minhas Aulas* foi colocado na página da escola, criada pelo diretor em exercício, que o inseriu na *Lista personalizada*:

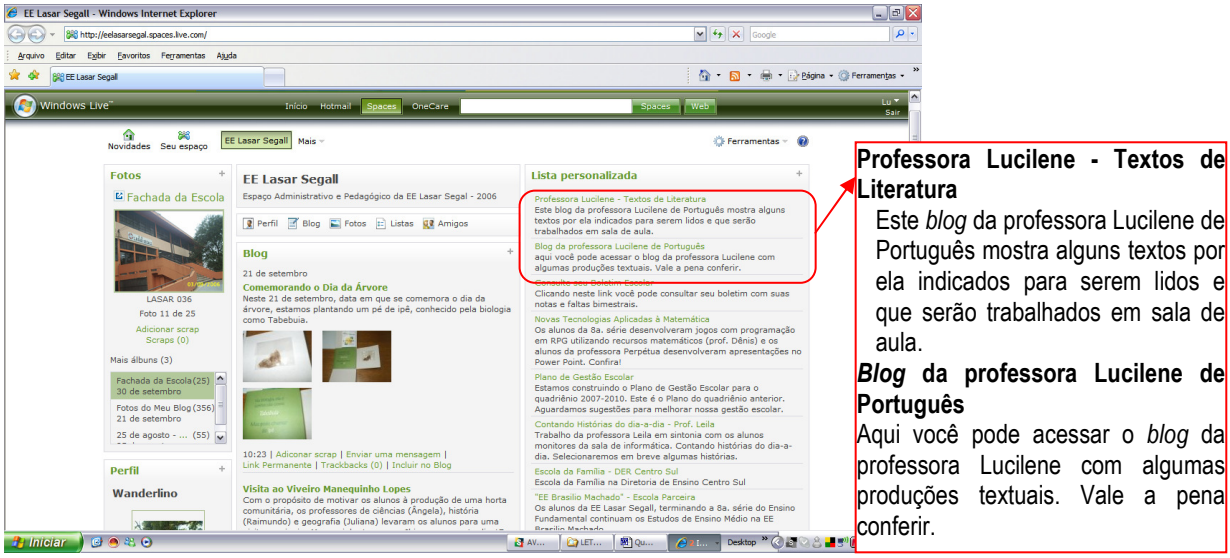


Figura 6 – Página da Escola à qual o *blog Minhas aulas* estava *linkado*.

O *blog* concebido, de acordo com Komesu (2004: 113) é

> um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõe o todo do texto veiculado pela internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, alem da interatividade com o leitor das páginas pessoais.

A professora inseriu no *blog* textos sobre o conteúdo, imagens, *links*, músicas etc., como também algumas atividades, que eram realizadas em grupo ou individualmente pelos alunos participantes.

A construção e utilização desse *blog* junto às aulas de língua materna possibilitou organizar um banco de informações complementares e, quando adequado, propostas de trabalho ou reflexão.

2.4.2.1. Blog: um recurso didático

No conteúdo temático do *blog* (Anexo 5) há diversos tópicos, que foram inseridos para complementar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (leitura, interpretação de textos literários, produção textual, exercícios gramaticais).

De acordo com Von Staa (s.d.), o *blog* "oferece muito mais interação do que um *site* comum, pois permite que cada texto publicado seja comentado". Por tratar-se de um espaço que propicia ao professor a exploração de uma nova maneira de se comunicar com os alunos, a autora ressalta sete motivos para um professor criar um *blog*:

> • **é divertido** - como é possível inserir imagens nos *blog*s, o professor tem uma excelente oportunidade de explorar a linguagem atraente para qualquer leitor, o que aumenta ainda mais a "diversão".O professor rapidamente descobrirá a magia da repercussão das suas palavras digitais e pode ainda ficar viciado em fazer posts e/ou fazer comentários.
>
> • **aproxima professor e alunos**
>
> • **permite refletir sobre os seus posts**- como referido anteriormente, um dos aspectos mais gratificantes de um *blog* é o facto de os posts poderem ser comentados..assim, o professor e alunos poderão crescer pessoalmente e profissionalmente.
>
> • **liga o professor ao mundo**- ligado à modernidade tecnológica e a uma nova maneira de comunicar com os alunos, o professor também vai acabar conectando-se ainda mais ao mundo em que vive. Como exemplo prático temos os links que nos ligam ao "mundo exterior"
>
> • **amplia a aula** - aqueles conteúdos que não foram debatidos no espaço de aula poderão ser debatidos fora da aula a qualquer momento.
>
> • **permite trocar experiências com os colegas** - alunos e professores podem entrar nos *blog*s uns dos outros partilhando assim experiências e reflexões.
>
> • **torna o trabalho visível** - um professor que possua *blog* tem mais possibilidade de ser visto, comentado e conhecido pelo seu trabalho e reflexões.

O *Minhas Aulas* visou constituir um recurso tecnológico moderno, no qual professor e alunos poderiam interagir, ler, exercitar, refletir, "crescer pessoalmente e profissionalmente" (Von Staa, s.d.) a qualquer momento, partilhar experiências e reflexões.

Para Komesu (2004: 111) o *blog* "é uma corruptela de we*blog*, expressão que pode ser traduzida como "arquivo de rede". No caso do *Minhas Aulas*, a professora o adota como tal, um arquivo virtual do conteúdo teórico-prático das aulas de Língua Portuguesa. O *Blogger*,

como já registrado, disponibiliza alguns recursos e um espaço para comentários, como pode-se observar detalhadamente a seguir:

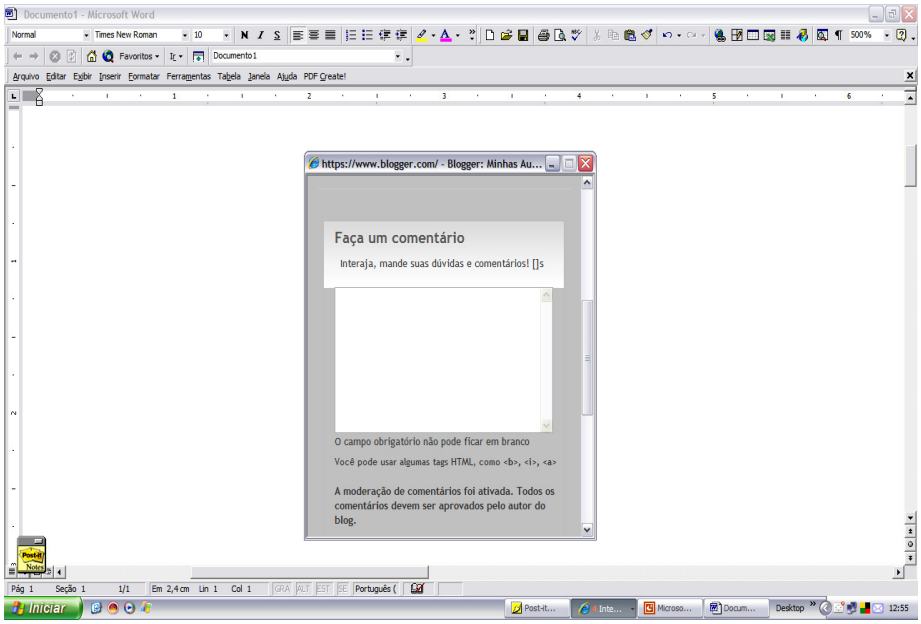


Figura 7 – Página para publicação de comentários no *blog Minhas Aulas*.

O espaço *Comentários* oferecido pelo *Blogger* permite que qualquer usuário, de qualquer lugar, faça comentários sobre as suas postagens. Há como se controlar quais postagens podem ser comentadas e apagar qualquer comentário de que não gostar.

Além disso, ao deixar um comentário, o visitante do *blog* tem seu *e-mail* ou seu *site* identificado, o que permite ao autor do *blog* comunicar-se com quem escreveu, propiciando assim, mais uma forma de interação.

Para Primo (2006),

> a ferramenta de comentários é um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento de conversações em *blog*s. Normalmente, abaixo de cada *post* é exibido um link que abre a janela de comentários. Esse link apresenta o número de comentários já publicados até o momento, o que facilita o acompanhamento da conversação. Na janela que se abre, os comentários são apresentados em ordem cronológica, acompanhados da hora de publicação e de seu autor.

No caso dos comentários inseridos no *blog* pelos alunos participantes da experiência, as informações foram postadas e disponibilizadas após aceitação do professor, ficaram

disponíveis para que qualquer um que desejasse. Tais textos foram inseridos e passaram a compor parte do *corpus* deste trabalho.

2.4.2.2 Como o blog foi usado durante as aulas

Após a criação e divulgação do *blog*, a professora apresentou sua proposta aos alunos: usar o *blog* como um arquivo disponível *on-line* com o conteúdo e os materiais de leituras das aulas. Depois lhes informou o endereço para que pudessem acessá-lo, tanto na página da escola como fora dela. Avisou que poderiam usá-lo a qualquer momento e de qualquer lugar extraclasse para ler, estudar e enviar por *e-mails* as atividades solicitadas, caso preferissem.

A professora ministrou aulas com e sem o uso do *blog*, uma vez que a escola não dispunha de um laboratório que favorecesse que o recurso fosse usado todo o tempo, nem por todos os alunos simultaneamente.

Nas aulas em que o *blog* era usado, a professora dividia a turma, ficando metade dos alunos na classe e metade no laboratório. O fato de haver normalmente duas aulas seguidas facilitou tal iniciativa, já que a professora podia dedicar uma aula para cada grupo. Isso implicou, porém, que ela se desdobrasse, subindo e descendo escadas várias vezes durante essas aulas, para poder atender às demandas de ambos os grupos. Além disso, procurou propor atividades em grupo para que os computadores comportassem a quantidade de alunos por máquina.

Já, sem o *blog*, a professora, na sala, ministrava suas aulas de maneira expositiva, com a aplicação de atividades seguida de discussões e correções, e desenvolvimento de propostas apresentadas no *blog*, a partir de materiais lá disponibilizados.

2.5. *Corpus*

O *corpus* desta pesquisa foi coletado durante as aulas de Língua Portuguesa em uma escola pública estadual da cidade de São Paulo, no âmbito de EJA. Ele é composto pelos textos dos alunos (comentários inseridos no *blog* pelos 188 alunos participantes da

experiência); notas de campo da professora (anotações feitas por ela durante essa experiência didática); e respostas aos questionários de avaliação sobre o uso do *blog* nas aulas de Língua Portuguesa.

As anotações da professora sobre aulas pré e pós a experiência vivida com o *blog* foram feitas para que ela conseguisse pontuar, descrever as dificuldades durante a experiência e registrar a receptividade dos alunos, saber se houve interesse por parte deles em usá-lo para pesquisar, estudar.

As notas de campo, portanto, detalham os processos, fases de implantação e uso do *blog* durante as aulas de língua portuguesa no EJA, além de documentar as etapas desenvolvidas. É importante estudá-las e analisá-las para responder quais as maiores dificuldades enfrentadas durante a implantação do *blog* na escola pública.

Já os textos dos alunos, comentários e avaliações, abarcam suas relações com o *blog*: interação, colaboração e reflexão durante as aulas de língua portuguesa.

2.5.1 Procedimentos de coleta

Neste item exponho as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

2.5.1.1. Planejamento e criação do Minhas Aulas

Para melhor descrever as fases da aplicação desta experiência, reproduzo o cronograma das atividades realizadas pela professora antes, durante e após a criação e uso do *blog*:

1. **Criação do *blog*:** a professora usa do *Blogger,* que pertence ao Google*,* para montagem do *Minhas Aulas*. *Blogger* é uma página na Internet, fácil de editar, publicar e atualizar, e tudo isto se faz sem as complicações ou as programações necessárias para a publicação de uma página. Nele qualquer pessoa com um *e-mail*, portadora de senha ou não, pode expor suas idéias, pensamentos, opiniões de qualquer lugar do planeta. A equipe do *Blogger*, segundo as

informações do *site*, objetiva ajudar as pessoas a ter voz na Internet e organizar as informações globais do ponto de vista pessoal.

2. **Inserção dos textos**: após uma busca na Internet por *sites* educacionais, a educadora opta pelo UOL Educacional por ser bem completo e prático.

3. **Divulgação:** o *blog Minhas Aulas* entra como *link especial* no *blog* da escola (com a anuência do diretor); as aulas presenciais têm início.

4. **Explicação:** os alunos são comunicados de que haveria conteúdo didático disponível *on-line* e apresentados ao *blog*.

5. **Aplicação - Set/Out:** houve leitura, interpretação de textos, atividades (Linguística de Corpus) e produção textual, individual e em grupos. Os alunos desconhecem que participam da pesquisa de mestrado da professora.

6. **Revisão/Readequação do conteúdo:** a professora revê os textos e atividades propostas. Elabora um Tutorial (Anexo 1).

7. **Aplicação - Out/Nov:** leitura, interpretação de textos, atividades (Linguística de Corpus) e produção textual. Alunos as realizam de maneira individual e em grupos. Sabem que participam da pesquisa de mestrado da professora.

8. **Avaliações da experiência:** os alunos inserem comentários no *blog* e respondem os questionários avaliativos.

A seguir passo a Análise e discussão dos dados coletados durante o uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa, visando responder às perguntas desta pesquisa.

CAPÍTULO 3
Análise e discussão dos resultados

Objetivo neste capítulo apresentar e discutir os resultados da análise do uso do *blog*, a partir dos teóricos já apresentados na primeira parte deste trabalho. A discussão fará referência à Teoria Sócio-Histórica-Cultural, à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Reflexão Crítica (RC).

Focalizo o caminho percorrido durante a experiência didático-pedagógica com o *Minhas Aulas* a partir dos textos gerados pelos participantes. O *blog* foi usado pela professora como um arquivo de conteúdos das aulas de língua portuguesa, disponibilizados *on-line*.

Dessa forma, para responder às perguntas desta pesquisa, busco, à luz das notas de campo da professora, dos textos dos *Comentários* dos aprendizes e das respostas aos questionários avaliativos do uso do *blog*, aplicados ao final do processo com seus participantes, os indícios tanto das reflexões quanto das dificuldades enfrentadas pela professora durante a experiência e da receptividade dos alunos com a implantação desse recurso.

3.1 A experiência com o *blog* sob o ponto de vista da professora e dos alunos

Os resultados apresentados aqui pretendem mostrar como a professora percebe a experiência com o *blog* e suas maiores dificuldades com o uso e como os alunos se relacionam com o *Minhas Aulas*.

3.1.1 A percepção da professora durante a experiência

É importante iniciar esta análise retomando as etapas da experiência com o uso do *blog* junto às aulas de português, à luz das notas de campo da professora (Anexo 2), em que ela inicialmente sinaliza:

> *No dia 03/09/07 comecei a substituir no período noturno - Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual, a professora de Língua Portuguesa, que tirou Licença prêmio por 90 dias.*

A professora-pesquisadora começou a substituir a professora[25] de EJA EM do período noturno em uma Escola Estadual. Nesse momento, envolvida que estava com o mestrado, e diante da leitura de trabalhos que mostravam que um *blog* poderia constituir uma ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem presencial, decidiu

> *criar um blog bem simples e interessante, que pudesse: atrair a atenção de todos, motivar a leitura, interpretação e produção textual, além de facilitar o acesso dos alunos para responderem às atividades; exercícios propostos.*

Dessa forma, é possível afirmar que a professora-pesquisadora visava agregar recursos que permitissem a interação dos alunos tanto com ela, quanto com colegas e mesmo com os conteúdos e o ambiente digital, dado que ela tinha como pressuposto a Teoria Sócio-Histórica-Cultural de Vygotsky (1934/1998), e acreditava que a aprendizagem se dá pela interação do sujeito com o objeto e com os pares, mais ou menos experientes.

Nas notas da professora-pesquisadora, evidencia-se a preocupação com os alunos que trabalham durante o dia, estudam no EJA à noite, não têm material didático adequado e nem recursos para adquiri-los, quando registra que passou a usar o *blog* junto às aulas de português por considerá-lo

> [...] *um espaço virtual em que eles poderiam acessar tudo que seria dado a qualquer momento, de qualquer lugar.*

Ainda que para acessar o *blog* o aluno necessite de um computador com acesso à internet e muitos alunos não tem essa facilidade, ela acredita que conseguiria

> [...] *criar um espaço virtual, um arquivo com o conteúdo das aulas, o blog Minhas Aulas.*

[25] A professora efetiva tirou uma licença-prêmio de 90 dias.

A implantação desse recurso, uma nova proposta junto às aulas de língua portuguesa, passou a oferecer aos alunos naquele contexto escolar, uma ferramenta tecnológica, o *blog*, que poderia tanto disponibilizar conteúdos acessáveis de qualquer lugar, propiciar a interação com o professor e os colegas, bem como promover o letramento digital e facilitar a aprendizagem da língua materna.

A professora ao agir, interfere na experiência com o *blog*, pois é um par adulto conhecedor. Com isso, ela estimula o processo no aluno a desenvolver-se - "ser e tornar-se" -, que é nomeado por Vygostsky (1934/98: 112) como Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD). Tal afirmação embasa-se no que a educadora afirma em suas notas:

> *Informei aos alunos que, devido a dificuldade para tirarmos cópias de textos e não contarmos com um material didático, havia criado um arquivo virtual, um blog, onde estariam os textos teóricos, atividades a serem desenvolvidas etc. Expliquei que desta maneira teriam acesso 24h e de qualquer lugar que estivessem ao conteúdo a ser estudado.*

O professor informa, compartilha dificuldades, explica, age junto à ZPD dos alunos. Há interação entre ele e os aprendizes, que necessitam de alguém mais apto a orientá-los.

O *blog*, para a professora, é um recurso em que disponibiliza os conteúdos das aulas no espaço *on-line*, tal como afirma em suas notas:

> *Ainda que soubesse que os alunos se organizavam e tiravam cópias da teoria e exercícios dos assuntos tratados, copiavam da lousa a matéria etc., por não ter um livro adotado, resolvi ir além e criei um blog para armazenar a teoria e as atividades que seriam propostas de acordo com o Plano de Ensino 2007.*

Ela deixa claro, nas suas notas, que criou o *blog* para buscar uma alternativa diante dos poucos recursos didático-pedagógicos oferecidos na escola pública para EJA, ainda que soubesse que:

> *Para acessar o conteúdo no blog os alunos precisariam ter um computador com acesso a Internet e as competências básicas, conhecê-lo.*

Grande parte das escolas públicas oferece aos professores um Laboratório de Informática, porém, nas notas da professora ficam explícitas algumas das dificuldades que enfrentou no decorrer da experiência, o que abarca a segunda questão desta pesquisa:

> *[...] fomos ao laboratório, porém devido ao pequeno número de computadores com acesso à Internet houve algumas reclamações: poucas máquinas...*

A professora-pesquisadora ficou muito impressionada com o Laboratório de Informática, uma sala que pouco era utilizada. A escola não dispunha de um professor-orientador e, ainda que tivesse vários computadores, somente quatro (04) funcionavam e três (03) tinham acesso à Internet. Isso levou-a a tentar uma alternativa:

> *Na aula seguinte, dia 29, dividi a classe: cinquenta por cento ficaram na classe e os outros foram para o laboratório. Eu corria de uma sala para a outra... Foi um sobe, desce, sobe, desce...*

A seguir, a *Tabela 5* demonstra o número de alunos por classe:

Classes	***Alunos participantes***
2C	29
2D	33
3B	44
3C	40
3D	42
05	**188**

Tabela 3 – Distribuição classes/alunos.

No caso do 3C, por exemplo, a classe tinha 40 alunos participantes. O grande número de alunos por classe dificultou as aulas com o uso do *blog*, pois não havia recursos tecnológicos nem para metade deles, o que levou a professora a improvisar para desenvolver a experiência com o *blog*.

A implantação do *blog*, um recurso disponível no virtual, indica que a professora busca levar os alunos a usarem a tecnologia para aprimorar seus conhecimentos e facilitar sua aprendizagem por meio do uso da Internet e seus recursos, porém necessita buscar alternativas extras para driblar suas dificuldades físicas e alcançar seus objetivos, tal como a impressão de textos e atividades:

> *Eu mesma imprimi alguns para facilitar o trabalho na classe, já que no laboratório era muito difícil obter o resultado esperado. Já, no 2ºD fomos ao laboratório, porém devido ao pequeno número de computadores com*

> *acesso à Internet houve algumas reclamações: poucas máquinas, textos do blog longos e de difícil leitura. Muitos disseram ter dificuldade para imprimir por não contarem com um computador.*[26]

A professora, por meio do *blog,* procura promover a interação entre o conteúdo, alunos, professor e a escola, facilitar a comunicação, a aprendizagem:

> *Pensei que, ao disponibilizar aos alunos esse conteúdo on-line, além de todos estarem com tudo proposto e estudado em tempo integral, poderiam adquirir uma competência a mais, o letramento digital, a prática da Internet, tão necessária hoje em qualquer contexto.*

Na nota acima, o desejo da professora em interagir com os alunos e levá-los a aprender novas habilidades por meio do uso do *blog* junto às aulas de português fica evidente.

Em outra nota da professora, fica claro que o modelo de aula anterior e os poucos recursos disponíveis no Laboratório da escola são dificuldades que ela necessita contornar durante o processo:

> *No dia 10, uma classe "revoltou-se" devido ao pouco tempo, ou melhor, estarmos muitas aulas no mesmo assunto. Realmente a aplicação da atividade com o uso do blog, necessitou de "muitas" aulas: três a quatro, o que gerou um stress nos aluno do 3ºD. Reclamações: sem nota, sem chamada, o que era motivo de preocupação constante. Reafirmei que, para mim, o que era realmente importante era a aprendizagem e o conhecimento adquirido por todos. Conversamos e a maioria entendeu tal importância e meu objetivo. Muito difícil [...]*

O professor, tal como afirma Almeida (1997: 1), propicia situações de aprendizagem para atuar como "mediador e promotor do processo de aprendizagem segundo a zona proximal de desenvolvimento ZPD, de Vygotsky, promovendo a reflexão, a depuração e a construção do conhecimento, em um ambiente onde o aluno é o sujeito da aprendizagem significativa".

Ao acessar e entrar no *blog*, os alunos necessitariam praticar a leitura e a interpretação dos textos, para depois fazer as atividades individuais e em grupo propostas. Muitas vezes, as atividades os encaminhariam à pesquisa na *web*. Precisariam interagir, produzir textos, apresentações etc. A interação, a seu ver, poderia ocorrer entre a máquina, os conteúdos, o professor e os alunos.

---

[26] Não havia impressora na escola.

O *blog* configura-se como um recurso a mais no ambiente escolar, chamado por John-Steiner (1998: 1) de "contexto emocional intenso" por promover a expansão do pensamento à medida que as pessoas aprendem a conhecer e a desenvolver-se por meio das ações que praticam. Em seu relato, a professora deixa clara sua intenção.

Naquele momento, para facilitar seu trabalho, a professora-pesquisadora buscou inserir um material que já estava disponível *on-line*, no *site* da *UOL – Educacional*, principalmente por acreditar que aquele material estava pré-preparado. O foco não era ainda o material em si, mas o uso do *blog* com os alunos do noturno – EJA.

A professora-pesquisadora, a todo o momento, durante a criação do *blog*, procura facilidades para seus alunos, busca alternativas:

> *Pensei logo em usar imagens, músicas, filmes, apresentações, clipes etc., pois sempre acreditei que o uso de recursos interativos, trazer o aluno para o mundo com que convive diariamente pode facilitar a aprendizagem.*

Almeida (2005: 24) adverte que os formadores devem criar situações que facilitem o desenvolvimento de atividades e a mediação pedagógica, respeitem a produção individual, apropriação de acordo com o espaço de comunicação oferecido. Essa foi uma atividade recorrente na prática da professora-pesquisadora. Uma dessas situações envolveu o título do *blog:*

> *Resolvi então nomear meu blog como "Minhas Aulas", afinal de contas ele seria utilizado para e durante elas.*

Ela pode contar com o apoio da diretoria da escola para promovê-lo, colocar em uso seu arquivo virtual, uma vez que o acesso a ele foi inserido no *site* da escola por seu dirigente antes do início da experiência:

> *Coincidência ou não, estive naquele dia com o diretor e pedi a ele que inserisse o link para o blog no site da escola, criado pelo próprio.*

Fica comprovado no trecho a seguir que os alunos, até aquele momento, estavam acostumados com o sistema adotado pela professora anterior:

> *A professora efetiva, antes de sair de licença, reuniu-se comigo e passou seu material, livros e cópias de textos que utilizava com os alunos etc. Explicou*

> *que emprestava ou copiava na lousa os textos para os alunos, que faziam a atividade após sua explicação.*

A professora-pesquisadora procura levar os alunos a se envolverem com uma nova ferramenta, o *blog*, que pode encaminhá-los à interatividade[27], a interagirem com a máquina, o computador. Trata-se de um processo que remete a Daniels (2002: 2), que afirma que uma experiência com ferramentas necessita de indivíduos concretos, capazes de agirem sozinhos.

Logo no primeiro momento da experiência a professora afirma:

> *Expliquei seu funcionamento, passei os endereços do site do colégio e do blog "Minhas Aulas".*
>
> *Os alunos anotaram os links, tanto do blog como do site do colégio onde o diretor havia disponibilizado um acesso a este recurso virtual. Expliquei a todos como deveriam entrar no ambiente e acessar as atividades para leitura e/ou impressão. As reações foram diversas: alguns reclamaram, outros acharam interessante, adoraram a idéia.*

Pode-se comentar que eles foram receptivos, não se recusaram a experienciar a nova proposta; encararam o desafio e se envolveram, a partir de algumas notas da professora-pesquisadora, como a que segue:

> *Fomos ao laboratório de informática quando propus que elaborassem um resumo sobre "Arcadismo" com "olhos" para o filme visto, utilizassem a percepção e interpretação visual e auditiva para praticar diferentes leituras. No período do dia 10 ao 23, no 2ºC, a classe continuou o trabalho em grupo e contou com o laboratório de informática. Notei grande envolvimento de todos durante as atividades.*

A professora registra em suas notas as diferentes reações dos alunos em vários momentos da experiência, durante a implantação e uso do *blog*. Afirma que os alunos se envolveram durante as atividades, o que é notado por meio do comportamento deles, questionamentos durante as atividades feitas tanto na classe quanto no laboratório:

> *Naquela mesma noite fui ao laboratório com a outra classe: 2ºD, onde fiz a demonstração do blog e seus recursos. A grande maioria dos alunos ficou encantada.*

---

[27] Interatividade é o processo de relação entre o homem e a máquina. Disponível em: http://blogs.universia.com.br/ticnaeduc/2008/03/09/ead-glossario/
Acesso em: 29 mar . 09.

> *No dia 10, uma classe "revoltou-se" devido ao pouco tempo, ou melhor, estarmos muitas aulas no mesmo assunto. Realmente a aplicação da atividade com o uso do blog, necessitou de "muitas" aulas: três a quatro, o que gerou um stress nos alunos do 3ºD. Reclamações: sem nota, sem chamada, o que era motivo de preocupação constante.*

O uso da tecnologia e do computador, segundo Almeida (1997:1) auxilia o professor a promover autonomia, criatividade, criticidade. Trata-se de um recurso que propicia o "pensar-com" e o "pensar-sobre-o-pensar", facilita que o professor identifique o nível de desenvolvimento do aluno "e seu estilo de pensamento ao mesmo tempo que o educador é constantemente um aprendiz realizando uma reflexão" sobre sua própria prática e uma "leitura". Durante as aulas com o *blog* a professora-pesquisadora pratica ações que a fazem refletir, questionar-se:

> *Até aquele dia nenhum aluno havia respondido às minhas solicitações para deixarem comentários no blog. Como incentivá-los era minha grande questão [...].*

Reflete e, a partir disto, reelabora, procura novas alternativas:

> *Resolvi elaborar um Tutorial detalhado e disponibilizá-lo aos alunos.*

A elaboração de um *Tutorial* (Anexo 1) durante o processo revela que ela reflete-na-ação, trabalhando de modo reflexivo, conforme apontado por Schön (2000: 86).

Schön (2000: 88) afirma que "toda tentativa de produzir uma instrução é um experimento que testa tanto a reflexão do instrutor sobre seu próprio ato de *conhecer-na-ação* como sua compreensão das dificuldades dos estudantes".

As ações, reflexões e readaptações da professora-pesquisadora em meio às dificuldades aqui citadas acabam repercutindo em reações dos alunos, tais como:

> *Em casa, para minha surpresa, recebi um email de um aluno, que havia enviado um texto pelo blog de uma aula que estivera ausente.*

O aluno pensa, realiza a atividade proposta, usa a linguagem para comunicar-se e interagir com a professora por meio do *blog*. Trata-se de um processo de natureza dialógica.

A professora, em conjunto, interage com os participantes, observa, reflete e readequa-se às reações deles, procura agir com rapidez a cada sinal, dificuldade dos alunos:

> *Usamos no dia 23 o laboratório de informática. Ao preparar as aulas fiquei na dúvida que atividade seria mais apropriada, uma vez que só disporíamos de três computadores. Como dosaria isso?*
>
> *Pensei nas seguintes opções:*
>
> 1. *Leitura e fichamento dos textos teóricos.*
> 2. *Inseririam (comentários) dos artigos/textos lidos ou uma resenha crítica.*
> 3. *Fariam os exercícios (preparados com corpus).*

No contexto da pesquisa, é possível observar por meio das notas da professora que há colaboração entre todos os participantes para vencer as dificuldades. O fato de a professora e os alunos disporem de três computadores com Internet não impede que as atividades se realizem e que consigam alcançar o objetivo. A leitura era feita ou na tela do computador, ou por meio dos textos impressos, como também as atividades propostas, que poderiam ser enviadas por meio do espaço dos comentários, *e-mail* ou impressas, diretamente a professora.

Há nas notas da educadora registros da forma colaborativa com que a maior parte dos alunos atuava nessa experiência histórico-cultural que viveram com o uso do *blog* nas aulas. O "fazer junto" é valorizado, trabalham em grupos, dividem as tarefas, há interação entre o aluno, o professor, o conteúdo e o computador:

> *Consegui que os alunos do 3ºC fizessem a leitura de "Portinari" no You Tube referente o Modernismo. O tempo foi curto para que conseguíssemos ir além... Complicadíssimo dividir mais de 30 alunos de tal modo que conseguissem fazer a atividade somente com três equipamentos.*

Ainda que a atividade proposta pela professora fosse diferente e complexa, elaborada por meio da Lingüística de Corpus, com o uso de *corpus* autêntico, os alunos a realizaram. A divisão da turma em grupos, sala (50% da classe no laboratório e os outros 50% na sala de aula) e por computador acabou por facilitar o resultado.

> *Os alunos se envolveram muito com a atividade proposta com corpus, questionaram. Compreenderam a necessidade de se entender as relações da palavra no texto e seu papel morfológico. Fiquei muito satisfeita com o retorno positivo da maioria deles ao lerem, interpretarem, fazerem as atividades e produzirem textos em conjunto.*

Mais uma vez há indícios da reciprocidade dos alunos nas aulas com o uso do *blog* e sucesso ao final das propostas da professora:

> *Antes da aula encontrei um aluno, o aluno L do 3C, que havia faltado na aula anterior. Convidei-o para ir comigo ao laboratório de informática para fazer a atividade que tinha perdido. Quando lá estávamos constatei que ele não sabia nem entrar na Internet, o que foi uma grande surpresa. Orientei-o a entrar na net, acessar o blog, a atividade, os recursos: dicionário etc., leitura e exercícios propostos. Deixei que ficasse bem a vontade. Logo, ele que havia dito que não sabia nada tanto de Língua Portuguesa como de computador, começou a se familiarizar e passou a executar tudo sozinho. Inclusive, quando tocou o sinal para a primeira aula, ele pediu para continuar e terminar o que estava fazendo sozinho.*

É necessário observar que, apesar de a professora tratar os alunos com necessidades especiais da mesma forma que os demais, necessitou da orientação da fonoaudióloga da escola, que a orientou a adaptar os textos e as atividades sugeridas, para os alunos surdos.

Nas escolas públicas, os professores, sem nenhum preparo, lidam com a inclusão de seus alunos com diferentes problemas, tais como a surdez e cegueira. Isso não foi diferente no caso da professora-pesquisadora:

> *Naquele mesmo dia, dois alunos surdos do 3ºB também foram ao laboratório. Um deles, o R, tinha relutado em usar o blog um dia antes. Dei as mesmas instruções novamente e os deixei no laboratório. Comentei com a professora dos surdos, fonoaudióloga, que aquele aluno havia comentado comigo ter horror à língua portuguesa, quando ela me explicou ser natural, uma vez que a língua deles é a Libras. Ela orientou-me a passar para eles textos menores, com menos linhas. Imediatamente, quando ambos me procuraram, diminui a leitura, expliquei com mais detalhes etc. Tudo correu naquela noite, quando inclusive montei com o professor de física um blog para suas aulas.*

A professora, de acordo com o que relata, não diferencia os alunos surdos dos demais, apenas procura mais uma vez adequar as atividades propostas, nesse caso com a ajuda da fonoaudióloga disponível naquele contexto escolar. Mais uma vez nota-se a interferência a professora-pesquisadora na ZPD de seus alunos adultos. A professora, que tem maior experiência que seus alunos, cria atividades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os participantes, inclusive para os chamados "especiais".

Outro fato interessante é a capacidade de reflexão da professora-pesquisadora na e sobre as ações que realiza durante a experiência. Tudo a aproxima dos alunos de tal modo que ela resolve compartilhar com eles sua pesquisa:

> *No dia 6 decidi, após o que considerei a 1ª etapa com o uso do blog: divulgação, familiarização e uso do blog pelos alunos, contar que havia mudado minha pesquisa de mestrado para retratar nossa experiência.*

> *Na aula do dia 7 alguns alunos inseriram comentários no blog e/ou entregaram por escrito suas impressões.*

A partir das notas da professora, há como se afirmar que ela atua embasada no construtivismo dialético vygotskyano, uma vez que busca favorecer a cada aula a troca de informações e idéias entre todos envolvidos.

Mais uma vez há como perceber o envolvimento da professora com a experiência e a reação dos alunos, que passam a relatar as opiniões. A prática da professora pode ser analisada tanto por meio das suas notas de campo, apresentadas no segmento anterior, como nos textos dos alunos, presentes nos questionários elaborados por ela com o objetivo de avaliar a experiência promovida sob o olhar dos participantes. Tais textos, comentários e avaliações, são objetos desta análise, oferecidos nas próximas etapas deste trabalho.

3.1.2 A receptividade dos alunos expressa nos questionários

Nesta seção, utilizarei os resultados colhidos com o questionário de avaliação (Anexo 4) do uso do *blog*, elaborado pela professora e respondido pelos alunos participantes ao final da experiência, no final do semestre.

A seguir, pode-se observar uma tabela para melhor visualização da análise feita dos alunos participantes da experiência:

Classes	***Alunos participantes***	**Questionários respondidos**
2C	29	20
2D	33	25
3B	44	13
3C	40	**26**
3D	42	31
05	**188**	**115**

Tabela 4 – Distribuição classes/alunos/questionários respondidos.

A *Tabela 5* deixa claro que um grande número de alunos de cada uma das cinco classes participantes da experiência respondeu ao questionário, que foi aplicado ao final da

experiência pela professora para obter um diagnostico da relação dos alunos com o uso do *blog* junto às suas aulas.

O questionário foi elaborado pela professora-pesquisadora com questões abertas ou não, oferecendo oportunidades de respostas de múltipla escolha. Muitos alunos deixaram algumas questões em branco.

De um modo geral houve receptividade, pois grande parte deles demonstra que consideraram o *blog* positivo. Isso pode ser observado já nas respostas à primeira questão - *Em relação ao uso do blog, o que você achou?*

Classes	Muito fácil	Razoável	Difícil	N/A	Total
2C	12	3	3	0	**18**
2D	5	9	6	2	**22**
3B	5	5	1	1	**12**
3C	14	9	2	1	**26**
3D	8	15	5	0	**28**
Total	**44**	**41**	**17**	**4**	**106**

Tabela 5 – Avaliação do uso do *blog* pelos alunos.

É possível observar que, de um total de 106 respostas, 44 consideraram o *blog* fácil e 41 o consideraram razoável, sem grande dificuldade, o que indica que a grade maioria não enfrentou problemas com o uso do *blog:*

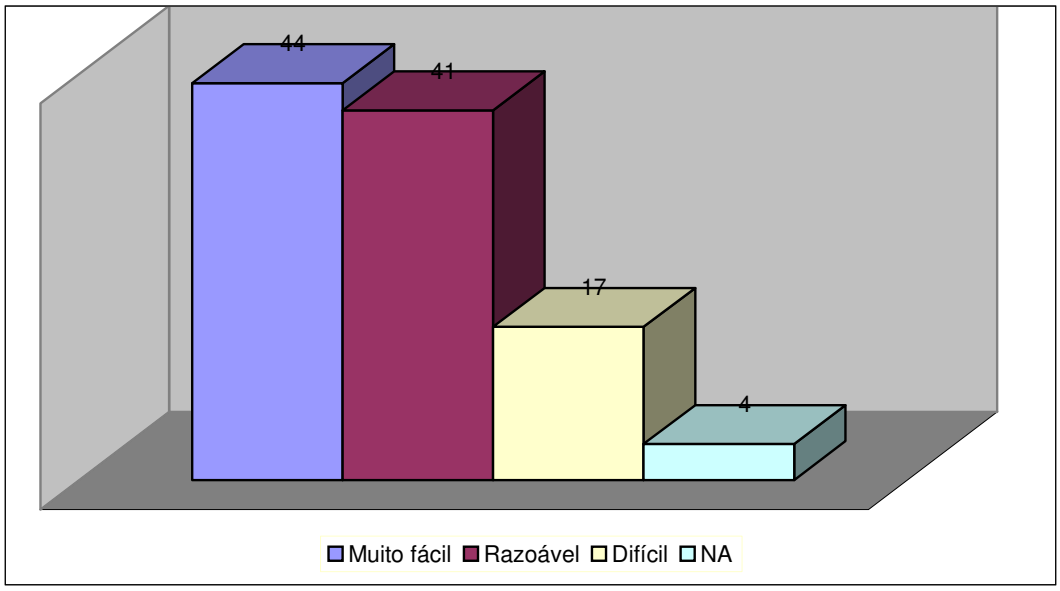


Gráfico 1 – Avaliação do uso do *blog* pelos alunos.

A questão 2 foca as explicações que foram dadas para se entrar no ambiente - foram satisfatórias ou não para seu entendimento? - :

Classes	Sim	Não	Em termos	Total
2C	14	0	3	**17**
2D	9	7	6	**22**
3B	8	1	3	**12**
3C	20	0	5	**25**
3D	18	4	8	**30**
Total	**69**	**12**	**25**	**106**

Tabela 6 – Avaliação das orientações para o uso do *blog*.

Dos 106 alunos que responderam à questão 2, apenas 12 responderam não, o que demonstra que compreenderam as instruções e não tiveram grandes dificuldades. A visualização do resultado da investigação no gráfico nos mostra que a maioria dos respondentes aprenderam a usar o *blog*.

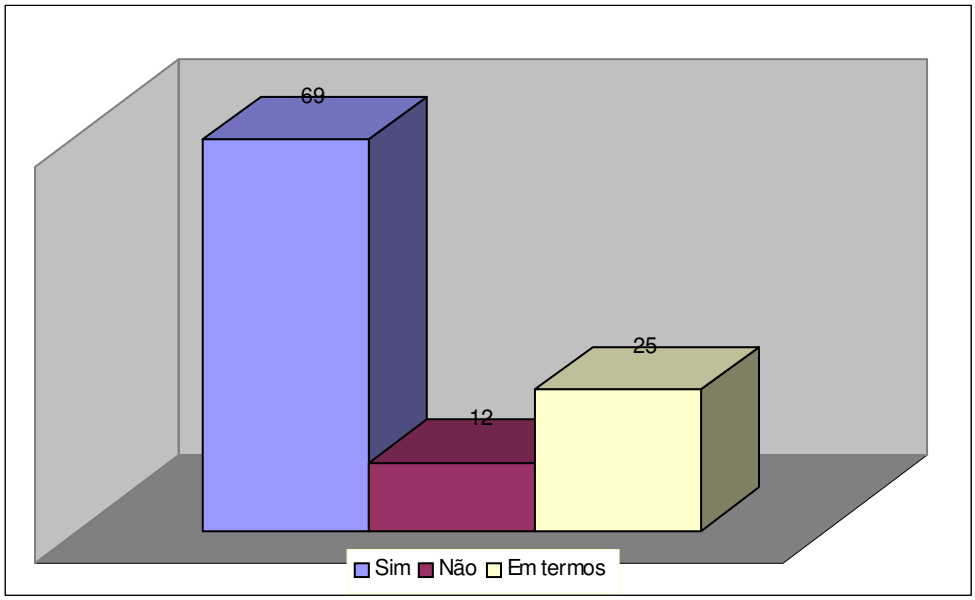


Gráfico 2 – – Avaliação das orientações para o uso do *blog*.

.

Por conseqüência, a resposta *não* foi dada pela maioria dos alunos à questão 3 - Você *tem alguma sugestão para a melhoria do ambiente?* Dos 83 alunos participantes, 33

propuseram mudanças e melhorias, mas a maioria apontou para o problema com o laboratório mal equipado, não ao *blog* em si.

Classes	Sim	Não	Total
2C	5	13	18
2D	11	7	18
3B	1	10	11
3C	9	17	26
3D	7	3	10
Total	**33**	**50**	**83**

Tabela 7– Sugestões de melhorias.

Alguns sugeriram o uso de textos menores e treinamento tecnológico para o uso da Internet junto às aulas.

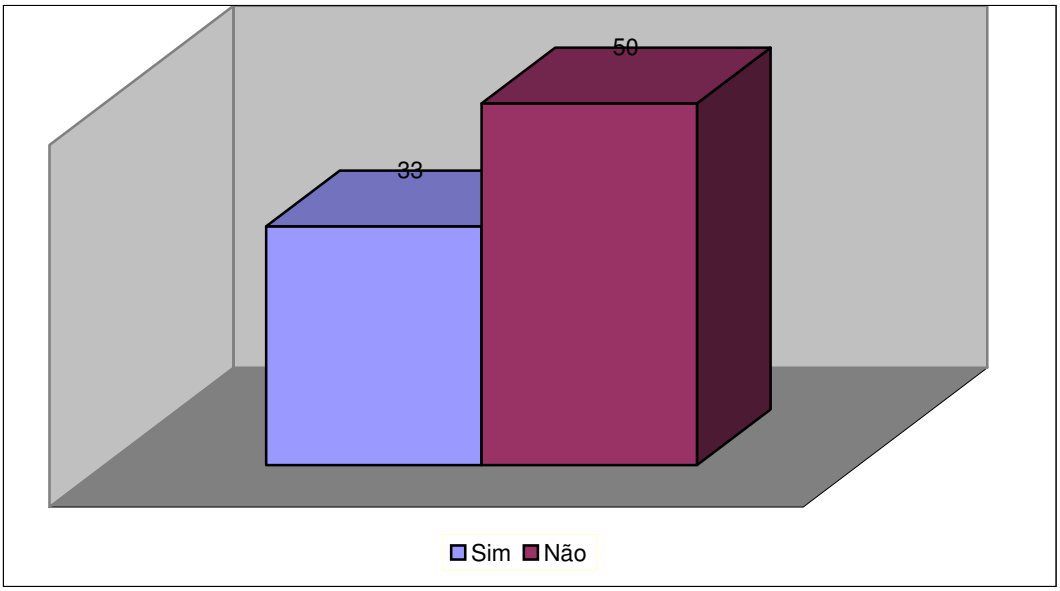


Gráfico 3 – Sugestões de melhorias.

Sobre a questão 4 - *Você já tinha usado com outros professores algum recurso via computador e internet?* – foram seguintes os resultados:

Classes	Sim	Não	Total
2C	2	16	**18**
2D	0	25	**25**
3B	4	8	**12**
3C	3	23	**26**
3D	3	27	**30**
Total	12	99	**111**

Tabela 8 – Experiência didática prévia com recursos tecnológicos.

De um total de 111 alunos que responderam a pergunta, 99 afirmaram que nenhum professor havia usado qualquer recurso tecnológico. Alguns alunos citaram que há haviam feito pesquisas na internet, propostas por professores. Essa realidade fica bastante clara no gráfico referente, abaixo.

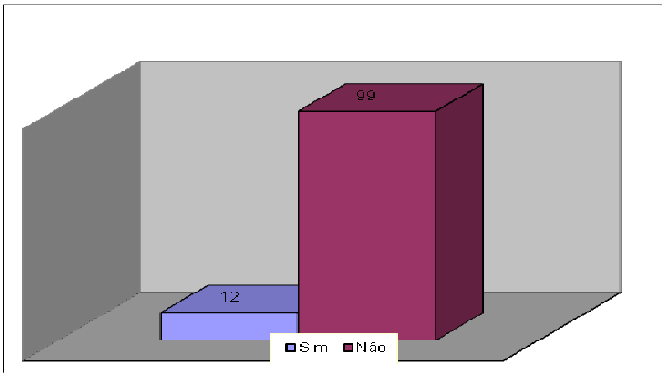


Gráfico 4 – Experiência didática prévia com recursos tecnológicos.

A questão 5 era - *Você achou uma forma viável de aprendizado?*

Classes	Sim	Não	Total
2C	15	4	**19**
2D	14	8	**22**
3B	8	3	**11**
3C	24	2	**26**
3D	26	3	**29**
Total	87	20	**107**

Tabela 9 – Avaliação da viabilidade do uso do *blog*.

Dos 107 alunos que responderam, 87 afirmaram que sim, o *blog* é uma forma viável de aprendizado, o que indica que se relacionaram bem com a experiência do uso de uma ferramenta tecnológica junto às aulas de língua portuguesa, como podemos observar graficamente a seguir.

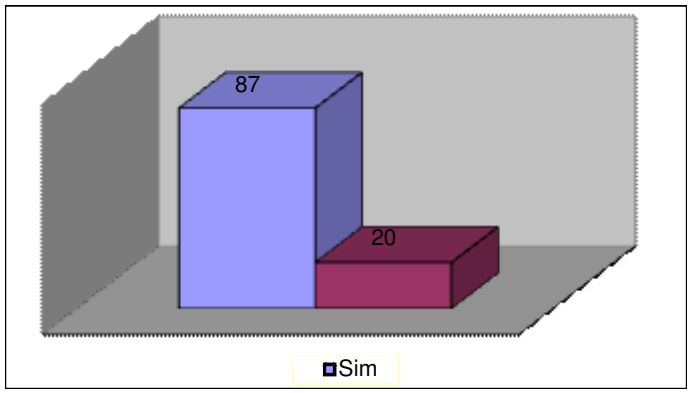


Gráfico 5 – Avaliação da viabilidade do uso do *blog*.

O que considera importante haver num recurso disponível on-line?, pergunta 6, buscou levantar, dentre algumas opções dadas pela professora no *blog,* quais eram preferidos pelos alunos:

Classes	Dicas para pesquisas	Imagens	Conteúdos (textos, exercícios/ativs propostas)	Canal de comunicação direto com o professor
2C	14	9	16	9
2D	16	5	15	11
3B	5	4	8	10
3C	15	11	19	13
3D	21	17	18	17
Total	71	46	76	60

Tabela 10 – Preferências por tipos de recursos disponibilizados no *blog*.

O resultado a essa questão indicou que o maior número de respondentes, 76, apontou que considera o *blog* um recurso que oferece conteúdos (textos, exercícios, atividades propostas). Em segundo lugar, para 71 alunos, o *blo*g é um recurso que facilita a pesquisa por oferecer dicas a ela. É relevante observar o número de alunos que aponta para as imagens: não se pode desconsiderar os alunos surdos, para os quais informações visuais são de suma importância. Finalmente, é representativo também o número de alunos que acredita ser o *blog* um canal de comunicação com o professor.

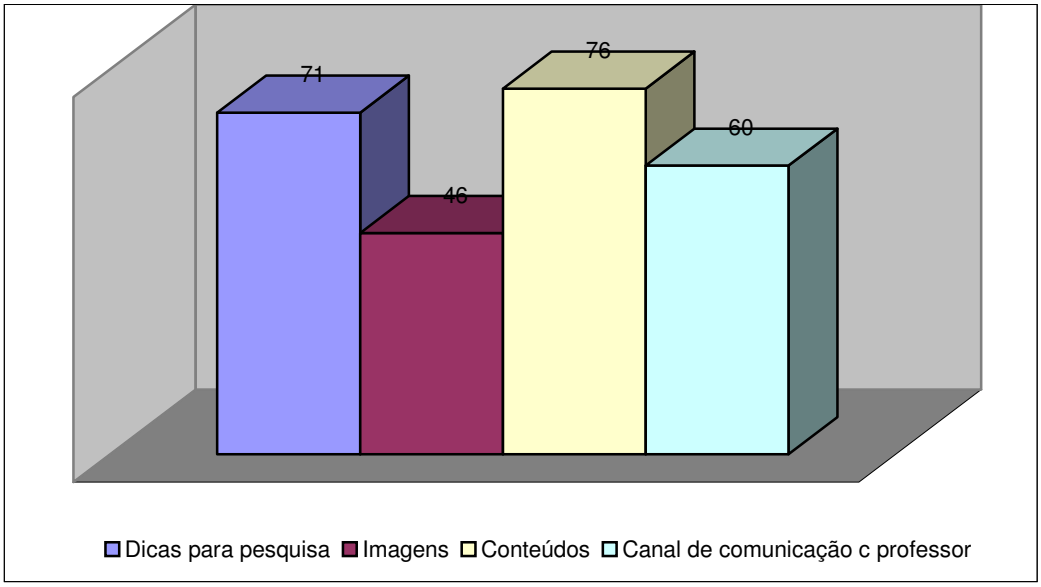


Gráfico 6 – Preferências por tipos de recursos disponibilizados no *blog*.

Você gostaria de fazer uma aula/curso a distância pela internet? buscava investigar se o ambiente on-line já fazia parte da cultura de aprendizagem para esse grupo, ou seja, se representava uma alternativa para a continuidade de sua formação.

Classes	Sim	Não	Total
2C	12	6	**18**
2D	12	13	**25**
3B	7	6	**13**
3C	16	8	**24**
3D	17	12	**29**
Total	**64**	**45**	**109**

Tabela 11 – Preferência ou não pelo ambiente *on-line* para aprendizagem.

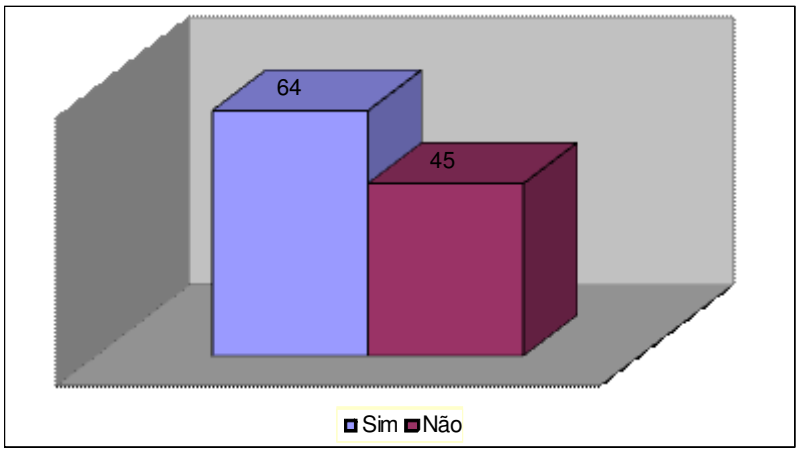


Tabela 7 – Preferência ou não pelo ambiente *on-line* para aprendizagem.

Os números indicam que, apesar de os alunos terem gostado da experiência com o *blog*, ainda preferem ambientes presenciais de aprendizagem. Isso faz crer que o uso de tecnologia em sala de aula já parece ser oportuno e complementar.

A questão 8ª – *De modo geral, você poderia falar de sua experiência neste semestre?* - merece neste trabalho uma atenção especial, por ter sido uma pergunta aberta e ter trazido textos espontâneos de alguns participantes da experiência.

Os textos dos alunos participantes, inseridos tal como eles os escreveram, deixam claro que participaram da experiência, passaram a refletir sobre as facilidades e dificuldades para se alcançar o conhecimento desejado.

Para facilitar esta análise, organizo os textos dos alunos por ordem decrescente de freqüência de menção a partir de categorias levantadas a partir das respostas apresentadas:

- **representar um contato com a tecnologia (52%)**

JR

Eu comecei a mexer no computador a partir da aula da senhora. É um jeito mais fácil e rápido de se aprender.

AFR

Ligadas ao uso do blog aprendi: pesquisa, atenção, interece, novidade, compreenção do novo. No inicio houve resistência mas por ser diferente, e depois descobri que fica mais fácil. Um complemento saudável ao aprendizado

SM

A senhora esta introduzindo aulas novas através do seu Blog. É novidade. Muito boa! O encino esta caminhando para despertar no aluno a curiosidade muito além daquilo que vemos em sala de aula. Pena que existam alunos assim como eu, não tem computador em casa. Parabéns pela iniciativa!

DF

Foi um semestre diferente dos outros pois tivemos aulas de português na sala de computação. Sem ter que ficar só copiando.

JC

A experiência nesse semestre foi muito boa. As aulas pela Internet foi uma experiência a mais. Valeu a pena. O Blog facilita muito mais pro aluno e também mais pratico.

V

Em relação as aulas através do blog, ficou bem fácil, não precisamos andar com aquele monte de livros, cadernos, geralmente a matéria esta mais resumida. Acho que as escolas deveriam investir na sala de informática, facilitando o aluno e o professor.

TV

Adorei este semestre, teve a influencia de poder usar o meu computador para estudar em casa, coisa que não fazia antes do Blog L

FS

Achei legal so um pouco triste por causa que tem muito poucos computador pra tanto aluno.

SSR

O Blog positivo, porque a informática já esta dentro de nossas vidas. Mas a escola tem que dar a ferramenta para trabalhar. Pois numa escola pública nem todos tem acesso a um computador.

JMS

Foi interessante pois a Internet ajuda bastante no estudo, o importante seria esse sistema desde cedo nas escolas. Eu já usava o computador para outras consultas, para mim foi mais uma ferramenta, inclusive para minhas filhas. O conhecimento nunca acaba, estamos sempre aprendendo.

CE

Eu acho que a experiência do blog é bastante válida, mas para alunos que tem uma certa idade é meio confuso pois estão acostumados com a lição feita de modo antigo. Mas é bastante enriquecedor para o aluno pois tem muitos recursos que o livro não tem.

E

Eu acho muito legal, porque com a nova era é legal termos acesso ao conteúdo da aula no blog, induz os alunos que "brigam" com as maquinas tentarem se adaptar com a net em geral e não só para o orkut e i msn. Eu entrei no site aqui da escola e fora não tive oportunidade por isso acho que deveriam envestir no laboratório da escola, para que todos pelo menos uma vez na semana poder ter uma aula lá, independente da matéria.

AAS

Nunca tinha tido esta experiência de falar aula com computador a primeira vez adorei.Seria muito bom se estivece computadores desponiveis para todos os alunos acesarem no mínimo dois micro em cada sala assim todos teriam sua oportunidades. A Internet faz parte da vida de todo sidadam hoje em dia. Seriam mais fácil para fazer os trabalhos.

LFL

Foi um semestre bem diferente, um dos melhores por causa das novidades. Com aulas na sala de informática.

D

Blog é legal, não tenho dificuldade em acessar a Internet. O problema maior é a falta de computadores que são poucos pra muito aluno e também alguns alunos tem dificuldades e com isso atrapalham os outros. SE fosse um computador pra dois alunos, seria ótimo.

JPNS

Nesse semestre as aulas de português foi bem diferente, mais interativo, mais comunicativo, em fim. Foram aulas onde tivemos acesso a Internet, fizemos mais uso do dicionário, o próprio colégio disponibilizou computadores, pena que só tinha Internet em 3 PC. O blob esta bem legal.

VDS

Entrei no blog através de um computador da lan-house, pois, nas vezes que o computador da escola foi usado pelos alunos da minha classe eu não estava na sala. Sria muito bom poder usar o computador na escola porque é um método prático, simples e fácil de aprender. Adorei o blog!

TR

Tem o fato de você usar a net e tem o aprendizado

PM

Mesmo tendo pouco conhecimento da nete, qualquer pessoa pode fazer, basta saber o tema e pesquisar. Disponibilizar o conteúdo para os alunos através das maquinas da escola, pois nem todos dispõe do computador, isso concerteza desenvolveria muito o aluno.

EC

Com o uso do Bloga a aula ficou mais interessante

TL

No meu ponto de vista esse tipo de aula e um grande insentivo p os alunos que não sabe mecher com computador possa a esta aprendendo como também facilita as aulas dos professores e menos cansativo e todos é um grande insentivo a aprendizagem as novas tecnologia atual.

FB

Aprendi muito com muito trabalho, felizmente acesso diariamente. Um bom trabalho é mostrar a todos os alunos que a Internet é um grande meio de comunicação.Conheci um site muito bom.

L

Não gostava de computador. Por causa dessas aulas comecei a gostar. Essa aula me fez ver que computador com outros olhos; abriu meus olhos, ficou muito interessante. Eu achei diferente esse aprendizado me fez ver que só na sala de aula, as vezes, cancã mais desse jeito torna a aula mais especial.

V

Eu acho muito importante a idéia de um blog como forma de aprendizagem moderna, pois é uma maneira mais prática de se explicar uma matéria. Mas porém encontro muita dificuldade em verificar o blog, pois não tenho computador.

Talvez se a escola fornecese pelo menos um computador para cada dois alunos, resolveria este problema. E o ensino na sla de aula seria muito mais

legal e os resultados seriam melhores.O sistema ajuda a compreensão. Foi muito proveitosa estas aulas pois me mostraram uma nova forma de aprendisagem que eu não conhesia.Para mim foi uma experiência nova e muito importante porque eu superei o medo que eu tinha de usar a Internet como fonte de pesquisa. Sim, me mostrou que eu posso superar meus traumas e medos

- **facilitar a aprendizagem (24%)**

VD

A minha experiência nesse semestre com esse método de ensino foi muito boa. Tudo o que o professor explica em sala de aula foi muito bem elaborado e explicado melhor ainda no blog, com imagens, textos fico mais fácil aprender.

T

Estimula a facilidade ao estudo

LC

Forma viável porque vc vai atraz do aprendizado

A

Uma forma legal de se aprender

JJ

Eu achei legal e moderno sobre a educação. Foi também um programa de entretenimento, mas eu dependia de dinheiro para poder acessar um computador, por que não tenho em casa, mas achei interessante as atividades que eu fiz, a escola favorecer este tipo de estudo.

  - **da LP**

MACS

Através do Blog obtive esclarecimentos sobre os livros de literatura e assimilei melhor a parte gramatical.

CNFN

Na discoplina de português, a utilização do meio digital como instrumento complementar a aula foi muito interessante, mesmo porque tinha algumas dicas boas a respeito de certos temas. È interessante, mesmo porque o meio digital esta presente constantemente em nossa vida.

- **dos alunos surdos**

B e R (surdos):

Eu gosto muito computador

T (surda)

Preciso aprender comunicar com os professores como vamos aprender sobre aulas sempre escrevem na lousa quando tiver prova ou trabalho é melhor pq não entende o que fala.

S (surda)

Blog eu aprender mais

JF

Acho que funciona mais como um complemento do aprendizado

- **ser um facilitador do acesso aos materiais didático-pedagógicos (7%)**

MVM

Blog e uma coisa que agente apende muita coisa boa: imagem; leitura individual. O Blog eu aprendi as coisa nesse semestre eu apendi uma coisas que eu nunca via na minha vida porisso eu tenho que agradece a professora Lucilene por ter ensinado eu aprende uma coisas que eu nunca vi na vida.. Tive mais facililidade de entender e a lidar com pesquisas no computador.

R

Experiência legal, prática, inteligente e informal.

LF

Achei ótima a experiência de utilizar a Internet em aula pois facilitou a realização de trabalhos. Facilita mais para se fazer trabalhos onde necessitamos de pesquisa.

- **facilitar a pesquisa (7%)**

MBJ

De certo modo fasilita a vida do aluno tendo chance deresolver asunto da matéria em casa.

Incentiva o aluno a pesquisar mais na Internet.

GC

Muito útil também para vestibular. Fácil de localizar os temas.

CC

Informações e dados são sempre um ferramenta para desenvolver uma pesquisa

- **ficar disponível para acesso dos alunos quando necessário (4%)**

ASB

Eu posso acessa a qualquer hora. Particularmente eu gostei é uma idéia legal eu acessei o Blog da professora lucilene é fácil acessar tem muita informação disponível é tem a facilidade de encontra o significado das palavras porque tem dicionário, é também já encontramos as atividade pronta é só resolver e podemos acessar em qualquer lugar.

S

É um ótimo Blog, fácil navegação Podemos acessar a qualquer momento para tirar dúvidas

- **promover a leitura (4%)**

JBS

Eu acho que a idéia do blog é excelente, pois os alunos tendem a se produzir bem mais e dando bem mais atenção a leitura. Quanto as atividades também acho de altíssimo porte, produzindo e aprendendo a modernidade de um

> *mundo globalizado e com tipos de avançada para um futuro bem mais amplo.*
>
> *HVC*
>
> *Eu gostaria de usar mas não tenho acesso a Internet*

- **promover mudanças na escola**

> *WS (cegueira parcial)*
>
> *De modo geral, acho que para se propor esse sistema de ensino, todos tem que ter acesso a informática, por meio da escola, para que todos possam acompanhar. Cabe a escola ter um laboratório satisfatório.*
>
> *Eu não tive contato com o Blog porque o laboratório da escola não tinha computadores suficientes para todos. No laboratório só tinha três computadores, para mais de 40 alunos. É preciso mudar.*

Nos textos dos comentários dos alunos, comprova-se que a professora promove a reflexão na e sobre a ação (cf. Schön, 2000). Como mediadora e promotora do processo de aprendizagem segundo a teoria de Vygotsky (1934/1998), atua na ZPD e cria um ambiente em que os alunos tornam-se sujeitos da aprendizagem segundo suas necessidades naquele contexto educacional.

Os alunos confirmam que o blog é um facilitador da aprendizagem, aproxima-os dos recursos tecnológicos, inclusive quando usado pelos alunos surdos, que podem visualizar na tela o que desejam.

A proposta da professora de, com o *blog*, disponibilizar conteúdos em ambiente *on-line,* figura como 3ª alternativa. Na verdade, o que se percebe é que a apropriação da tecnologia é um aspecto que vai mais ao encontro das necessidades desse público. Além do registrado – representar um facilitador para a aprendizagem – é muito provável que, já inseridos no mercado de trabalho, esses alunos busquem desenvolver habilidades que lhes ajudem em seus trabalhos.

As respostas alunos, de modo geral, indicam que o *blog* é considerado por eles um meio que pode ser usado para diversos fins educacionais:

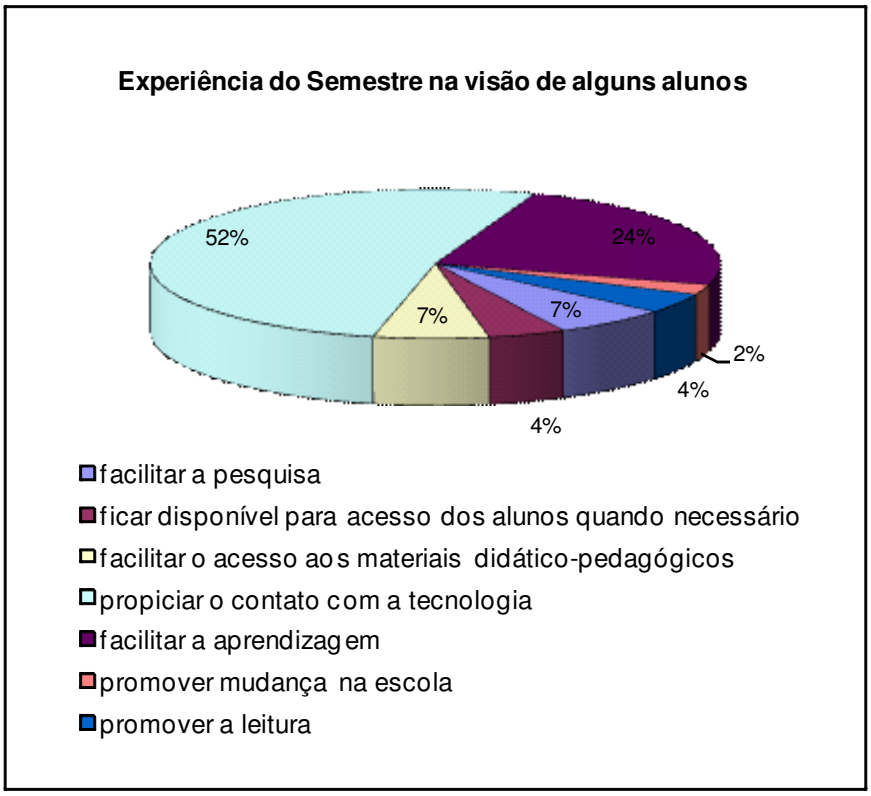


Gráfico 8 – Experiência do semestre na visão de alguns alunos.

Um depoimento, porém, chama a atenção para o fato de que as instituições públicas de ensino não têm infraestrutura suficiente para que as tecnologias possam ser incorporadas à educação de modo tranquilo:

> *JVS*
>
> *O uso do blog foi uma idéia não muito legal. A forma como foi coloca foi imporóprio pelas seguintes questões:*
>
> *Estávamos nós com um método de aprendizagem no inicio e ouve assim essa mudança brusca.*
>
> *O ensino publico não tem condições de sustentar esse tipo de proposta. A escola não tem equipamentos e estrutura para esse método ou pelo menos não tinha esse semestre. Isso é algo do qual as aulas ou futuras aulas deveriam ficar sabendo antes da inicialização do curso tendo assim como se adaptar a situação.*

Uma das respostas refere-se à necessidade de tempo para dedicação a trabalhos fora do horário de aulas:

> *SS*
>
> *Não gostei muito. Não tenho tempo de acessar o computador.*

Uma outra resposta apenas traz um comentário positivo:

> *EG*
>
> *Acho muito legal esta idéia do Blog.*

De modo geral, pelos questionários, percebemos que houve uma grande receptividade dos alunos em relação ao uso do blog, quer para ter *links* para pesquisa, ter acesso a materiais didáticos, ter recursos facilitadores para aprender e principalmente para desenvolver habilidades no uso da tecnologia,

3.2 A troca comunicativa no *Minhas Aulas*

Utilizo como base a LSF de Halliday (1994-2000), e Martin & Rose (2003) e Martin & White (2005) como instrumental de análise por permitirem que seja feita uma descrição linguística dos comentários inseridos pelos alunos participantes da experiência com o *blog*.

Os estudos da LSF indicam que no discurso social

> há sempre dois níveis de alcance. Um é a contribuição para a compreensão do texto: a análise linguística mostra como e por quê o texto significa como o faz. Porém, o alcance maior é a contribuição para a avaliação do texto: a análise linguística mostra por que o texto é, ou não é, um texto efetivo para seus propósitos – como é ou não bem-sucedido. Para o autor, a análise linguística é sumamente importante e proceder à análise de discursos sem o apoio da gramática é simplesmente comentar sobre o texto. (Halliday, 1994, xiii)

A linguagem presente nos textos facilita o mapeamento das

> intenções e opiniões dos interlocutores nos eixos de troca de informação ou bens/serviços indicados por Martin (2000). Tais ações permitem investigar a maneira

> como os participantes de uma interação exprimem suas atitudes, a probabilidade e a frequência com que acontecem as ações e os julgamentos que fazem nas suas proposições e propostas (Halliday, 1994-2000).

Por esse motivo, nesta etapa foco os comentários inseridos pelos participantes da experiência com o uso do *blog*.

No *blog* criado pela educadora há um espaço em que seus usuários podem inserir comentários. Esse espaço é acionado e utilizado no *Minhas Aulas* pela professora de Língua Portuguesa, para interagir com os alunos, avaliar a relação deles com o arquivo virtual usado durante as aulas.

Ressalto que parte do texto presente no espaço destinado aos comentários já se encontra no próprio ambiente proposto pelo *Blogger, software* utilizado para a construção do *Minhas Aulas*. Nele também se propicia a inserção de textos adicionais do seu criador. Tal recurso é por mim diferenciado nos exemplos abaixo com letras em itálico. Diante de tal facilidade, a professora insere nesse espaço o texto a seguir, usado para fazer um "pedido", solicitar ao participante uma avaliação da experiência com o uso do *blog*. Ela deseja promover a interação, perceber como os alunos relacionam-se e se desenvolvem nas aulas com o uso do *blog*:

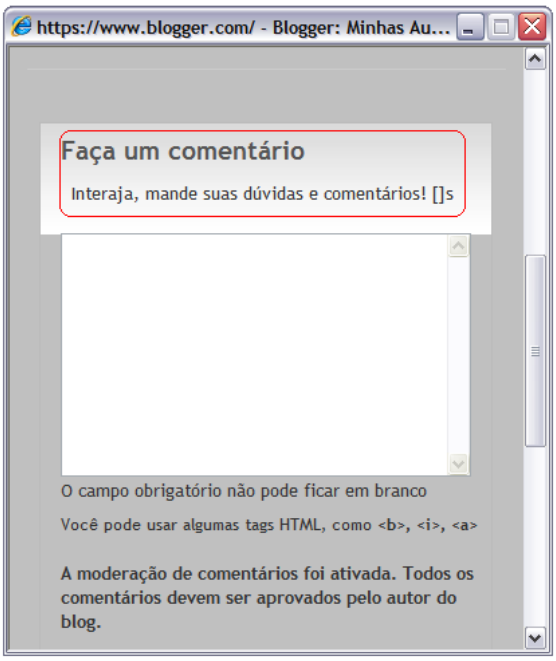


Figura 8 – Texto da professora orientando a participação dos alunos.

É interessante observar que *declaração*, uma ação de dar, foi a função usada pelo *Blogger*:

> ***O campo obrigatório não pode ficar em branco.***
>
> ***A moderação de comentários foi ativada. Todos os comentários devem ser aprovados pelo autor do* blog.**

A oferta de serviço, uso das *tags HTML,* também existe no programa.

> ***Você pode usar algumas tags HTML, como <b>, <i>, <a>.***

Não há um pedido de informação, o que pode ser melhor visualizado na tabela inserida a seguir. O texto do espaço ilustrado na *Figura 8*, destinado a inserção dos comentários no *blog*. Para demonstrar tal afirmação, passo a análise das trocas interativas, de acordo com o modelo sugerido por Eggins (1994: 149):

	INICIAÇÃO
Dar informação	**Declaração:** O campo obrigatório não pode ficar em branco. A moderação de comentários foi ativada. Todos os comentários devem ser aprovados pelo autor do *blog*.
Pedir informação	***Pergunta:*** *n/a*
Oferecer serviço	***Oferta:*** *Você pode usar algumas tags HTML, como <b>, <i>, <a>.*
Pedir serviço	**Comando:** ***Faça um comentário. Interaja, mande suas dúvidas e comentários.***

Tabela 12 – Iniciação.

Esse recurso é usado pela professora para buscar a resposta dos alunos. O educador neste caso tem opções no próprio *blog* de inserir dados, fazer a iniciação, fazer uma declaração, pergunta, oferta e comando. Ele dá e pede informação aos alunos, oferece e pede as informações que deseja por meio da oferta e do comando e para tal usa verbos no imperativo e o aluno responde:

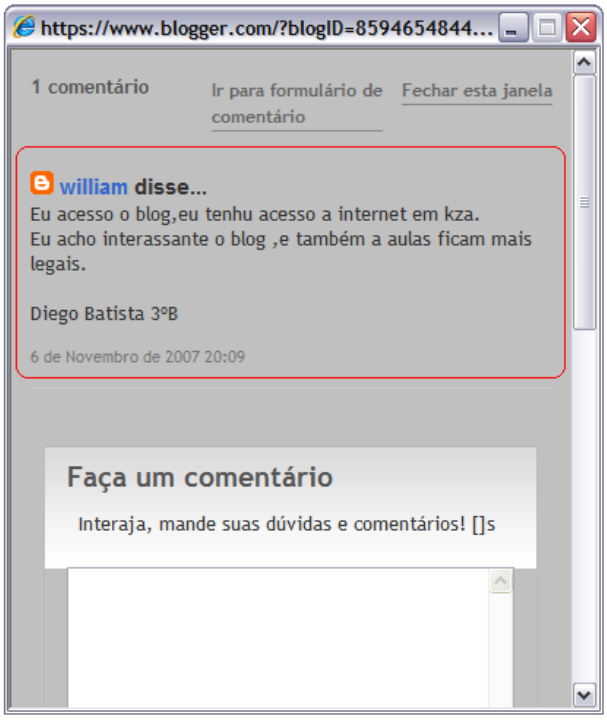


Figura 9 – Comentário de um aluno.

Detalhada no primeiro capítulo deste trabalho, a metafunção interpessoal representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes que, neste estudo, corresponde ao professor e aos alunos, mediante o sistema de modo (declarativo, imperativo, interrogativo) e modalidade (auxiliares modais, elementos modalizadores).

Professor	**Processo/Modo**	***Comentário do Aluno***	**Processo/Modo**
Faça *um comentário.* ***Interaja****,* ***mande*** *suas dúvidas e comentários*	***Faça*** (você) (Imperativo) ***Interaja*** (Imperativo) ***Mande*** (Imperativo)	*Eu* ***acesso*** *o Blog, eu* ***tenhu*** *acesso a Internet em ksa.* ***Eu acho*** *interessante o blog, e também a aulas* ***ficam*** *mais legais.*	**Acesso** (eu) (Declarativo) **Tenhu** (eu) (Declarativo) ***Acho*** (eu) (Declarativo) ***Ficam*** *(elas)* (Declarativo)

Tabela 13 – Metafunção interpessoal.

A linguagem representa o mundo, materializa-se na fala. A presença da interpessoalidade, que é uma dimensão funcional da linguagem, sempre é notada no texto, marcada de diferentes maneiras, como, por exemplo, pelo uso de pronomes pessoais (eu, elas).

Na *Tabela 13,* há o texto da professora-pesquisadora que usa processos no modo imperativo, *comandos* que levam o aluno a responder com processos no modo *declarativo*; podendo haver uma *execução* (ou não) como resposta.

A interação ocorre entre os participantes, a quem são atribuídos papéis, ou melhor, funções sociais específicas que lhe atribuem um significado de acordo com o contexto em que a interação pode ocorrer. A definição dos papéis de fala dos participantes é feita de acordo com a posição de cada um na interação, sendo visualizada no texto inserido no espaço do *blog* para a inserção dos comentários.

No turno abaixo há o uso implícito da primeira pessoa do plural (nós) pelo aluno, que indica que há dois ou mais participantes no processo, neste caso: professor e alunos.

INICIAÇÃO	***ALUNO***
Pedir serviço	**Execução (ou não):** *Tenho acesso à Internet em casa, mais acharia ótimo se* ***pudessemos*** *ter acesso a Internet durante as aulas, facilitaria as pesquisas para os trabalhos, mais não* ***temos*** *esse acesso porque os computadores da escola estão em´péssimas condições...*

Tabela 14 –Exemplo de iniciação.

De acordo com Halliday (1994-2000) as ações são trocas linguísticas que podem ser mapeadas e que nos permitem investigar a maneira como os envolvidos com a interação expressam suas atitudes, processos imperativos, declarativos e interrogativos.

No comentário a seguir, nota-se que o aluno usa esses processos e interage ao responder a iniciação da professora-pesquisadora:

Comentário do Aluno	**Processo/Modo**
Tenho *acesso à Internet em casa, mais* ***acharia*** *ótimo se pudessemos ter acesso a Internet durante as aulas,* ***facilitaria*** *as pesquisas para os trabalhos, mais não* ***temos*** *esse acesso porque os computadores da escola* ***estão*** *em´péssimas condições...*	**Tenho acesso (eu);** ***Acharia (eu);*** ***Facilitaria (ela);*** ***Temos (nós);*** ***Estão (eles):*** (Declarativos)

Tabela 15 – Comentário de aluno - Processos.

Há nesses exemplos uma escolha real no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas (Vian Junior & Ikeda, 2006: 2).

As escolhas semânticas são realizadas linguisticamente pelo sistema de estrutura gramatical inerentes a cada função: modalidade, no caso da interpessoal.

A professora insere no espaço dos Comentários (*Figura 8* – Texto da professora orientando a participação dos alunos) um *comando* fixo para pedir "serviço. Alguns alunos participantes respondem ao *comando* da professora e inserem comentários sobre a experiência com o *blog*.

Entretanto, mesmo disponibilizando recursos diversos, entre eles o de interação, o *blog* não foi explorado, pelos alunos, em sua totalidade. A expectativa da professora era a de que eles participassem mais com contribuições no espaço *Comentários*, interagissem. Analisando agora a *iniciação*, pode-se hipotetizar que, se ela tivesse lançado mão de uma pergunta no lugar de um processo imperativo, talvez os alunos tivessem publicado mais comentários, fossem respostas, contribuições, informações ou qualquer outro tipo de manifestação.

É importante observar que as funções mais usadas pela educadora são funções de *iniciação,* o que significa que seu papel é de gerenciadora das interações. *Comando*, a função mais freqüente, geralmente relaciona-se à ação de pedir e tem como resposta uma execução (ou não).

As informações presentes nos *Comentários*, retomando as palavras de Halliday (1994-2000), permitem a investigação da maneira como os participantes de uma interação exprimem suas atitudes.

A modalidade pode ser constatada nos comentários a seguir, nos quais há presença de um ou mais elementos modalizadores, grifados nos textos:

Comentário do aluno WG 3º B (6 de Novembro de 2007 -19:50)

O incentivo a ultilizar a Internet é uma otima ideia, mais devido a falta de acesso a maioria dos alunos não terem esse acesso acabam perdendo muita coisa. A ideia da professora em montar um blog e colocar as materias on-line é otima mais muitos alunos não tem o acesso, mesmo na escola pois o acesso não é para todos os alunos por que alguns tem acesso e outros não. O estado ***poderia disponibilizar*** *mais computadores ou até mesmo montar dentro da escola diversos cursos de informática sendo um deles que* ***poderia incentivar*** *os alunos a se aprimorarem em manutenção de computador que seria Hardware. Pois os proprios alunos saberiam arrumar o computador. Ideias não faltam, mais o estado* ***deveria investir*** *mais ainda na educação de informática.*

Tabela 16 – Comentário de aluno - Modalizadores.

A educadora pede informações aos alunos participantes, propõe e recebe como resposta à *iniciação* indícios de opinião do aluno escritor/falante no texto, que abarcam o sistema de modalidade.

Nos exemplos a seguir, há comentários feitos por alunos surdos, que têm a língua portuguesa como uma segunda língua.

Comentário do aluno MVR – 2ºC (7 de Novembro de 2007 - 21:19) *-surdo*

Aluno atraves da informatica tudo bom estudo... Na minha opinião normal ***estudo o governo deve incentivar****.. E muito facilmente seletivo.. Eu uso campuatdores para Internet... os melhores campuatdores mundo!!..* ***Na escola seria otimo se nas aulas pudessemos ter este recurso.***

Tabela 17 – Comentário de aluno - Modalizadores.

O aluno usa de forma clara o modalizador para afirmar que ***estudo o governo deve incentivar*** e ***seria otimo se nas aulas pudessemos ter este recurso***, neste caso, o uso dos computadores durante as aulas do EJA.

Comentário do aluno L – 2º C (7 de Novembro de 2007 21:19) *- surdo*

toda escola ***deveria ter*** *mais computador para que os aluno ter mais opodunidade de ter mais aula de computaçao*

Tabela 18 – Comentário de aluno - Modalizadores.

Nesse comentário há uma expressão do aluno participante, que usa ***deveria ter mais computador***. Tal afirmação é uma resposta à *iniciação* feita pela professora-pesquisadora em

que ele indica seu desejo de que a escola tenha recursos tecnológicos para poder oferecer aulas com o uso de ferramentas como o *blog*.

Comentário do aluno B 3º B (6 de Novembro de 2007 19:48) *- surdo*

essa é utilização coisa estuda da lingua de português que eu fique entendei tudo,como eu entendeu pouco é diferente significado aqui na escola simple do governador é ajuda tudo que eu ficou aprendei,que importante eu vontade estuda com lingua de português.

Tabela 19– *Comentário de aluno.*

Comentário do aluno (12 de Novembro de 2007 09:55) - surdo

como eu está pouco entendeu por que significado língua de português, então eu vontade aprendei bom, eu quer um estuda precisa mais bom aprendei modernario, eu vou reforço conhece palavras que a professora me ajuda tudo que bom.

Tabela 20– *Comentário de aluno*

Comentário do aluno TVS - 3º B (6 de Novembro de 2007 20:11)

TVS disse...

tenho acesso ao blog,adorei oque a pressora fez é muito importante mas por trabalha muito acabo ñ tendo tempo p/entra na web.

Tabela 21 – Comentário de aluno

Segundo Gervai (2007: 47), "os enunciados podem se mostrar carregados de força opinativa que nos permitem expressar os graus de obrigação, comprometimento, diferentes probabilidades e obrigações entre outras possibilidades". Por meio da modalidade, segundo Halliday (1994-2000), é possível verificar a expressão.

Comentário do aluno JC, nr.14 – 2º C (7 de Novembro de 2007 21:07)

*disse... **Gosto** das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas **deveriam ter** salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.*

***Tabela 22–** Comentário de aluno - Modalizadores.*

O uso do verbo na 1ª pessoa do singular no modo declarativo é uma afirmação feita por um aluno, que usa o modalizador para indicar *que as escolas **deveriam ter** salas bem montadas, este estilo de aula.*

Comentário do aluno F - 2º C (7 de Novembro de 2007 21:14)

*Por falta de interesse. Apartir de agora vou começar a usar!!! Tempo curto, bem aqui na escola é a 1ª vez que frequento. **acho** até que **seria** muito bom que nas aulas **podessemos usar** os computadores!!!*

***Tabela 23–** Comentário de aluno - Modalizadores.*

O aluno F responde a professora usando mais de um moralizador no seu comentário, quando afirma que

***seria** muito bom que nas aulas **podessemos usar** os computadores!!!*

Comentário do aluno A 3°B (6 de Novembro de 2007 19:45)

é nóis ... disse...

*Na minha opinião o governo **podia fazer** ,muito mais a sua parte modernizando as escolas. Vivem falando q estão todas modernizadas mas é mentira se numa escola tiver 10 computadores só 3 estão funcionando isso é um absurdo Tem é que melhorar muito o nosso incino principalmente na modernização do incino Sobre as aulas no laboradorio de computação elas são muito boas pena q não tem mais computadores para todos*

Tabela 24– Comentário de aluno - Modalizadores.

o governo podia fazer, muito mais

Comentário do aluno H. 2º D (12 de Novembro de 2007 09:55)

Desejo-lhe um grande dia, que os bem-feitores lhe ampare, tive uma semana corrida, sobrou-me tempo ontem, das 15 ás 23,30, hoje com mais calma, ***pude entender*** *melhor o texto, que* ***foi*** *de grande vália, não só este mais os outros que* ***olhei*** *rápido, são ótimos, me* ***falta*** *apenas o texto, (9).*

Tabela 25 – *Comentário de aluno - Modalizadores.*

pude entender *melhor* ***– eu(aluno)***

Como já mencionado, a função usada pela professora – *iniciação* - indica que é ela quem dirige as interações. Os alunos respondem ao seu comando, interagem, estabelecem uma relação por meio do *blog*.

Comentário do aluno JM – 3º D (7 de Novembro de 2007 14:20)

[...] As atividades ***sugeridas*** *pela professora em sala de aula* ***foram*** *no começo pouco assimiladas por nós, porém, até que a meu ver melhorou bem. Para os anos seguintes eu acho que o estudo já* ***deveria começar*** *com acesso a Internet para um melhor aproveitamento de todos.*

Tabela 26 - Comentário de aluno - Modalizadores.

(ele) o estudo ***deveria começar*** *com acesso a Internet*

Em todos os comentários inseridos pelos alunos há uma resposta, portanto ocorre o mesmo tipo de função de fala:

- Comando (professora) –> Execução (aluno)

De certo modo, pode-se constatar que o ambiente do *blog* reproduziu os mesmos papéis envolvidos em uma interação didático-pedagógica presencial tradicional: professor *comanda* e alunos *executam*. Essa constatação mostra que nesse tipo de interação, não valem apenas as crenças e as atitudes do professor; os alunos, ao carregarem as suas, também dão o norte para como as interações vão se dar. Note-se que não houve nenhuma contribuição de aluno que não fosse solicitada (normalmente as atividades que tinham que desenvolver).

Passo a seguir a outro tipo de análise das respostas, comentários feitos pelos alunos, para continuar a olhar os indícios da receptividade desses aprendizes quanto ao uso do *blog* como um recurso disponível no virtual. Para fazê-la utilizo os conceitos de Martin & Rose

(2003) e Martin & White (2005), que são usados aqui para entender as relações entre os interlocutores da comunicação e como as anotações feitas pelo professor podem afetar a participação e envolvimento dos alunos, suas atitudes.

3.3 As atitudes dos alunos expressas no *Minhas Aulas*

De acordo com os estudos de Martin & Rose (2003:24), as atitudes que os participantes constroem por meio do discurso têm uma relação direta com o modo que avaliam as coisas, que por sua vez está ligado ao caráter como as pessoas demonstram o que sentem.

Atitudes e avaliações envolvem emoções, sentimentos, que podem ser positivos ou negativos, mais ou menos intensos ou ampliados. As atitudes ocupam um lugar central no processo avaliativo, revelam os tipos e os níveis em que a avaliatividade é desenvolvida e expressa no discurso pelos participantes. É importante identificar tais sensações, olhar os vestígios deixados nos textos sobre a experiência vivida pelos participantes das ações: pessoas, coisas.

Martin (2000: 155) afirma que no sistema de avaliatividade as atitudes podem ocorrer de forma explícita ou implícita, estão relacionadas à maneira como as pessoas agem, demonstram seus sentimentos com relação aos acontecimentos e às pessoas, expressam suas próprias emoções, ações e informações ocorridas durante a interação. São as atitudes que envolvem sentimentos e estão categorizadas, segundo Martin (*op.cit.:* 25), em julgamento, apreciação e afeto. Adoto Martin (2000, 2003) e suas categorias para fazer a análise dos comentários inseridos no *blog*, onde levanto indícios linguísticos desses três tipos de atitudes.

O uso do *blog* durante as aulas de Língua Portuguesa foi uma experiência nova para todos envolvidos, gerou sentimentos que ficam claros nos comentários inseridos. Nos textos analisados há indícios explícitos do relacionamento do aluno participante com o uso do *blog*, marcas que revelam as atitudes, isto é, suas relações com a experiência.

3.3.1 O julgamento

Primeiramente direciono meu olhar para as atitudes que envolvem julgamento, que por sua vez lidam com a emoção ao avaliar o caráter pessoal de outras pessoas.

No julgamento, as avaliações são referentes ao caráter e comportamento das pessoas, quanto elas se aproximam das normas sociais (White, 2004b: 187). O julgamento do comportamento humano pode ser de dois tipos, de estima ou sanção social.

Neste estudo é interessante observar o julgamento de estima social feito pelo aluno-participante sobre o uso do *blog*, uma vez que olha para a capacidade dos alunos dentro da comunidade escolar. A capacidade se aplica a avaliação de quanto alguém é capaz para realizar algo.

Comentário do aluno JM – 3º D (7 de Novembro de 2007 -14:20)

Sou aluno do EJA, sobre a metodologia de ensino aplicada com uso de Internet, acho muito importante pois colabora para que o aluno conheça mais aprofundadamente o computador. Nos dias de hoje qualquer atividade é necessario o conhecimento minimo de infromátiva.

Somente acho que ***os alunos de hoje infelizmente nao estao aptos a usarem o micro,*** *pois muitos não tem acesso nem pela escola (faltam aparelhos) entao que seja em casa. Este tipo de ensino é excelente, mas, teria que vir desde a infância, devido a facilidade com que as crianças aprendem. As atividades sugeridas pela professora em sala de aula foram no começo pouco assimiladas por nós, porém, até que a meu ver melhorou bem. Para os anos seguintes eu acho que o estudo já deveria começar com acesso a Internet para um melhor aproveitamento de todos.*

Tabela 27 – Comentário de aluno – Atitude.

os alunos de hoje infelizmente nao estão aptos a usarem o micro - **julgamento de estima (capacidade de)**

A atitude de julgamento de estima do aluno JM esta explicita. Ele afirma que ***hoje infelizmente nao estao aptos a usarem o micro,*** ou seja, os alunos da escola pública não têm a competência necessária, não realizam a tarefa, pois não foram preparados, educados desde a infância com o uso da tecnologia nas escolas. JM faz um julgamento negativo referente a aptidão dos alunos das escolas não estarem aptos a usar a tecnologia junto às aulas.

De acordo com Martin (2000: 155) e Martin & Rose (2003: 62) o julgamento é uma "institucionalização dos sentimentos", normas de comportamento que as pessoas devem ou não seguir de acordo com as normas sociais e legais. Nos comentários abaixo os alunos fazem menção, ainda que de modo indireto, menção a tais normas:

Comentário do aluno WG 3ºB (6 de Novembro de 2007 -19:50)

O incentivo a ultilizar a Internet é uma otima ideia, mais devido a falta de acesso a maioria dos alunos não terem esse acesso acabam perdendo muita coisa. A ideia da professora em montar um blog e colocar as materias on-line é otima mais muitos alunos não tem o acesso, mesmo na escola pois o acesso não é para todos os alunos por que alguns tem acesso e outros não. O estado poderia disponibilizar mais computadores ou até mesmo montar dentro da escola diversos cursos de informática sendo um deles que poderia incentivar os alunos a se aprimorarem em manutenção de computador que seria Hardware. Pois os proprios alunos saberiam arrumar o computador. ***Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.***

Tabela 28 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.*** - julgamento de sanção

No comentário de JMA o julgamento de sanção esta explícito, pois ele afirma que ***o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.*** Tal afirmação faz menção às pessoas ligação ao governo, que tem o poder de promover a educação tecnológica nas escolas públicas, porém não o fazem. O aluno faz uma avaliação do comportamento daqueles indivíduos que encontram-se ligados às convenções pré-estabelecidas no âmbito dos órgãos públicos.

3.2.2 A apreciação

Semelhante ao julgamento, a apreciação, segundo Martin (2003: 37) avalia de maneira positiva (grifada em azul) ou negativa (grifado em vermelho) as coisas.

Martin (2003: 69) tipifica a apreciação, que pode ser positiva ou negativa como: reação (*reaction*) de qualidade ou impacto, composição (*composition*) de equilíbrio e complexidade e valoração (*valuation*). A primeira refere-se à reação: qualidade ou impacto que as coisas provocam nas pessoas, a segunda diz respeito à composição/elaboração dos

objetos (modo equilibrado ou complexo) e a última ao valor (*field gênesis*) que é atribuído as coisas.

Nos comentários que se seguem farei a análise da reação e valoração:

Comentário do aluno JC - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:07)

Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as ***escolas deveriam ter salas bem montadas,*** *este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos.*

Atividade diferente, interessante.

Tabela 29 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***Atividade diferente, interessante*** -reação quanto à qualidade: positiva
- ***escolas deveriam ter salas bem montadas*** -reação quanto à qualidade: negativa

A apreciação esta evidente no texto do comentário de JC, que faz menção ao tipo de atividade: ***diferente,*** seguida da palavra: ***interessante.*** Ele deixa claro que considera a aula positiva, pois realça sua opinião quanto a qualidade das aulas informatizadas.

Há nos comentários marcas linguísticas que comprovam haver a atitude de apreciação tanto positiva como negativa. A apreciação do tipo reação à qualidade refere-se ao impacto emocional que o objeto, neste caso o *blog*, provoca no avaliador (Martin, 2000: 160):

Comentário do aluno WG 3ºB (6 de Novembro de 2007 -19:50)

O incentivo a ultilizar a Internet é uma otima ideia, mais devido a falta de acesso a maioria dos alunos não terem esse acesso acabam perdendo muita coisa. ***A ideia da professora em montar um blog e colocar as materias on-line é otima*** *mais muitos alunos não tem o acesso, mesmo na escola pois o acesso não é para todos os alunos por que alguns tem acesso e outros não. O estado poderia disponibilizar mais computadores ou até mesmo montar dentro da escola diversos cursos de informática sendo um deles que poderia incentivar os alunos a se aprimorarem em manutenção de computador que seria Hardware. Pois os proprios alunos saberiam arrumar o computador. Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.*

Tabela 30 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***A ideia da professora em montar um blog e colocar as materias on-line é ótima*** - apreciação da idéia da professora

No comentário de WG encontra-se uma marca explicita de uma a apreciação positiva quanto à ***idéia*** da professora por meio da afirmação: ***é ótima.*** A atitude do aluno transmite que o mesmo aceita que as matérias sejam colocadas *on-line*, disponibilizadas no blog montado.

Comentário do aluno F - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:14)

(não usei o blog) Por falta de interesse. Apartir de agora vou começar a usar!!!Tempo curto, bem aqui na escola é a 1ª vez que frequento. acho até que seria ***muito bom*** *que nas aulas podessemos usar os computadores!!!*

Tabela 31 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***seria muito bom que nas aulas***
  podessemos usar os computadores!!! -reação quanto às aulas: positiva

No texto do participante F novamente há uma marca clara de apreciação positiva das aulas pelo aluno, que afirma: ***seria muito bom****,* ou seja, deseja ***usar os computadores*** na escola. O aluno usa do processo ***seria*** para manifestar seu desejo de ter aulas com computadores.

Comentário do aluno VB (7 de Novembro de 2007 - 21:10)

As aulas atraves da Internet ***sao muito praticas,*** *é uma pena que nas escolas nem sempre conseguimos usa-las pois na maioria das vezes nao possuem uma sala de informatica, e as que possuem* ***nem sempre os computadores estao em bom estado,****dificultando o aluno de aprender com mais facilidade.*

Tabela 32 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***sao muito praticas*** - reação quanto às aulas: positiva

- ***nem sempre os computadores***
  estao em bom estado - reação quanto às escolas: negativa

O comentário de VB trás marcas de sua apreciação positiva, ao afirmar que ***as aulas através da Internet são muito práticas*** e negativa, ao lamentar que nem sempre os computadores ***estão em bom estado*** e que, portanto, não há como usar sempre a tecnologia na escola pública, contexto a que pertence no momento da experiência com o uso do Blog.

Comentário do aluno MVR – 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:19)

Aluno atraves da informatica tudo bom estudo... Na minha opinião normal ***estudo o governo deve incentivar****.. E muito facilmente seletivo.. Eu uso campuatdores para Internet... os melhores campuatdores mundo!!.. Na escola* ***seria otimo*** *se nas aulas pudessemos ter este recurso.*

Tabela 33 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***Na escola seria otimo se nas aulas pudessemos ter este recurso***. -reação quanto à escola/aulas·: positiva

A receptividade positiva dos alunos novamente fica clara no comentário feito por MVR, que usa: ***seria ótimo se nas aulas pudéssemos ter este recurso***, nesse caso, o uso da tecnologia, dos computadores. O aluno inclui o "processo" ***seria*** junto a palavra ***ótimo,*** o que indica sua apreciação, desejo de ter ***aulas*** com ***este recurso***, o tecnológico.

Comentário do aluno DB 3º B (6 de Novembro de 2007)

Eu acesso o Blog, eu tenhu acesso a Internet em ksa. Eu acho interessante o blog, e também a ***aulas ficam mais legais***

Tabela 34 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***aulas ficam mais legais*** -reação quanto à qualidade: positiva

O aluno DB afirma que as ***aulas ficaram mais legais***, ou seja, indica que aprecia a mudança, a aula com o uso do blog.

Comentário do aluno LF (7 de Novembro de 2007 - 21:21)

Tenho acesso à Internet em casa, mais acharia ótimo se pudessemos ter acesso a Internet durante as aulas, facilitaria as pesquisas para os trabalhos, mais não temos esse acesso porque os computadores da escola estão em péssimas condições...

Tabela 35 – Comentário de aluno - Atitude.

- ***acharia ótimo se pudessemos ter acesso a Internet durante as aulas*** -reação quanto à qualidade: positiva

- ***os computadores da escola estão em péssimas condições...*** -reação quanto à qualidade: negativa

A apreciação positiva do aluno LF é marcada pelo uso da palavra ***ótimo***, que vem no texto acompanhada de um processo. O aluno expressa em seu comentário que ***acharia ótimo*** o ***acesso à Internet durante as aulas.*** Afirma que isso ***facilitaria as pesquisas*** para os trabalhos, portanto, não contar com computadores em péssimas condições é uma reação negativa quanto à qualidade dos recursos tecnológicos da escola.

3.3.3 O afeto

O afeto ocorre junto às emoções do participante, de quem transmite uma mensagem. Trata do sentimento pessoal, que pode ser positivo ou negativo, o que pode interferir, alterar a maneira que é feita a avaliação. No comentário abaixo ressalto o índice de afeto positivo em relação ao uso do *blog*, aqui grifado para melhor identificação.

Comentário do aluno JC - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:07)

> ***Gosto*** *das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula.* ***Pena*** *que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.*

Tabela 36 – Comentário de aluno - Atitude.

O aluno JC transmite no comentário um afeto positivo por meio da palavra: ***Gosto,*** deixando claro ao leitor sua emoção e avaliação positiva das aulas com o blog.

Algumas vezes a emoção pode ser expressa de uma maneira indireta e deve ser interpretada levando-se em conta o contexto em que ocorre, tal como no comentário do aluno JC-2º C:

Pena *que não tem computador*

No texto de JC há indícios do seu sentimento, emoção; afeto. Ele afirma que gosta ***das aulas informatizadas, neste caso com o blo***g e lamenta: ***Pena***, devido a escola não ter

computadores suficientes para esse tipo de aula, o que indica seu desejo de mudança dessa situação.

De acordo com Martin (2003: 30-31)

> taken out of context, from this unusual behavior we know something is wrong but we can´t be quite so sure about the exact emotion being expressed; we need to use a bit of psychology perhaps

Comentário do aluno F - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:14)

(não usei o blog) ***Por falta de interesse.*** *Apartir de agora vou começar a usar!!!Tempo curto, bem aqui na escola é a 1ª vez que frequento. acho até que seria muito bom que nas aulas podessemos usar os computadores!!!*

Tabela 37 – Comentário de aluno - Atitude.

O aluno F afirma que não usou o blog por falta de interesse, deixando seu sentimento pessoal explicito no texto.

Martin (2000: 148) define o afeto como um recurso semântico que é usado para satisfazer as atitudes emocionais no texto. Os elementos léxico-gramaticais realizam essa atitude: (a) epítetos, atributos e adjuntos de circunstância, servindo para indicar o afeto como qualidade; (b) processos, servindo para expressar a emoção ou os comportamentos afetivos; (c) adjuntos modais, que servem para indicar o afeto como comentário.

Segundo Martin & Rose (2003:.67) há três grupos de emoções: in/felicidade (*un/happiness*), in/segurança (*in/security*) e in/satisfação (*dis/satisfaction*), que facilitam distinguir seus diferentes significados. A in/felicidade é mais ligada às emoções do coração (amor, desamor), a in/segurança, ao bem-estar social (ansiedade e confiança) e à in/satisfação aos sentimentos de obtenção dos objetivos alcançados ou frustração pela não concretização deles.

Comentário do aluno DB 3º B (6 de Novembro de 2007)

Eu acesso o Blog, eu tenhu acesso a Internet em ksa. Eu ***acho interessante o blog****, e também a aulas ficam mais legais*

Tabela 38 – Comentário de aluno - Atitude.

Haver indícios dos três grupos de emoções que demonstram afeto nos comentários mais uma vez demonstra as relações travadas com o uso do *blog* pelos alunos. Acredito que há tanto satisfação, como segurança e felicidade, quando o aluno insere:

Comentário do aluno TVS - 3º B (6 de Novembro de 2007 - 20:11)

> ***tenho acesso ao blog,adorei oque a pressora fez*** *é muito importante mas por trabalha muito acabo ñ tendo tempo p/entra na web.*

Tabela 39 – Comentário de aluno - Atitude.

O comentário acima demonstra uma atitude de afeto, positiva, em relação ao uso do *blog*, que é inserida pelo aluno de maneira clara, explícita.

Já, no discurso abaixo do aluno JC, há indicio indireto de emoção ao demonstrar insatisfação por não haver computador na escola. Tal afirmação indica que ele se relaciona bem com o *blog* e lamenta não poder utilizá-lo na escola.

Comentário do aluno JC - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:07)

> *Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.*

Tabela 40 – Comentário de aluno - Atitude.

Ao usar as palavras ***Gosto*** **e** ***Pena*** o aluno demonstra emoção, tem uma atitude de afeto em relação às aulas com o uso do *blog*. Neste caso, segundo Martin & White (2005: 59) ele é um participante consciente, um *emoter*: pessoas ou instituições que sentem determinada emoção.

No comentário que se seguem há mais uma vez indicio de atitude de afeto, emoção sentida pelo aluno, que assume seu desinteresse inicial quanto ao uso do *blog*:

Comentário do aluno F - 2º C (7 de Novembro de 2007 - 21:14)

(não usei o blog) Por falta de interesse. *Apartir de agora vou começar a usar!!!Tempo curto, bem aqui na escola é a 1ª vez que frequento. acho até que seria muito bom que nas aulas podessemos usar os computadores!!!*

Tabela 41 – Comentário de aluno - Atitude.

A análise dos comentários feita até aqui revela a presença de indícios de emoção nas atitudes de julgamento, apreciação e afeto nos comentários inseridos pelos alunos.

3.4 Síntese da análise

A análise realizada buscou olhar as trocas interativas e comunicativas ocorridas com o uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa por meio da linguagem presentes nos textos da professora e alunos, no *corpus* selecionado.

Com relação à percepção da professora sobre a experiência, é indiscutível que ela buscou não só refletir sobre e durante sua prática, mas também agir

A discussão dos dados expressados nas notas de campo da professora facilitaram o levantamento das maiores dificuldades enfrentadas durante a implantação e uso do *blog* nas aulas de língua portuguesa – EJA na escola pública:

- Pouca importância dada ao laboratorio de informática;
- Poucos computadores com acesso a internet;
- Alunos sem conhecimento, letramento digital.

Em relação à receptividade dos alunos com a implantação e uso do *blog*, houve um resultado bastante favorável à iniciativa da professora. Percebe-se que os alunos de EJA buscam alternativas para melhorarem as suas competências profissionais e tornarem mais ágil o seu processo de apropriação do conhecimento. Isso ficou visível pela maior incidência de respostas na categoria *propiciar o contato com a tecnologia* (52%) e *facilitar a aprendizagem* (24%).

Ficou claro também que as questões lingüísticas são de suma importância em ambientes virtuais, visto que mediados não só pela tecnologia, mas principalmente pela linguagem. Assim, as escolhas feitas pelo professor não resultaram em participações espontâneas ou

mesmo um envolvimento maior dos alunos com o *blog*. Eles respondiam, com processos declarativos, quando solicitados; e, na maior parte das vezes, por processos imperativos.

Em termos de avaliatividade, houve a presença dos três tipos de atitudes:

- julgamento, quando os alunos revelaram sua avaliação em relação aos investimentos públicos na educação, em relação aos recursos tecnológicos da escola;
- apreciação, quando valoraram positivamente a experiência com o uso de tecnologia na educação e negativamente a falta de investimento (financeiro e mesmo pessoal, já que o laboratório de informática sequer tinha um responsável);
- afeto, quando demonstraram sua satisfação com o uso do *blog* e infelicidade em função de haver limitações de recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar a receptividade dos alunos, bem como as dificuldades enfrentadas pela professora com o uso do blog em aulas de língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos.

As questões que nortearam a pesquisa foram:

- Como os alunos se relacionam com o uso do blog nas aulas de língua portuguesa?
- Quais as maiores dificuldades enfrentadas pela professora durante o uso do blog na escola pública?

Os resultados da investigação feita demonstraram que os alunos do EJA são receptivos a novas formas de aprendizagem, aceitam o uso de tecnologias na educação, procuram interagir entre si, com o professor, conteúdo e máquina para buscar meios que facilitem sua aprendizagem. Nesse sentido, a implementação do *blog* foi algo avaliado positivamente pelas turmas que participaram da experiência.

A discussão dos resultados aponta ser possível usar um recurso digital para complementar o ensino da língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos em escola pública, desde que se conte com os equipamentos necessários: computador com acesso a internet em número adequado para as salas superpopulosas da rede oficial de ensino. A escola é um espaço privilegiado para o uso da tecnologia, porém os usuários necessitam de acompanhamento adequado para desenvolver habilidades próprias para o meio digital. Assim, de pouco adianta um laboratório que não tem um responsável, que não desenvolve cursos, que não disponibiliza recursos e que, para a grande maioria dos alunos e professores, nem chega a ser conhecido.

Já há iniciativas, inclusive federais, para a implementação de computadores e Internet nas escolas, bem como de formação de professores que possam trabalhar com eles, presencialmente ou a distância. Uma delas é o *Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo)*[28], cujo objetivo é promover o uso pedagógico de tecnologias na rede pública de educação básica. O governo federal se responsabiliza por equipar as escolas com

---

[28] Mais informações no *site* do Programa: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=237:proinfo-composicao-dos-laboratorios&catid=152:proinfo&Itemid=469. Acesso em: 29 mar. 2009.

computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais, e os governos estaduais e municipais, por oferecer estrutura adequada para receber o material e capacitar os professores para o trabalho com máquinas e tecnologias. A expectativa é que até 2010 todas as escolas de Educação Básica estejam equipadas e com docentes preparados para atender a aproximadamente 10 milhões de alunos. Entretanto, ao frequentar as escolas públicas, percebe-se que nem todas conseguem receber e desenvolver essa proposta, mesmo quando as máquinas chegam.

Pelos resultados obtidos nesta pesquisa, essa contradição fica nítida: justamente foram identificados como fatores negativos a pouca importância dada ao laboratorio de informática e o número restrito de computadores com acesso a internet.

Sabe-se que no Brasil o uso das tecnologias da informação teve um crescimento, em 2007[29], de mais de 100%, conforme registra o *site* do *Comitê Gestor de Informática*. No último censo, pôs-se em questão a antiga idéia de que os jovens de classes menos favorecidas são menos letrados digitalmente, em função dos resultados obtidos.

Além disso, os jovens elegem a internet como espaço privilegiado de interação com colegas, de lazer, de pesquisa, dentre outros. Nesse contexto, o *blog*, que é um recurso facilmente manuseável, prático, sem custo e de fácil acesso, figura como um ambiente que tem muita chance de se desenvolver na área educacional.

Diante dos resultados obtidos com esta pesquisa, podemos depor a favor dessa nova realidade: o uso de tecnologias em ambientes pedagógicos, com inúmeros fins – facilitar a aprendizagem, propiciar o acesso a textos diversos (para leitura, interpretação e fruição), pesquisar, preparar para a vida profissional e mesmo a vida cotidiana. Afinal, é de senso comum que agências bancárias, por exemplo, diminuem drasticamente pessoal interno de atendimento nos caixas e investe pesadamente em soluções digitais para seus clientes: pagamentos de contas, acesso remoto, controle de contas, etc.

Em outras palavras, o letramento digital (que não foi foco deste trabalho, mas nele está implícito) cada vez mais se faz necessário e os próprios alunos reconhecem isso.

Para a área de Linguística Aplicada, então, os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade crescente de estudos na área da linguagem. Dependendo da ação do professor, que é sempre mediada pela linguagem em ambientes digitais, alunos podem afastar-se ou aproximar-se, envolver-se mais ou menos nas atividades *on-line*, sentir-se mais ou menos seguros, amparados e afetivamente ligados ao professor e aos colegas. Processos imperativos,

[29] Mais informações disponíveis no *site*: http://www.cgi.br/. Acesso em: 29 mar.2009.

em ambientes que pretendem ser colaborativos, destoam da proposta, como vimos, e afastam os alunos. A LSF, portanto, representa um valioso escopo para o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Além disso, a internet, em qualquer esfera em que se situe, escolar ou não, é reconhecidamente um espaço de troca, de ampliação de amizades, de buscas, de descobertas. E para que isso tudo seja feito de modo adequado é imprescindível que haja professores preparados e pró-ativos, que possam orientar seus alunos não sobre o uso cotidiano e informal dessa rede (no que eles mesmos já se reconhecem), mas sobre o seu uso escolar, de estudo, de pesquisa.

Não se pode esquecer, também, que a internet oferece além do *blog*, outros tipos de recursos que podem ser muito bem aproveitados em sala de aula: vídeos e músicas são dois deles, para mencionar alguns. Para os professores da rede pública, que nem sempre contam com materiais didáticos diversificados, a internet parece ampliar os horizontes. Professores especialmente de língua materna e modernas estrangeiras encontram, na rede, inúmeros recursos para trabalhar com textos autênticos, com a linguagem, com a comunicação com outros estudantes de outras localidades, etc.

Finalmente, a internet parece representar um espaço escolar que pode dar grande vazão à voz dos alunos, se isso for trabalhado pela equipe de professores de cada escola, no sentido de cada vez mais termos ambientes didático-pedagógicos produtivos, envolventes para os alunos, ligados à realidade dos jovens e colaborativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BIASI-RODRIGUES, B. & HEMAIS, B. A proposta sócio-retórica de John M.Swales para o estudo de Gêneros Textuais In: *Gêneros: teorias, métodos, debates.* Meurer, B & Motta-Roth. São Paulo: Parábola, 2005.

BOVO, Vanilda Galvão. *O uso do computador na Educação de Jovens e Adultos.* Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.105-112, jul. 2001-jul. 2002.

CAIADO, Roberta V. R., A *Notação Escrita Digital* influencia *a Notação Escrita. Escolar*; Recife: UFPE, 2005.

CALDEIRA, Josyele Ribeiro. *Alguns conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional aplicados à análise do gênero ´Redação do Vestibular´.* VIII Fórum de Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

CAVALCANTI, Marilda. AILA 1996 e Um Estado da Arte em Microcosmo da Linguística Aplicada *In: Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda (orgs.). Mercado das Letras. Campinas: SP, 2004.

DANIELS, Harry. *Uma introdução a Vygotsky*. Loyola: 2002.

EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.

FRANCO, Maria de Fátima. *Blog Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa.* Assessoria Pedagógica. Juiz de Fora: MG: 2005.

FLINK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa.* Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, *A experiência do MOVA.* SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotsky & Bakhtin Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2006.

GERVAI, Solange Maria Sanches. *A mediação Pedagógica em contextos de aprendizagem online.* PUC-SP, 2007.

GOMES, Maria João. *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica.* VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIE05. Universidade do Minho. Leiria, Portugal, 2005.

HALLIDAY, M.A.K *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994-2000.

_____, M.A.K. How do you mean? In M. Davies e L.Ravelli (eds.). *Advances in systemic linguistics: recent theory and practice*. London: Pinter, 1992.

_____, M.A.K. & HASAN, R *Language, context, and text: aspects of language In a social-semiotic perspective.* Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____, M.A.K. *Language as a Social Semiotic.* Londres: Edward Arnold, 1978.

JOHN-STEINER, Vera. *Thougt Communities In: Creative Collaboration*. Oxford, 2000.

_____, Vera & WEBER, Robert J., MINNIS, Michele. *The Challenge of Studying Collaboration.* American Educational Research Journal Winter. Vol.35, nº 4. University of New Mexico, 1998

JONASSEN, David H. *Learning with Technology: a construtivist perspective.* Saddle River, NJ, 1947-1999.

KEMMIS, Stephen. *Critical Reflection*, 1987

KLEIMAN, Ângela. O Estatuto Disciplinar da Linguística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. *In: Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda (orgs.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blog*s e práticas de escrita sobre si na Internet In: MARCUSCHI, Luiz Antonio & Xavier, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBERALI, Fernanda C. A formação crítica do educador na perspectiva da Linguística Aplicada. In: Lucia ROTTAVA (org.) *Ensino/aprendizagem de Línguas: língua estrangeira.* IJUI: Editora da UNIJUI, 2006 (no prelo).

LOPES, José Junio. *A introdução da informática no ambiente escolar.* Rio Claro, SP: UNESP, 2002.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.* São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo *O método para Vygotsky: A Zona Proximal de Desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas*. São Paulo: s.d. *(*no prelo).

_____, Maria Cecília Camargo *A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio & Xavier, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTIN, Jim R. Beyond Exchange: Appraisal system in English. In: Hunston, S. & Thompson, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse.* Oxford: Oxford University Pres, 2000.

_____, Jim R.; ROSE, David. *Working with Discourse: Meaning Beyond the Clause*. Open Linguistics Series. Londres/NY: Continuum International. Publishing Group Ltd, 2003.
_____, Jim R.; WHITE, P.R.R. *The language of evaluation – Appraisal in English.* Palgrava Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Por uma linguística aplicada Indisciplinar do conhecimento*. Parábola Editorial. São Paulo, SP: 2006.

MOTTA-ROTH, Désirée & HEBERLE, Viviane Maria. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan In: *Gêneros: teorias, métodos, debates.* Meurer, B & Motta-Roth. São Paulo: Parábola, 2005.

NEWMAN, F & HOLZMAN, L. *Lev Vygotsky – cientista revolucionário*. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo histórico*. São Paulo: Scipione, 1998.

PENNYCOOK, Alastair Uma linguística aplicada transgressiva In: MOITA LOPES, Luiz Paulo *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.

SCHÖN, Donald A. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.* Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

_____, Donald A. The theories of inquiry: Dewey's legacy to education. *Curriculum inquiry*, vol.22, no.2., 1992.

SILVA, Marta Cristina da. A Noção de Gênero em Swales: revisitando conceitos. *Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*. Ano 2- nº 3. UFJF, 2005.

SMYTH, John. Teacher´s work and politics of reflection. *American Education Research Journal*, Vol.29 – nº 2, 1992.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996-2004.

VIAN JUNIOR, Orlando. *Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais.* PUC-SP, 1997

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1934-1998.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALMEIDA**,** Maria Elizabeth Bianconcini *Informática na escola: da atuação à formação de professores*, 1997. Disponível em:

http://www.divertire.com.br/educacional/artigos/11.htm Acesso em: 13 ago 2008.

_____**,** Maria Elizabeth Bianconcini *Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo.* Revista E-Curriculum, Internet, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em:

http://www.pucsp.br/ecurriculum/artigos_v_1_n_1_dez_2005/bethalmeidaartigo.pdf Acesso em: 13 ago 2008.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 12 mar 2009.

_____. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 12 mar 2009.

_____.Lei de Diretrizes e Base da Educação nº 5692 de 11.08.71, capítulo IV. Ensino Supletivo. Legislação do Ensino Supletivo, MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974. Acesso em: 12 mar 2009.

_____.PARECER nº 699/71. Regulamenta o capítulo IV da Lei 5.692/71. 06 de julho de 1972. Constituição Federal de Educação. Rio de Janeiro. Acesso em: 12 mar 2009.

DUARTE, Newton. *A Escola de VIGOTSKI e a Educação Escolar.* São Paulo, UNESP Araraquara, 2005. Disponível em: http://www.geocities.com/Athens/Ithaca/3745/odonto/VIGOTSKY.htm Acesso em: 28 ago 2007.

FREIRE, Maximina Maria e RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. *Do presencial pra o virtual: um desafio para o professor de inglês.* VI Congresso Internacional de Educação a Distância, 2000. Disponível em:

http://www.abed.org.br/antiga/htdocs/paper_visem/rosinda_de_castro.htm Acesso em 18 jun 2007.

GANHÃO, Sérgio. *Um guião sobre blogs*. Disponível em: www.fpce.ul.pt/pessoal/ulfpcost/te3aula2003/*blog*. Acesso em: 12 mar 2009.

MORAN, José Manuel. *Como utilizar as tecnologias na escola* Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm Acesso em: 12 mar 2009.

NOVAES, Caio. *A história dos Blogs,* 2007/2008.

Disponível em: http://www.brogui.com/a-historia-dos-*blogs*/ Acesso em: 12 mar 2009.

OLIVEIRA, Maria Helena Palma de & SILVA, Siony da. *A contribuição da teoria sócio-interacionista de Vigotsky*

Disponível em: http://br.geocities.com/siony.silva/contri.htm Acesso em: 18 jun 2007.

PAZ, Carolina Rodrigues (2003) *A cultura Blog: questões introdutórias.* Revista FAMECOS, Porto Alegre: nº 22. Disponível em:

http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/234/178 Acesso em: 12 mar 2009.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira e SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus.*.In: e-compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. www.compos.com.br/e-compos, abril de 2006. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf Acesso em: 28 ago 2007.

ROCHA, Halline Fialho da; KARL, Helena de Azevedo; VEIGA, Marise Schmidt; GUIMARÃES, Michele. As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos. *Pedagogia em Foco.* Petrópolis, 2002. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01.html Acesso em: 28 ago 2007.

VENTURA, Magda Maria. *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa.* Rev SOCERJ, 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf Acesso em: 26 mar 2009.

VIAN JUNIOR, Orlando & IKEDA, Sumiko Nishitani. *A Análise do Discurso pela perspectiva Sistêmico-Funcional,* 2006. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/HP_GTLA/livro/sumiko_orlando.pdf Acesso em: 28 ago 2008.

VON STAA, Betina. *Sete Motivos para um Professor criar um blog* (s.d.) Disponível em: http://www.educacional.com.br/articulistas/betina_bd.asp?codtexto=636 Acesso em: 7 out 2008.

WHITE, P. R. R. _____. (2004b) *The Language of Attitude, Arguability and Interpersonal Positioning.* The Appraisal Website: Homepage Disponível em: http://www.grammatics.com/appraisal/ Acesso em: 21 jun 2008.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara. *Vygotsky e a educação,* 2007. Disponível em: http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html Acesso em: 28 ago 2008.

_____ , Vera Lúcia Câmara. *DEWEY e a Escola Progressista,* 2007. Disponível em: http://www.centrorefeducacional.com.br/dewey.html Acesso em: 28 ago 2008.

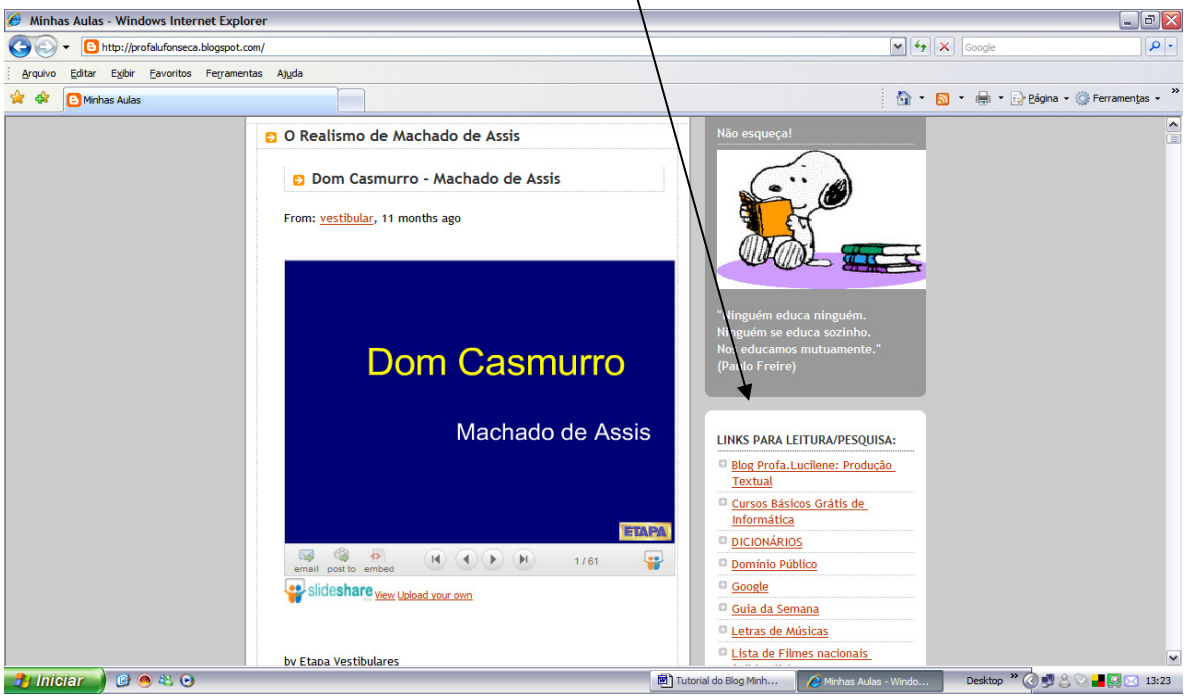
ANEXOS

Anexo 1

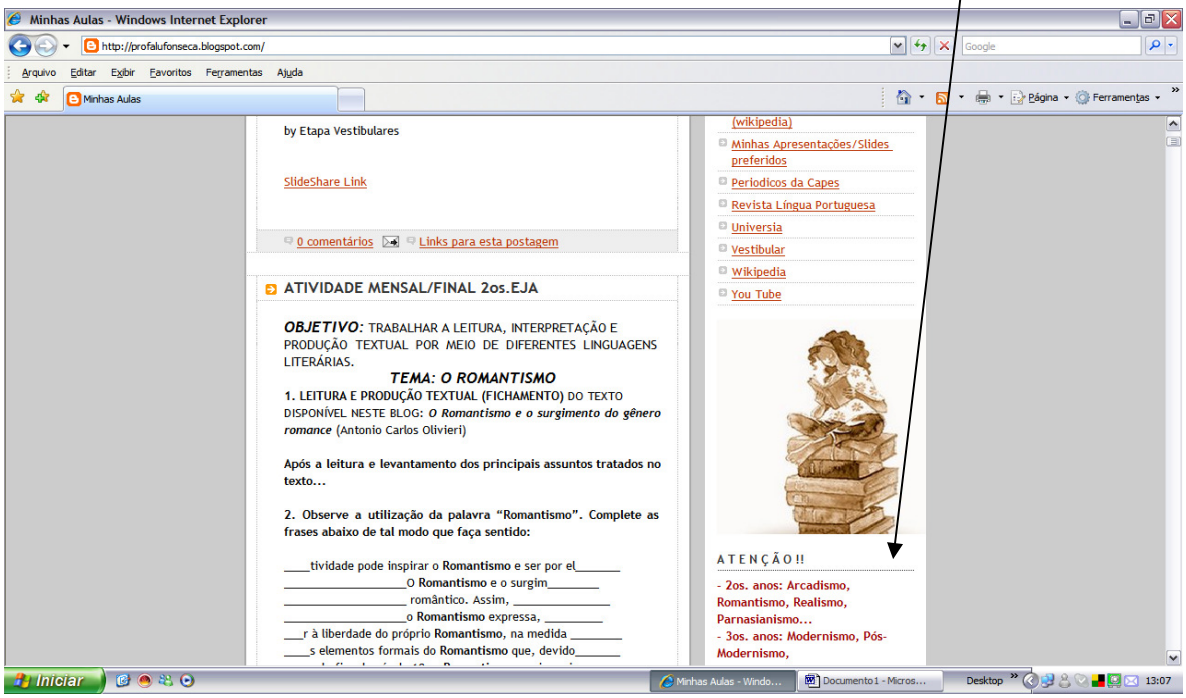
Tutorial – Blog "Minhas Aulas"

Bem vindo! Primeiramente, assim que abrir o *Blog*, aguarde um pouco, até as informações sejam carregadas totalmente do lado direito.

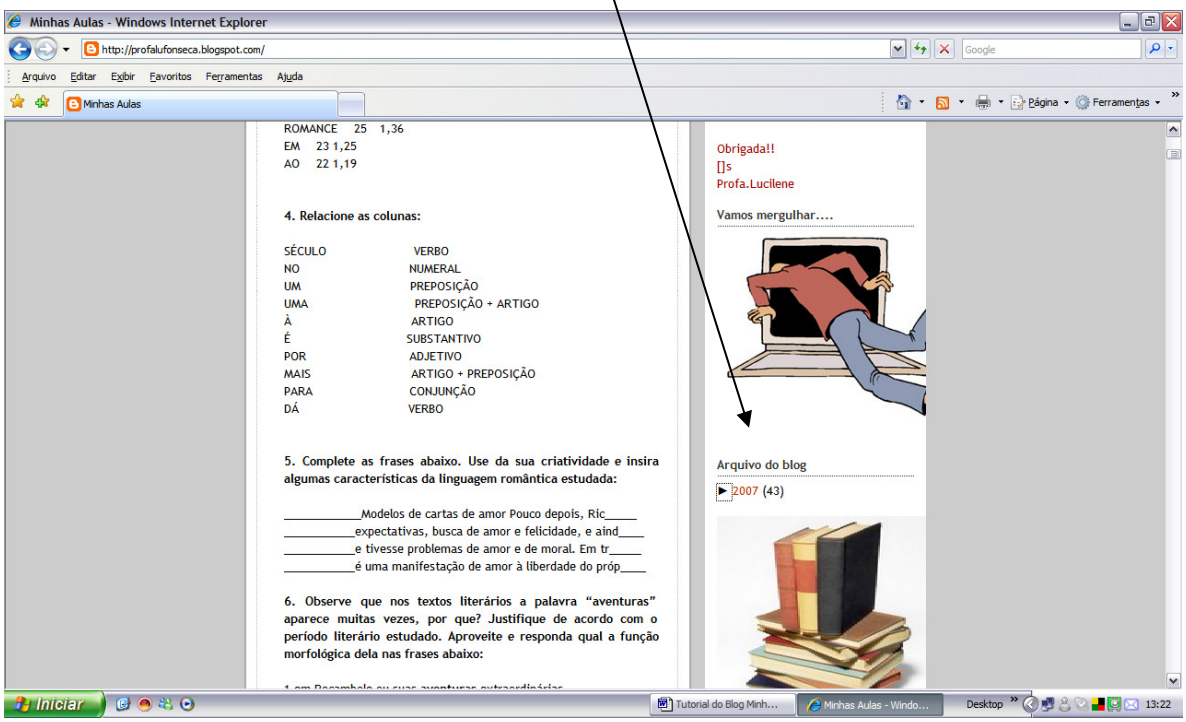
Após esta etapa, passeie... suba, desça e se familiarize... Observe que a sua disposição há vários LINKS PARA LEITURA/PESQUISA...



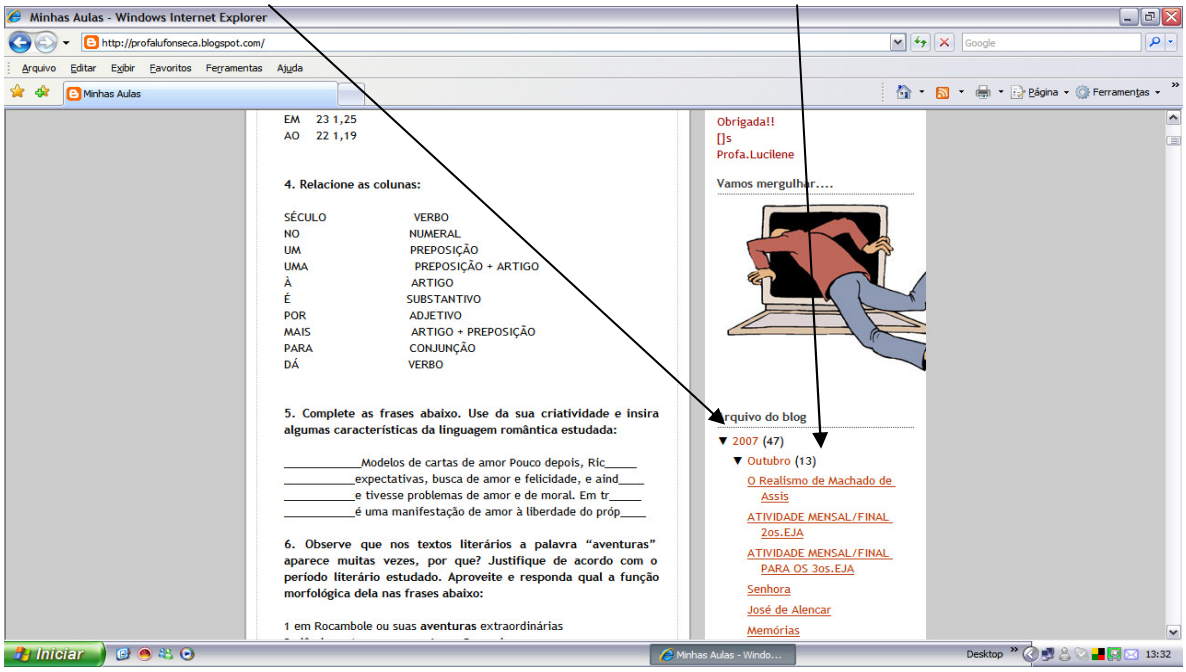
Continue a navegar... Leia tudo! Observe que há instruções no ATENÇÃO!



E, logo abaixo encontrará o **Arquivo do *Blog*!!** É por meio dele que você vai encontrar tudo que procura, o material inserido neste *Blog*

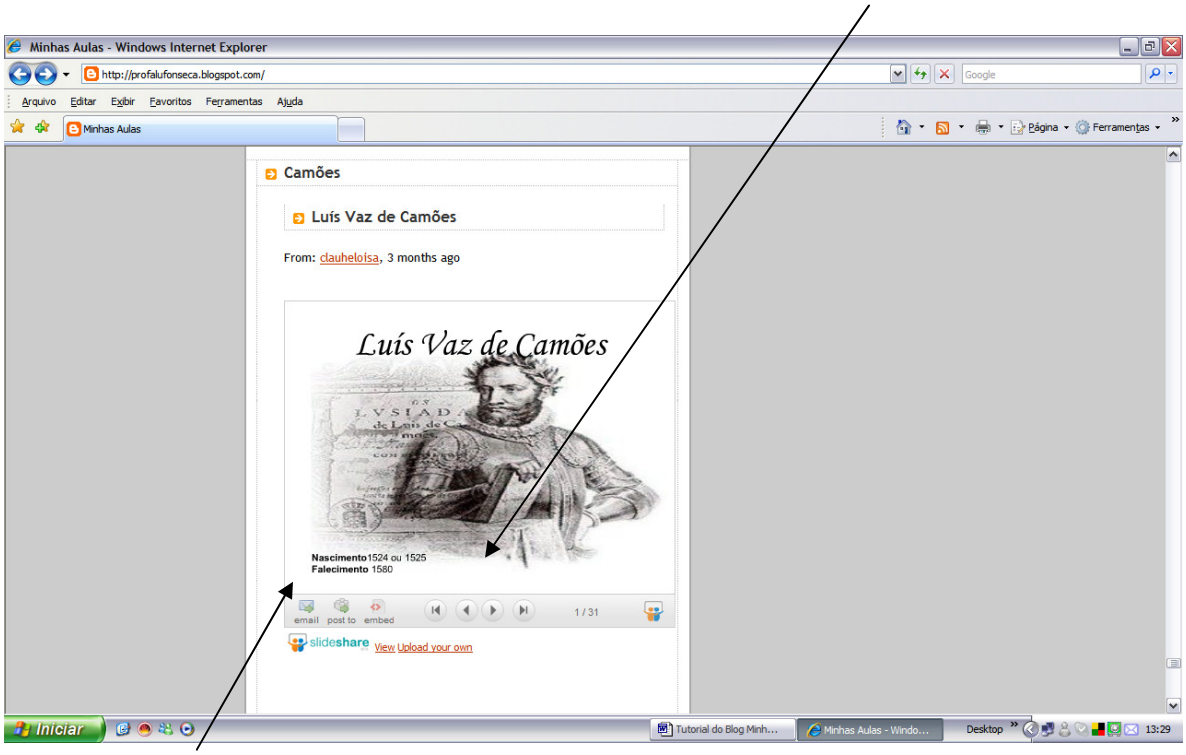


Para localizar o que deseja, vá até o ícone e clique nele com o lado esquerdo do mouse. Ele mudará para e aparecerá tudo que foi inserido (mensal) no *Blog*.



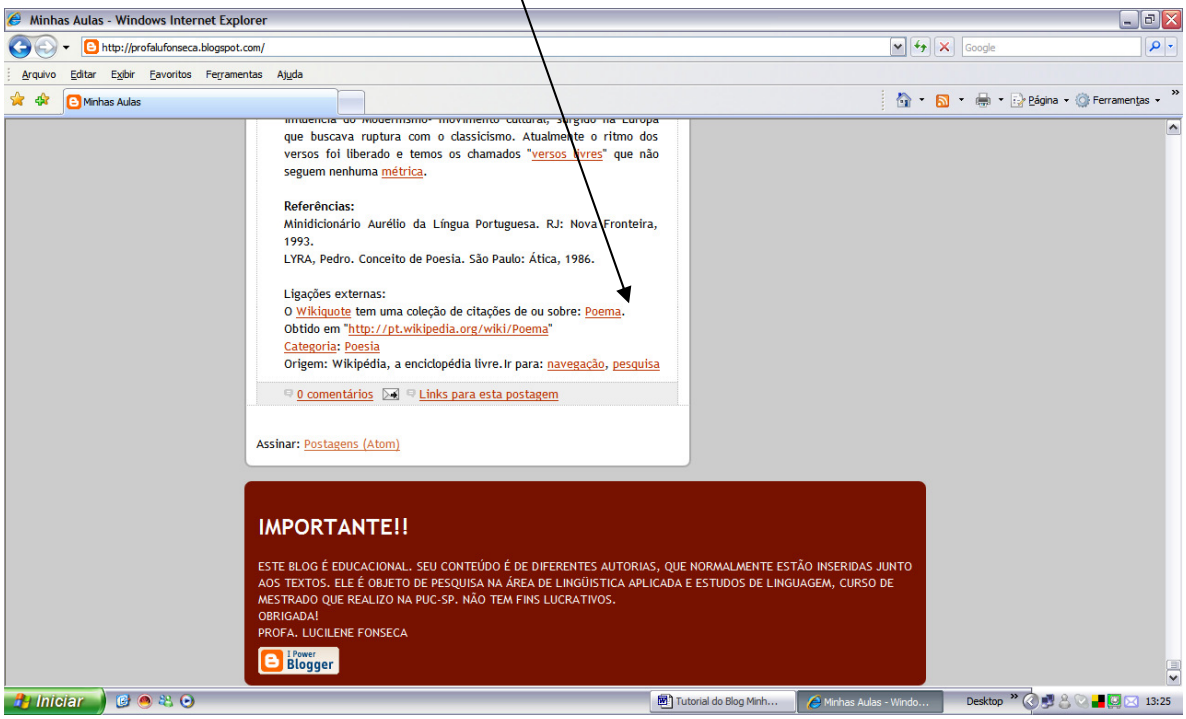
Caso não encontre no mês que abriu, vá ao outro e repita o processo até encontrar o que deseja, ok? Ao encontrar é só clicar no *Link* que o assunto abrirá para você!

Há apresentações, que para serem visualizadas deve-se clicar nos botões...



Não é possível imprimir a apresentação inteira. Você deve copiar e colar cada slide ou clicar no 1º link "**email**" e enviá-la para seu email pessoal.

Há no "corpo" do *Blog* vários **links,** que transportam você ao assunto evidenciado... Experiente... Navegue a vontade e, diante de qualquer necessidade, envie um e-mail para profa.lucilene.fonseca@gmail.com, que responderei assim que possível! **Bons estudos!**



Anexo 2

Notas de campo do professor sobre a experiência com o uso do *Blog* durante as aulas de Língua portuguesa

Como tudo começou...

No dia 03/09/07 comecei a substituir no período noturno - Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual, a professora de Língua Portuguesa, que tirou Licença prêmio por 90 dias. Horário/Classes repassadas:

2a feira	2C	3D	3D	2D	2D
3a feira	3B	3D	3C	3C	3B
4a feira	3C	3D	2C	2C	2D
5a feira	3B	3B	2C	2D	3C

Já trabalhava como professora em escolas públicas como "OFA" e nessa escola como eventual, desde agosto de 2007. Conhecia os alunos parcialmente, uma vez que como substituta há maior dificuldade para se desenvolver um trabalho contínuo.

A professora efetiva, antes de sair de licença, reuniu-se comigo e passou seu material, livros e cópias de textos que utilizava com os alunos etc. Explicou que emprestava ou copiava na lousa os textos para os alunos, que faziam a atividade após sua explicação. Não houve qualquer tentativa para que seguisse seu método, mas como substituta pretendia seguir sua metodologia. Foi nesse momento que decidi tomar outro rumo...

E foi assim que...

Primeiramente, assim que assumi as aulas, pedi a coordenação do noturno os Planejamentos Anuais das classes/disciplina. Eles me foram entregues, prontamente, pela coordenadora em exercício.

1.1.1 ... resolvi criar um *Blog*, um arquivo virtual

Ainda que soubesse que os alunos se organizavam e tiravam cópias da teoria e exercícios dos assuntos tratados, copiavam da lousa a matéria etc., por não ter um livro adotado, resolvi ir além e criei um blog para armazenar a teoria e as atividades que seriam propostas de acordo com o Plano de Ensino 2007.

Pensei que, ao disponibilizar aos alunos esse conteúdo on-line, além de todos estarem com tudo proposto e estudado em tempo integral, poderiam adquirir uma competência a mais, o letramento digital, a prática da Internet, tão necessária hoje em qualquer contexto.

Para acessar o conteúdo no blog os alunos precisariam ter um computador com acesso a Internet e as competências básicas, conhecê-lo.

Ao acessar e entrar o blog, os alunos necessitariam praticar a leitura e a interpretação dos textos, para depois fazer as atividades individuais e em grupo propostas. Muitas vezes as atividades os encaminhariam à pesquisa na net. Precisariam interagir, produzir textos, apresentações etc. A interação, a meu ver, poderia ocorrer entre a máquina, o conteúdo, o professor e os alunos.

Tudo aconteceu em uma tarde de domingo:

1. *idéia*
2. *criação/escolha do "modelo"*
3. *seleção dos textos/sites educacionais/vídeos you tube etc*
4. *exercícios/avaliações*

Meu trabalho para escolher o modelo do blog, selecionar e inserir os textos se estendeu até a noite e outros muitos dias...

Naquele momento, para facilitar meu trabalho, procurei inserir um material que já estava disponível on-line, no site da UOL - educacional, principalmente por acreditar que aquele material estava pré-preparado etc. Meu foco não era ainda o material em si, mas o uso do blog com meus alunos do noturno, Educação de Jovens e Adultos.

Na etapa seguinte houve a:

5. *divulgação: alunos/diretoria/site da escola*
6. *explicação: uso/acesso*
7. *uso da Internet: dentro (sala de informática) e fora da escola (lan house/residência)*

Como foram as etapas iniciais

Lógico que tudo tem um começo, que surge de uma....

- *idéia da criação / uso*
- *escolha de um modelo simples e objetivo; funcional.*
- *Nome/título do blog*
- *seleção dos textos teóricos; material a ser inserido/proposto.*

Minha maior preocupação durante as primeiras etapas foi criar um blog bem simples e interessante, que pudesse: atrair a atenção de todos, motivar a leitura, interpretação e

produção textual, além de facilitar o acesso dos alunos para responderem às atividades; exercícios propostos.

Pensei logo em usar imagens, músicas, filmes, apresentações, clipes etc, pois sempre acreditei que o uso de recursos interativos, trazer o aluno para o mundo com que convive diariamente pode facilitar a aprendizagem.

Resolvi então nomear meu blog como "Minhas Aulas", afinal de contas ele seria utilizado para e durante elas.

Após essas etapas iniciais, precisei vendê-lo aos alunos, que sequer imaginavam o que estava por vir.

1.1.2 Acreditei e...

iniciei a divulgação dele logo na primeira aula semana, na 2a feira. Coincidência ou não, estive naquele dia com o diretor e pedi a ele que inserisse o link para o blog no site da escola, criado pelo próprio.

Na classe expliquei aos alunos que criara um blog, um espaço virtual em que eles poderiam acessar tudo que seria dado a qualquer momento, de qualquer lugar. Expliquei seu funcionamento, passei os endereços do site do colégio e do blog "Minhas Aulas", como também do outro blog que criei durante a disciplina que fiz durante o segundo semestre de 2006 na ECA-USP. Naquele momento fiz um projeto de criação de um blog para ser utilizado nas aulas de redação empresarial.

A reação dos alunos foi bem diversificada. Alguns reclamaram pelo fato de não terem computador, outros acharam interessante. Realmente deu para perceber que meu desafio estava apenas começando...

Ressaltei a todos que decidi utilizá-lo para propiciar a leitura e a interpretação de textos, diversificados, exercícios que facilitassem a aprendizagem tanto da Língua portuguesa como do uso do computador, da Internet, tanto a distância como no presencial, uma vez que ficariam disponíveis on-line.

- 2º Semestre 2007:

- Tempo usado (nº aulas/classe): 4 aulas por semana.

- Setembro (1º mês), dias: 03 a 06; 10 a 13; 17 a 20; 24 a 27

.Classe: 2º C/D e 3 B/C/D

As aulas em que o conteúdo é passado na lousa ou "xerocado" aos alunos, copiado de livros didáticos, tornam-se a meu ver muito paradas, sem interação entre conteúdo—aluno-professor. Diante dessa dificuldade e da falta de "material teórico" para o EJA, resolvi criar um espaço virtual, um arquivo com o conteúdo das aulas, o blog Minhas Aulas.

- Outubro (2º mês), dias: 01 a 04; 08 a 11; 15 a 18; 22 a 25; 29 a 01

.Classe: 2º C/D

Fomos assistir "Macunaíma" nas primeiras aulas do mês. Informei aos alunos que, devido a dificuldade para tirarmos cópias de textos e não contarmos com um material didático, havia criado um arquivo virtual, um blog, onde estariam os textos teóricos, atividades a serem desenvolvidas etc. Expliquei que desta maneira teriam acesso 24h e de qualquer lugar que estivessem ao conteúdo a ser estudado. Os alunos anotaram os links, tanto do blog como do site do colégio onde o diretor havia disponibilizado um acesso a este recurso virtual. Expliquei a todos como deveriam entrar no ambiente e acessar as atividades para leitura e/ou impressão. As reações foram diversas: alguns reclamaram, outros acharam interessante, adoraram a idéia.

Na aula do dia 8 expliquei o que era Léxico e demonstrei as relações das palavras no texto. Fomos ao laboratório de informática quando propus que elaborassem um resumo sobre "Arcadismo" com "olhos" para o filme visto, utilizassem a percepção e interpretação visual e auditiva para praticar diferentes leituras.

No período do dia 10 ao 23, no 2ºC, a classe continuou o trabalho em grupo e contou com o laboratório de informática. Notei grande envolvimento de todos durante as atividades. Houve grande discussão sobre as características do movimento estudado e do porquê o filme era considerado "arcádico". Fizemos os exercícios elaborados com Corpus e todos tiveram grande curiosidade e interesse. Imprimiram os textos disponíveis no blog para fazer essa atividade na classe.

Com o 2º C, no dia 23, iniciamos os estudos sobre o Romantismo. Naquela mesma noite fui ao laboratório com a outra classe: 2ºD, onde fiz a demonstração do blog e seus recursos. A grande maioria dos alunos ficou encantada.

Até aquele dia nenhum aluno havia respondido às minhas solicitações para deixarem comentários no blog. Como incentivá-los era minha grande questão naquela fase. Resolvi elaborar um Tutorial detalhado e disponibilizá-lo aos alunos.

A aula do dia 29 no 2ºC foi um pouco diferente. Levei dicionários e em grupos a classe, que já havia ido ao laboratório e lido o texto, continuou o trabalho de fichamento com ele

impresso. Eu mesma imprimi alguns para facilitar o trabalho na classe, já que no laboratório era muito difícil obter o resultado esperado. Já, no 2^{o}D fomos ao laboratório, porém devido ao pequeno número de computadores com acesso à Internet houve algumas reclamações: poucas máquinas, textos do blog longos e de difícil leitura. Tal ponto foi por outro lado muito bom porque os levou a pesquisar outros textos na wikipedia, buscar dicionários on-line, dividiram suas tarefas, buscaram respostas, interagiram. Questionaram a mim e aos colegas enquanto observavam aqueles que manuseavam os computadores/Internet. Para ler na tela alguns aumentaram a letra dos textos. Alguns levaram outra bibliografia, tanto impressa como on-line. Eu mesma havia levado cinco cópias impressas do que havia proposto no blog. Fiz isto para dificultar a prática do uso do material impresso pelos grupos de estudo. Naquela noite não senti resistência deles ao usar os recursos tecnológicos e pensei: será que estavam receptivos por eu ter avisado a todos que a aula seria com a Internet?

Até aquele dia ninguém havia enviado por meio do blog, ainda que tivesse convidado durante as aulas, qualquer texto para minha apreciação. Pensava: o que poderia fazer para que os enviassem?

Em casa, para minha surpresa, recebi um email de um aluno, que havia enviado um texto pelo blog de uma aula que estivera ausente. Respondi assim que o li, mas o mesmo não retornou meu email depois. Considerei tal fato muito significativo.

No dia 01, devido à falta de professores, pediram e por este motivo precisei adiantar a aula para as classes: 2^{o} C e 2^{o} D. Tal fato ocasionou um problema devido ao que tinha preparado para ela ser insuficiente para o grande número de alunos presentes, tanto os computadores como textos impressos. Contornei a situação ao formar grupos. Os alunos se envolveram muito com a atividade proposta com Corpus, questionaram. Compreenderam a necessidade de se entender as relações da palavra no texto e seu papel morfológico. Fiquei muito satisfeita com o retorno positivo da maioria dele ao lerem, interpretarem, fazerem as atividades e produzirem textos em conjunto.

.Classe: 3 B/C/D

Logo nas primeiras aulas do mês convidei todos para assistirmos o filme: Dona Flor no auditório da escola. Informei aos alunos que, devido a dificuldade para tirarmos cópias de textos e não contarmos com um material didático, havia criado um arquivo virtual, um blog, onde estariam os textos teóricos, atividades a serem desenvolvidas etc. Expliquei que desta maneira teriam acesso 24h e de qualquer lugar que estivessem ao conteúdo a ser estudado. Os alunos anotaram os links, tanto do blog como do site do colégio onde o diretor havia disponibilizado um acesso a este recurso virtual. Expliquei a todos como deveriam entrar no

ambiente e acessar as atividades para leitura e/ou impressão. As reações foram diversas: alguns reclamaram, outros acharam interessante, adoraram a idéia.

Na aula do dia 8 expliquei o conceito de léxico e as relações das palavras no texto. Fiz em seguida um brainstorming com o 3^{o}D sobre a obra de Jorge Amado, o Modernismo social, o filme assistido e sua música-tema. Ressaltei o contraponto da história, problema social com a letra da música e as características deste período literário. Pedi um texto individual sobre a aula.

Durante as aulas realizadas no laboratório/classe, que nomeio a primeira etapa da aplicação (Fase1), fizemos:

1. *Leitura: textos teóricos sobre Modernismo, biografia do autor da obra: Dona Flor.*
2. *Pesquisa referente ao Filme: Dona Flor*
3. *Música: O que será?*
4. *Produção textual individual (Tempestade de idéias)*
5. *Conceitos: Léxico, morfologia (verbo, substantivo, adjetivo)*
6. *Trabalho em grupo: produção textual*

No dia 10, uma classe "revoltou-se" devido ao pouco tempo, ou melhor, estarmos muitas aulas no mesmo assunto. Realmente a aplicação da atividade com o uso do blog, necessitou de "muitas" aulas: três a quatro, o que gerou um stress nos aluno do 3^{o}D. Reclamações: sem nota, sem chamada, o que era motivo de preocupação constante. Reafirmei que, para mim, o que era realmente importante era a aprendizagem e o conhecimento adquirido por todos. Conversamos e a maioria entendeu tal importância e meu objetivo. Muito difícil quebrar estes paradigmas enraizados, mas não desisti, continuei!

Solicitei às classes uma produção textual, tema: Jorge Amado: arte para as massas ou elites? Analisamos "Oswald de Andrade" e as características da linguagem modernista no dia 17.

Usamos no dia 23 o laboratório de informática. Ao preparar as aulas fiquei na dúvida que atividade seria mais apropriada, uma vez que só disporíamos de três computadores. Como dosaria isso? Pensei nas seguintes opções:

1. *Leitura e fichamento dos textos teóricos.*
2. *Inseririam (comentários) dos artigos/textos lidos ou uma resenha crítica*
3. *Fariam os exercícios (preparados com Corpus).*

Consegui que os alunos do 3^{o}C fizessem a leitura de "Portinari" no You Tube referente o Modernismo. O tempo foi curto para que conseguíssemos ir além... Complicadíssimo dividir mais de 30 alunos de tal modo que conseguissem fazer a atividade somente com três equipamentos.

Na aula seguinte, dia 29, dividi a classe: cinquenta por cento ficaram na classe e os outros foram para o laboratório. Eu corrida de uma sala para a outra... Foi um sobe, desce, sobe, desce...

No dia 1/11 o 3º B e D finalizaram a atividade proposta na aula anterior. Houve grande interação entre os alunos, que em grupo discutiram, questionaram a mim várias vezes. A atividade elaborada por meio da Linguística de Corpus (LC) os impressionou muito. Entendi, pois era algo muito novo para todos. Por outro lado o resultado foi excelente e fiquei muito impressionada, uma vez que ela facilitou muito a aula sobre sujeito e predicado: tipos, conceitos. Fiquei muito impressionada com o "laboratório de informática": uma sala que pouco era utilizada. A escola não dispunha de um professor-orientador e, ainda que tivesse vários computadores, somente quatro (04) funcionavam e três (03) tinham acesso à Internet.

Antes da aula encontrei um aluno, o aluno L do 3C, que havia faltado na aula anterior. Convidei-o para ir comigo ao laboratório de informática para fazer a atividade que tinha perdido. Quando lá estávamos constatei que ele não sabia nem entrar na Internet, o que foi uma grande surpresa. Orientei-o a entrar na net,acessar o blog, a atividade, os recursos: dicionário etc., leitura e exercícios propostos. Deixei que ficasse bem a vontade. Logo, ele que havia dito que não sabia nada tanto de Língua Portuguesa como de computador, começou a se familiarizar e passou a executar tudo sozinho. Inclusive, quando tocou o sinal para a primeira aula, ele pediu para continuar e terminar o que estava fazendo sozinho.

Outro aluno que também havia faltado na aula anterior foi até o laboratório. Pedi que fizesse a atividade ao lado de L. Fui para a classe deles, onde seria a minha primeira aula. Durante a aula sai da classe e voltei ao laboratório. Para minha surpresa o L havia preferido fazer a atividade independente do colega. O colega, por sua vez, não sabia nada e o aluno L repassou a ele minhas orientações. O discurso dele foi o mesmo, afirmou não ter entendido nada etc. Sentei com ele e fiz a mesma coisa: expliquei detalhadamente, passo a passo... Ao final perguntei se tinha entendido e ele afirmou que sim. O questionei se poderia acessar o blog fora da escola para que pudesse entregar na aula seguinte e o mesmo afirmou que sim.

Naquele mesmo dia, dois alunos surdos do 3ºB também foram ao laboratório. Um deles, o R, tinha relutado em usar o blog um dia antes. Dei as mesmas instruções novamente e os deixei no laboratório. Comentei com a professora dos surdos, fonoaudióloga, que aquele aluno havia comentado comigo ter horror à língua portuguesa, quando ela me explicou ser natural, uma vez que a língua deles é a Libras. Ela orientou-me a passar para eles textos menores, com menos linhas. Imediatamente, quando ambos me procuraram, diminui a leitura,

expliquei com mais detalhes etc. Tudo correu naquela noite, quando inclusive montei com o professor de física um blog para suas aulas.

- **Novembro (3º mês), dias: 05 a 08; 12 a 15; 19 a 22; 26 a 29**

.Classe: 2 C/D

Minhas impressões ao final da Fase 1: tempo curto para desenvolver as atividades propostas. O fato de termos um laboratório na escola com poucos computadores funcionando e com acesso à Internet dificultou a aplicação da experiência, pois tal limitação impossibilitou o acesso ao blog.

.Classe: 3 B/C/D

Primeiras impressões: tempo curto para desenvolver as atividades propostas devido contarmos com poucos computadores funcionando e com acesso a Internet.

No dia 6 decidi, após o que considerei a 1ª etapa com o uso do blog: divulgação, familiarização e uso do blog pelos alunos, contar que havia mudado minha pesquisa de mestrado para retratar nossa experiência.

Na aula do dia 7 alguns alunos inseriram comentários no blog e/ou entregaram por escrito suas impressões da 1ª etapa. Muitos disseram ter dificuldade para imprimir por não contarem com um computador.

A seguir, no dia 8, fiz um bate-bola sobre a Contemporaneidade e a Pós-Modernidade: características, conceitos.

O fato de adiantar aulas atrapalhou muito o desenvolvimento do programa. No dia 14 o 3º D chegou a desrespeitar-me quando afirmei que isso atrapalhava muito nossas aulas. Muitos alunos só desejavam ter presença, um certificado, mas havia os que pensavam muito diferente e tinham interesse em aprender.

Enviei por email a entrevista mais a avaliação do blog para alguns alunos no dia 18.

No dia seguinte, 19/11, a aluna P do 2º D e um aluno do 3º C foram à escola para fazermos a atividade no laboratório de informática. Aproveitei e gravei uma entrevista com ela e outra colega. O aluno L faltou naquele dia, em compensação o outro aluno que foi adorou a atividade elaborada sobre a Contemporaneidade. Coloquei a música do Arnaldo Antunes, que fazia parte dela e todos leram a letra enquanto a ouviam. Tudo foi muito legal. Interessante observar a postura dos professores, colegas e direção que, por ser um dia "morto", convidaram-nos a ir embora da escola, ou melhor, afirmaram que só nós estávamos na escola. Nós queríamos continuar a aula no laboratório, não era feriado, mas mesmo assim... Saímos as 20h por insistência, mas ainda assim aquela aula vale muito.

No dia 21 iniciei a Fase 2.

Alguns alunos foram à escola para fazermos a atividade no laboratório no dia 26. O aluno, que sequer sabia manusear um mouse, L, chegou cedo, às 18h10. Ele já estava me esperando e fomos juntos ao laboratório de informática. Lá pedi a ele que respondesse a avaliação do blog enquanto ligava os computadores para nosso uso. Ele não se opôs a responder e fazer parte da minha pesquisa, ser fotografado etc. L precisava terminar a atividade: Modernismo. Sentei ao lado dele e entramos juntos no blog, na atividade. Discutimos, tiramos as dúvidas e ele terminou o que faltava. Ele acessou os slides referente ao próximo assunto que estudaríamos: Contemporaneidade – teoria e atividades.

Na segunda aula – 3D os alunos deveriam entregar as atividades pendentes e terminar a atual: Contemporaneidade. Distribui a avaliação do blog e autorização para utilizá-la. Expliquei a todos tal necessidade. Senti que todos responderam com muito boa vontade. Aproveitei e pedi para dois alunos respondessem as avaliações maiores, mais detalhadas, que havia preparado. Todos sempre muito preocupados com as notas, chamadas etc, mas mesmo assim foram receptivos, para minha alegria e surpresa. Vale ressaltar a atitude de um aluno daquela classe: pediu a mim mais tempo para fazer a atividade, não desejava apenas copiar para a entregar na data solicitada.

Um aluno do 3º B pediu no dia 29 para eu enviar a ele por email um feedback de suas produções textuais, passou seu email a mim. Considerei este retorno muito importante por ter conseguido despertar nele interesse e confiança. Pensei naquele momento em agradecer a todos por email ao término do mestrado. Muito interessante observar durante este período que, ainda que poucos, há alunos muito interessados e para esses, não há muitas opções: laboratório precário, professores desmotivados, sem desejar provocar os alunos. Escutei várias vezes de alguns colegas: coloque na lousa um texto e não se stresse, porque não vale a pena!

- Dezembro, dia: 03

.Classe: 2º C/D e 3 B/C/D

Não houve conteúdo, atividade proposta e desenvolvimento no dia 3. Fui à escola para passar a professora os diários de classe, notas etc. Apresentei a ela o blog e relatei a experiência. A professora ficou "chocada" com a falta de recursos do Laboratório de Informática da escola. Foi inclusive conversar com o diretor, que ressaltou a morosidade do sistema etc.

Fica claro que, se houvesse recurso físico na escola e os professores desejassem inovar, os alunos teriam a oportunidade de ter aulas mais interessantes, que facilitariam a aprendizagem, a aquisição de conhecimento.

Anexo 3

Comentários feitos pelos alunos no *Blog Minhas Aulas*:

JC, nr.14 – 2º C disse...
Gosto das aulas informatizadas, neste caso com o Blog, porque existem muitos que não tem acesso a computação e desta maneira eles podem aprender mais uma habilidade. Todas as escolas deveriam ter salas bem montadas, este estilo de aula. Pena que não tem computador para os alunos. Atividade diferente, interessante.
7 de Novembro de 2007 21:07

F - 2º C disse...
Por falta de interesse. Apartir de agora vou começar a usar!!! Tempo curto, bem aqui na escola é a 1ª vez que frequento. acho até que seria muito bom que nas aulas podessemos usar os computadores!!!
7 de Novembro de 2007 21:14

VB disse...
As aulas atraves da Internet sao muito praticas, é uma pena que nas escolas nem sempre conseguimos usa-las pois na maioria das vezes nao possuem uma sala de informatica, e as que possuem nem sempre os computadores estao em bom estado,dificultando o aluno de aprender com mais facilidade.
VB 2º C
7 de Novembro de 2007 21:10

MVR – 2º c disse...
Aluno atraves da informatica tudo bom estudo... Na minha opinião normal estudo o governo deve incentivar.. E muito facilmente seletivo.. Eu uso campuatdores para Internet... os melhores campuatdores mundo!!.. Na escola seria otimo se nas aulas pudessemos ter este recurso.
MVR
7 de Novembro de 2007 21:19

L- 2º c disse...
toda escola deveria ter mais computador para que os aluno ter mais opodunidade de ter mais aula de computaçao
7 de Novembro de 2007 21:19

LF disse...
Tenho acesso à Internet em casa, mais acharia ótimo se pudessemos ter acesso a Internet durante as aulas, facilitaria as pesquisas para os trabalhos, mais não temos esse acesso porque os computadores da escola estão em´péssimas condições...
7 de Novembro de 2007 21:21

Anônimo disse...
Desejo-lhe um grande dia, que os bem-feitores lhe ampare, tive uma semana corrida, sobrou-me tempo ontem, das 15 ás 23,30, hoje com mais calma, pude entender melhor o texto, que foi de grande vália, não só este mais os outros que olhei rápido, são ótimos, me falta apenas o texto, (9).
H 2º D
12 de Novembro de 2007 09:55

A 3° b é nóis ... disse...
Na minha opinião o governo podia fazer ,muito mais a sua parte modernizando as escolas. Vivem falando q estão todas modernizadas mas é mentira se numa escola tiver 10 computadores só 3 estão funcionando isso é um absurdo Tem é que melhorar muito o nosso incino principalmente na modernização do incino Sobre as aulas no laboradorio de computação elas são muito boas pena q não tem mais computadores para todos
6 de Novembro de 2007 19:45

Anônimo disse...
O incemtivo de usar a Internet nos ensinos fundamentais e do ensino médio dede q naum faça apenas a propaganda dizendo: "AS ESCOLAS PÚBLICA ESTÃO INFORMATIZA!!!“ Assim é facil fazer campanha mas colocar em pratica é melhor ainda!!!!
BMC 3° B
6 de Novembro de 2007 19:46

B 3ªB disse...
essa é utilização coisa estuda da lingua de português que eu fique entendei tudo,como eu entendeu pouco é diferente significado aqui na escola simple do governador é ajuda tudo que eu ficou aprendei,que importante eu vontade estuda com lingua de português.
6 de Novembro de 2007 19:48

WG disse...
O incentivo a ultilizar a Internet é uma otima ideia, mais devido a falta de acesso a maioria dos alunos não terem esse acesso acabam perdendo muita coisa. A ideia da professora em montar um blog e colocar as materias on-line é otima mais muitos alunos não tem o acesso, mesmo na escola pois o acesso não é para todos os alunos por que alguns tem acesso e outros não. O estado poderia disponibilizar mais computadores ou até mesmo montar dentro da escola diversos cursos de informática sendo um deles que poderia incentivar os alunos a se aprimorarem em manutenção de computador que seria Hardware. Pois os proprios alunos saberiam arrumar o computador. Ideias não faltam, mais o estado deveria investir mais ainda na educação de informática.
WG - 3º B
6 de Novembro de 2007 19:50

RE 3ª B disse...
como eu está pouco entendeu por que significado lingua de português,então eu vontade aprendei bom,eu quer um estuda precisa mais bom aprendei modernario,eu vou reforço conhece palavras que a professora me ajuda tudo que bom.
6 de Novembro de 2007 20:05

TVS disse...
tenho acesso ao blog,adorei oque a pressora fez é muito importante mas por trabalha muito acabo ñ tendo tempo p/entra na web.
TVS - 3º b
6 de Novembro de 2007 20:11

Anônimo disse...

Sou aluno do EJA, sobre a metodologia de ensino aplicada com uso de Internet, acho muito importante pois colabora para que o aluno conheça mais aprofundadamente o computador. Nos dias de hoje qualquer atividade é necessario o conhecimento minimo de infromátiva. Somente acho que os alunos de hoje infelizmente nao estao aptos a usarem o micro, pois muitos não tem acesso nem pela escola (faltam aparelhos)entao que seja em casa. Este tipo de ensino é excelente, mas, teria que vir desde a infância, devido a facilidade com que as crianças aprendem.
As atividades sugeridas pela professora em sala de aula foram no começo pouco assimiladas por nós, porém, até que a meu ver melhorou bem.
Para os anos seguintes eu acho que o estudo já deveria começar com acesso a Internet para um melhor aproveitamento de todos.
JM-3º D
7 de Novembro de 2007 14:20

Anexo 4

Questionário de avaliação do uso do *blog* nas aulas de Língua Portuguesa

1.2 Avaliação do uso do *Blog* nas aulas de Língua Portuguesa – 2º Sem 07.

Nome/email: _____ **Turma:** ___

A- Sobre o *Blog*

1. **Em relação ao uso do *Blog*. Você achou?** ☐ **Muito fácil** ☐ **De dificuldade razoável** ☐ **Difícil Por quê?**_____
2. **As explicações que foram dadas para se poder entrar no ambiente foram satisfatórias para o entendimento do *Blog*.** ☐ **Sim** ☐ **Não** ☐ **Em termos Por quê**_____
3. **Você tem alguma sugestão para a melhoria do ambiente?**

B- Sobre a experiência

4. **Você já tinha usado com outros professores algum recurso via computador e Internet?** ☐ **Sim** ☐ **Não Qual disciplina?**_____
5. **Você achou uma forma viável de aprendizado?** ☐ **Sim** ☐ **Não**
   Por quê? _____
6. **Assinale o que considera importante haver num recurso disponível on-line:**
   - ☐ **Dicas para pesquisas.**
   - ☐ **Imagens.**
   - ☐ **Conteúdos (textos, exercícios/atividades propostas etc).**
   - ☐ **Canal de comunicação direto com o professor.**
7. **Você gostaria de fazer uma aula/curso a distância pela Internet?** ☐ **Sim** ☐ **Não**
   Por quê? _____
8. **De modo geral, você poderia falar de sua experiência nesse semestre.**

Anexo 5

Conteúdo temático do *blog Minhas Aulas*

Conteúdo temático do *Blog* Minhas Aulas

1. **Atividade 2 EJA - Nov.2007**
2. **A Poesia Parnasiana**
3. **A importância da pontuação**
4. **A Contemporaneidade**
5. **Atividade 3os**
6. **Um RESUMO dos Movimentos Literários e suas características...**
7. **Versos, estrofes, métricas**
8. **Realismo**
9. **Machado de Assis (1)**
10. **Machado de Assis (2)**
11. **Dom Casmurro, resumo da história**
12. **O Realismo de Machado de Assis**
13. **Características do gênero literário**
14. **Literatura Oral**
15. **ATIVIDADE MENSAL/FINAL - 2os.EJA**
16. **ATIVIDADE MENSAL/FINAL - 3os.EJA**
17. ***Senhora***
18. **José de Alencar**
19. **Memórias**
20. **Narrador**
21. **Fábula**
22. **Produção Textual - Competências avaliadas**
23. **Tecendo a trama textual.... com coerência e coesão...**
24. **Teste VestibUOL**
25. **Veja dicas sobre autores e movimentos literários**
26. **Qual a ligação entre a Literatura e a Produção textual...**
27. **Análise da obra A HORA DA ESTRELA de Clarice Lispector...**
28. **MACUNAÍMA E A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA BRASILEIRA**
29. **Folha de SP, 30/09/07: Ilustrada.**
30. **O polêmico acordo de unificação ortográfica. Confira...**
31. **Regionalismo - Literatura das peculiaridades do Br...**
32. **Viagem - Análise do livro de Cecília Meireles**
33. **Poesia modernista - Tudo pode servir de tema**
34. **Mário de Andrade cria uma metáfora do Brasil - Mac...**
35. **A Rosa do Povo - Drummond**
36. **Como ler um texto (Andréa Machado e Edson Teixeira)...**
37. **Vidas Secas**
38. **Guimarães Rosa e o universalismo filosófico do ser...**
39. **Guimarães Rosa**
40. **http://www.youtube.com/watch?v=i-_pgqvmKrw**
41. **Narrador e Eu poético**
42. **Obras anônimas, apócrifas, direitos autorais**
43. **A LITERATURA CONTEMPORÂNEA**
44. **Simplesmente Vinícius de Morais**
45. **A Poesia Modernista**
46. **A dialética iluminada de Drummond**
47. **Simplesmente Drummond**
48. **2a Fase do Modernismo - A Prosa de Jorge Amado**
49. **Modernismo - Retirantes, Portinari**
50. **Figuras de Linguagem - Dando uma força à expressão...**
51. **José Lins do Rego e o ciclo da cana-de-açúcar**
52. **2a Fase do Modernismo - A Prosa**
53. **Modernismo Português- Fernando Pessoa**
54. **Teoria literária: o romance**
55. **Continuação da » Teoria literária: o romance**
56. **Cláudio Manuel da Costa - Nosso poeta neoclássico**
57. **Basílio da Gama - "O Uraguai": uma epopéia brasileira...**
58. **Arcadismo no Brasil - Poetas mineiros se transformam...**
59. **Barroco a céu aberto - Escola artística dos séculos...**
60. **Barroco no Brasil**
61. **Afinal, o que é literatura?**
62. **Fernando Pessoa**

63. **O Navio Negreiro - Castro Alves**
64. **Camões**
65. **Eça de Queiroz**
66. **Trovadorismo**
67. **Gil Vicente**
68. **Literatura do Brasil**
69. **O que é um Poema?**

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo